

DM

**Supervisão Pedagógica  
em Contextos Não Formais de Educação Sénior**  
Que contributos?  
Um estudo numa Universidade Sénior da RAM

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Mariana Filipa Nascimento Rodrigues**

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - SUPERVISÃO PEDAGÓGICA



UNIVERSIDADE da MADEIRA

*A Nossa Universidade*  
www.uma.pt

setembro | 2018

**Supervisão Pedagógica  
em Contextos Não Formais de Educação Sénior**  
Que contributos?  
Um estudo numa Universidade Sénior da RAM  
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Mariana Filipa Nascimento Rodrigues**  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

ORIENTAÇÃO  
Maria Fernanda Baptista Pestana Gouveia



Faculdade de Ciências Sociais  
Departamento de Ciências da Educação

**Supervisão Pedagógica em contextos não formais de Educação Sénior: que  
contributos? Um estudo numa Universidade Sénior da RAM**

Dissertação apresentada à Universidade da Madeira para obtenção do grau de Mestre em  
Ciências da Educação – Supervisão Pedagógica

Por:

Mariana Filipa Nascimento Rodrigues

Sob a orientação de:

Maria Fernanda Baptista Pestana Gouveia

Funchal, 2018

## **Agradecimentos**

Ao meu eterno orgulho, à minha mãe Agostinha, que sempre me incentivou a lutar pelos meus sonhos, acreditando em mim e nas minhas capacidades, fazendo sacrifícios para garantir o melhor, o meu eterno agradecimento.

Ao homem mais trabalhador que já conheci, meu pai Luís, ensinou o poder do trabalho árduo, da honestidade e da dedicação aos que mais amamos.

Ao meu “mano” Daniel que sempre esteve presente nos bons e nos maus momentos, por ter apoiado neste longo caminho e por ter aturado o meu mau humor, muito obrigada!

Ao Rodolfo, o meu namorado, amigo e companheiro, que suportou todos os problemas e ajudou a superá-los.

À minha amiga sofia, pequena de tamanho, mas grande de coração, convenceu-me a embarcar nesta aventura e ajudou-me em todo o processo para garantir o meu sucesso.

À minha orientadora, Fernanda Baptista, por ter aceite este desafio e por ter ajudado a ultrapassá-lo.

À Direção da escola por demonstrar total disponibilidade para o meu estudo.

Ao coordenador do projeto que auxiliou em tudo o que foi possível.

A todos os alunos e professores que participaram nesta investigação, garantindo a sua realização.

A todos os que contribuíram direta e indiretamente para que tudo isto fosse possível,

**O meu eterno obrigada!**

## Resumo

A presente investigação “Supervisão Pedagógica em contextos não formais de Educação Sénior: que contributos? Um estudo numa Universidade Sénior da RAM” pretende compreender como é que a supervisão é desenvolvida e qual a sua importância em contextos não formais da educação, nomeadamente numa Universidade Sénior.

Com o aumento da população idosa nos últimos séculos tornou-se necessário criar ferramentas para torná-los ativos na sociedade. Então surgiram as universidades seniores que vieram dar a esta população uma nova experiência e uma nova vivência a estes. Mas para garantir o bom funcionamento e os interesses dos alunos é necessário a ajuda e a cooperação entre todos e de esta forma surge a supervisão no mundo não formal da educação.

No que concerne à metodologia escolhida para a realização deste estudo foi escolhido a investigação de natureza qualitativa com base no estudo de caso. A entrevista semiestruturada e a análise documental foram as técnicas de recolha de dados adotada, por permitir obter direta e imediatamente a informação pretendida, junto dos sujeitos da investigação (três alunos, cinco professores e o coordenador do projeto). Para a análise dos dados implementou-se a análise de conteúdo e a triangulação de dados.

A partir das percepções recolhidas junto dos participantes da investigação e de uma análise crítica e cuidada, foi possível responder às questões da investigação e depreender que o papel do coordenador neste projeto é de coordenador. Este coordenador ajuda todos os envolvidos, programa todo o projeto e ainda orienta e guia os professores.

**Palavras-chave:** Supervisão Pedagógica, Educação não-formal, Educação sénior, Envelhecimento, Universidade Sénior.

## Abstract

The present research "Pedagogical Supervision in non-formal contexts of Senior Education: in what contributions? A study at a RAM Senior University "aims to understand how supervision is developed and how important it is in non-formal contexts of education, particularly in a Senior University.

With the increase of elderly population in recent centuries it has become necessary to create tools to make them active in society. Senior universities then emerged to give this section of the population a new experience and a new living to them. But in order to ensure the good functioning and interests of the students it is necessary the mutual aid and the cooperation among all and in this way the supervision in the non-formal arises in the world of the education.

The methodology chosen for this study was qualitative research and the semi structured interview and the documentary analysis were the data collection techniques adopted, in order to obtain directly and immediately the information required, from the research subjects (three students, five teachers and the project coordinator). Data analysis and data triangulation were implemented to analyze the data.

From the perceptions gathered from the research participants and from a critical and careful analysis, it was possible to answer the research questions and to understand that the role of the supervisor in this project is of a coordinator. This coordinator helps everyone involved, plans the entire project, and orientates and guides the teachers.

**Key words:** Pedagogical supervision, Non-formal education, Senior education, Aging, Senior University.

## Resumé

La présente recherche "Supervision pédagogique dans des contextes non formels de l'enseignement supérieur: quelles contributions? Une étude dans une université senior Dans la Région Autonome de Madère" vise à comprendre comment la supervision est développée et à quel point elle est importante dans les contextes non formels de l'éducation, en particulier dans une université Sénior.

Avec l'augmentation de la population âgée au cours des derniers siècles, il est devenu nécessaire de créer des outils pour les rendre actifs dans la société. Ensuite, il y a eu les universités les plus âgées qui sont venues donner à cette population une nouvelle expérience et une nouvelle expérience. Mais pour assurer le bon fonctionnement et les intérêts des étudiants, il est nécessaire que l'entraide et la coopération entre tous suscitent une surveillance dans le monde non formel de l'éducation.

En ce qui concerne la méthodologie choisie pour la réalisation de cette étude, une recherche qualitative a été choisie sur la base de l'étude de cas. L'interview semi-structurée et l'analyse documentaire ont été les techniques de collecte de données adoptées afin d'obtenir directement et immédiatement les informations demandées par les sujets de recherche (trois étudiants, cinq enseignants et le coordinateur du projet). L'analyse des données et la triangulation des données ont été mises en œuvre pour analyser les données.

Des perceptions recueillies auprès de participants à la recherche et un examen et une analyse minutieuse, il était possible de répondre aux questions de recherche et de conclure que le rôle du superviseur dans ce projet est le coordinateur. Le coordonnateur aide toutes les personnes impliquées, programme l'ensemble du projet et guide encore et guider les enseignants.

**Mots clés:** Supervision pédagogique, éducation non formelle, enseignement supérieur, vieillissement, université senior.

## Resumen

La presente investigación "Supervisión Pedagógica en contextos no formales de Educación Senior: ¿qué contribuciones? Un estudio en una Universidad Senior de la RAM" pretende comprender cómo se desarrolla la supervisión y cuál es su importancia en contextos no formales de la educación, en particular en una Universidad Senior.

Con el aumento de la población anciana en los últimos siglos se ha vuelto necesario crear herramientas para hacerlos activos en la sociedad. Entonces surgieron las universidades mayores que vinieron a dar a esta población una nueva experiencia y una nueva vivencia a éstos. Pero para garantizar el buen funcionamiento y los intereses de los alumnos es necesaria la ayuda mutua y la cooperación entre todos y de esta forma surge la supervisión en el mundo no formal de la educación.

En lo que concierne a la metodología elegida para la realización de este estudio fue escogido la investigación de naturaleza cualitativa con base en el estudio de caso. La entrevista semiestructurada y el análisis documental fueron las técnicas de recogida de datos adoptadas, por permitir obtener directa e inmediatamente la información pretendida, junto a los sujetos de la investigación (tres alumnos, cinco profesores y el coordinador del proyecto). Para el análisis de los datos se implementó el análisis de contenido y de triangulación de datos.

A partir de las percepciones recogidas de los participantes de la investigación y de un análisis crítico y cuidadoso, fue posible responder a las preguntas de la investigación y deducir que el papel del supervisor en este proyecto es de coordinador. Este coordinador ayuda a todos los involucrados, programa todo el proyecto y aún orienta y guía a los profesores.

**Palavra clave:** Supervision Pedagógica, Educación no Formal, Educación Senior, Envejecimiento, Universidad Mayores

## Sumário

|   |            |
|---|------------|
| <i>Agradecimentos</i> .....                       | <i>I</i>   |
| <i>Resumo</i> .....                               | <i>II</i>  |
| <i>Abstract</i> .....                             | <i>III</i> |
| <i>Resumé</i> .....                               | <i>IV</i>  |
| <i>Resumen</i> .....                              | <i>V</i>   |
| <i>Sumário</i> .....                              | <i>VI</i>  |
| <i>Índice de tabelas</i> .....                    | <i>IX</i>  |
| <i>Índice de figuras</i> .....                    | <i>X</i>   |
| <b>Introdução</b> .....                           | <b>1</b>   |
| <b>I Parte- Organização da investigação</b> ..... | <b>4</b>   |
| Problema.....                                     | 5          |
| Questões de investigação.....                     | 5          |
| Objetivos da investigação.....                    | 6          |
| Objetivo geral.....                               | 6          |
| Objetivos específicos.....                        | 6          |
| <b>II Parte- Fundamentação teórica</b> .....      | <b>7</b>   |
| Supervisão Pedagógica.....                        | 8          |
| Supervisor Pedagógico.....                        | 14         |
| Envelhecimento.....                               | 16         |
| Modelos para compreender o envelhecimento.....    | 21         |
| Diferenças entre envelhecimento e velhice.....    | 24         |
| Reforma.....                                      | 25         |
| Educação ao longo da vida.....                    | 27         |

|  |           |
|--|-----------|
| Educação Sénior.....                                       | 31        |
| Perfil do educador sénior .....                            | 34        |
| Universidade de Terceira Idade (UTI).....                  | 35        |
| Modelos de funcionamento da UTI em Portugal.....           | 39        |
| Gerontologia .....   | 40        |
| Gerontologia Educativa .....                               | 41        |
| <b>III Parte- Metodologia.....</b>                         | <b>44</b> |
| Investigação qualitativa .....                             | 45        |
| Estudo de caso.....  | 47        |
| Sujeitos da investigação.....                              | 49        |
| Local de investigação.....                                 | 51        |
| <b>Técnicas e instrumentos de recolha de dados.....</b>    | <b>52</b> |
| Entrevistas semiestruturadas.....                          | 52        |
| Análise documental.....                                    | 54        |
| Análise e tratamento de dados .....                        | 55        |
| Análise de conteúdo.....                                   | 56        |
| Triangulação .....   | 57        |
| <b>IV- Análise de dados e discussão de resultados.....</b> | <b>59</b> |
| <b>Análise e interpretação dos dados .....</b>             | <b>60</b> |
| Entrevistas aos alunos .....                               | 60        |
| Entrevistas aos professores .....                          | 65        |
| Entrevista ao coordenador.....                             | 75        |
| <b>Discussão dos resultados.....</b>                       | <b>83</b> |
| <b>Considerações finais.....</b>                           | <b>89</b> |
| <b>Referências.....</b>                                    | <b>91</b> |

|  |            |
|--|------------|
| <b>Anexos .....</b>  | <b>99</b>  |
| Anexo 1- Estatuto da USGZ .....  | 100        |
| <b>Apêndices .....</b>   | <b>104</b> |
| Apêndice 1- Guião da entrevista ao coordenador .....                   | 105        |
| Apêndice 2- Guião das entrevistas aos professores .....                | 106        |
| Apêndice 3- Guião das entrevistas aos alunos .....                     | 107        |
| Apêndice 4- Transcrição da entrevista ao coordenador .....             | 108        |
| Apêndice 5- Transcrição da entrevista ao Professor 1 .....             | 125        |
| Apêndice 6- Transcrição da entrevista ao Professor 2 .....             | 128        |
| Apêndice 7- Transcrição da entrevista ao Professor 3 .....             | 131        |
| Apêndice 8- Transcrição da entrevista ao Professor 4 .....             | 136        |
| Apêndice 9- Transcrição da entrevista ao Professor 5 .....             | 143        |
| Apêndice 10- Transcrição da entrevista ao Aluno 1 .....                | 151        |
| Apêndice 11- Transcrição da entrevista ao Aluno 2 .....                | 154        |
| Apêndice 12- Transcrição da entrevista ao Aluno 3 .....                | 156        |
| Apêndice 13- Análise de conteúdo das entrevistas aos alunos .....      | 160        |
| Apêndice 14- Análise de conteúdo das entrevistas aos professores ..... | 166        |
| Apêndice 15- Análise de conteúdo da entrevista ao coordenador .....    | 177        |
| Apêndice 16- Análise do documento “Estatuto da USGZ” .....             | 190        |

## Índice de tabelas

|   |    |
|---|----|
| <b>Tabela 1-</b> Montantes mínimos da pensão de velhice .....             | 27 |
| <b>Tabela 2-</b> Dados dos sujeitos da investigação.....                  | 50 |
| <b>Tabela 3-</b> Análise de conteúdo das entrevistas aos alunos.....      | 60 |
| <b>Tabela 4-</b> Análise de conteúdo das entrevistas aos professores..... | 66 |
| <b>Tabela 5-</b> Análise de conteúdo da entrevista ao coordenador.....    | 75 |

## Índice de figuras

|  |    |
|--|----|
| <b>Figura 1-</b> Determinantes do Envelhecimento Ativo (Ribeiro e Paúl, 2011, p.3).....                              | 23 |
| <b>Figura 2-</b> Os três pilares de estrutura política para o Envelhecimento Ativo (Ribeiro e Paúl, 2011, p.4) ..... | 24 |
| <b>Figura 3-</b> 4 Pilares da educação de Jacques Delors (adaptados ao ciclo de vida) (Fragoso, 2012a, p.31) .....   | 32 |
| <b>Figura 4-</b> Tríplice classificação dos conteúdos da Gerontologia Educativa (Fragoso, 2012a, p.26) .....         | 41 |
| <b>Figura 5-</b> Procedimentos do estudo de caso (Sousa, 2009, p.141) .....  | 48 |

## Introdução

O presente tema surge através de uma área de interesse que é a educação sénior e da área em que este mestrado se insere que é a Supervisão Pedagógica. O intuito do mesmo consiste em compreender como é que a supervisão é desenvolvida e qual a sua importância em contextos não formais da educação numa Universidade Sénior da RAM através da realização de entrevistas aos professores, aos alunos e ao coordenador.

Nos dias de hoje, deparamo-nos com o aumento da população idosa devido aos constantes progressos científicos e tecnológicos que têm ocorrido nestas últimas décadas. Também com o aumento da imigração, do isolamento e da solidão nesta faixa etária aumentou substancialmente. Por estas razões foi necessário adaptar a sociedade aos mais velhos e oferecer ferramentas aos idosos para que estes se sintam úteis na sociedade.

Uma dessas ferramentas é a educação. Através da educação existe um combate à solidão e ao isolamento devido às universidades seniores, os idosos acabam por se tornar mais capazes e confiantes de si mesmos.

Estas universidades surgiram com o intuito de oferecer aos idosos atividades que garantem o seu desenvolvimento psicomotor e acabam por ajudar na diminuição da solidão e das doenças que é tão frequente nesta idade.

Para garantir que estas atividades e que todo o funcionamento da universidade está em concordância com os alunos é necessário alguém que assuma essa função de coordenador e supervisor do projeto. Desta forma surge a supervisão pedagógica em contextos não formais da educação.

Este supervisor nos contextos não formais deve ter como objetivo principal o aumento das capacidades dos professores tanto a nível pessoal como a nível profissional, para que estes sejam capazes de tomar melhores decisões na sua prática e na sua ação para garantir uma melhor aprendizagem por parte dos idosos.

Devido a estes fatores que foram enumerados anteriormente surgiu a seguinte questão de investigação: “Qual é o papel do supervisor pedagógico nos contextos não formais de educação, designadamente numa Universidade Sénior da RAM?”

Fora a questão primária, ainda surgiram as seguintes questões secundárias que são: “Que tipo de supervisão existe numa Universidade Sénior?”, “De que modo se processa a supervisão numa Universidade Sénior?”, “Quais são os contributos da Supervisão Pedagógica na

Universidade Sénior?”, “Qual é o papel do supervisor pedagógico?” e “Será que a existência de supervisão garante o bom funcionamento da universidade?”.

Nesta investigação foi adotada uma metodologia qualitativa, com base no estudo de caso. Teve como sujeitos de investigação o coordenador do projeto da universidade sénior, cinco professores que exerciam funções na mesma e três alunos.

Esta investigação está organizada em quatro partes, que são: definição do problema, fundamentação teórica, metodologia e análise de dados. A primeira parte subdivide-se em três, que são: problema, questões de investigação e objetivos da investigação.

A segunda parte alude para à parte teórica e divide-se em seis capítulos: Supervisão Pedagógica, Envelhecimento, Reforma, Educação ao longo da vida, Educação Sénior e Gerontologia.

Relativamente à segunda parte, fundamentação teórica, foi utilizados os seguintes autores para abordar o capítulo da “Supervisão Pedagógica”: Vieira (1993); Alarcão (2003); Ribeiro (2000); Viveiros e Medeiros (2005); Alarcão e Tavares (2003) e Alarcão e Canha (2013).

O capítulo do “Envelhecimento” divide-se em duas subcategorias que são: “Modelos para compreender o envelhecimento” e “Diferenças entre envelhecimento e velhice”. Para fundamentar este ponto recorreremos a autores como: Medeiros (2014); Ribeiro (2014); Miúdo e Fialho (2014); Monteiro e Neto (2008); Simões (2006); Ribeirinho (2005); Fragoso (2012b); Prado (2012); Ribeiro e Paúl (2011) e Vaz, Silva e Sousa (2003).

No que alude ao capítulo da “Reforma” os autores usados foram: Bize e Vallier (1986) e o Centro Nacional de Pensões. No que concerne ao capítulo da “Educação ao longo da vida”, os autores utilizados foram Toffler (s.d.); Freire (2009), UNESCO (2010), Azeredo (2016) e Monteiro e Neto (2008).

No seguinte capítulo da fundamentação teórica, “Educação Sénior”, foram empregados os seguintes autores: Pinto (2008), Fragoso (2012a), Antunes (2001), Loureiro (2013), Veloso (2004), e RUTIS (s.d.). O último capítulo desta segunda parte, “Gerontologia”, foram utilizados Fernandez-Ballesteros (2009), Fragoso (2012a) e Jacob e Fernandes (2011).

A terceira parte da investigação alude para a metodologia e está dividida em cinco subcapítulos nomeadamente: “Investigação qualitativa”, “Estudo de caso”, “Sujeitos da investigação”, “Técnicas e instrumentos de recolha de dados” e “Entrevistas semiestruturadas”.

Os principais autores utilizados foram: Sousa (2009), Bento (2015), Fortin (2009), Bogdan e Biklen (1994), Lopes (2008), Amado (2014) e Bell (2004).

Para responder às questões de investigação foi necessário realizar entrevistas e utilizar a análise documental. Na análise dos dados recolhidos foi realizado a triangulação, a análise de conteúdo e a análise documental.

A quinta parte da investigação diz respeito ao trabalho de campo, nomeadamente à recolha, ao registo, a análise e à triangulação dos dados. Pretendeu-se com estas entrevistas aos alunos, professores e ao coordenador compreender como é que a supervisão é desenvolvida e qual a sua importância em contextos não formais da educação numa Universidade Sénior.

Por último é apresentado as considerações finais. O envelhecimento é visto como um problema na nossa sociedade e sendo a educação um ponto crucial para oferecer uma melhor vida aos mais velhos, ao longo das entrevistas, podemos constatar que as universidades são muito importantes e deveria haver mais apostas nestes projetos sociais.

## **I Parte- Organização da investigação**

## **Problema**

Atualmente deparamo-nos com o aumento da população idosa devido aos progressos científicos e tecnológicos que têm ocorrido nestas últimas décadas. Por estas razões surgiu a necessidade de adaptar a sociedade aos idosos como também foi necessário dar aos idosos ferramentas para que se sintam úteis na sociedade.

Uma dessas ferramentas é a educação. Através da educação os idosos tornam-se mais capazes e confiantes de si mesmos porque sentem que são úteis e não tão solitários, ou seja, têm um envelhecimento ativo. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2002, p.12) o envelhecimento ativo “is the process of optimizing opportunities for health, participation and security in order to enhance quality of life as people age” e permite às pessoas “realize their potential for physical, social, and mental well-being throughout the life course and to participate in society, while providing them with adequate protection, security and care when they need”.

Para oferecer aos idosos uma educação, uma formação e um envelhecimento mais ativo surgiram as universidades seniores. Estas universidades juntaram a integração do idoso na sociedade, aprendizagem ao longo da vida, as relações inter-geracionais, a transmissão e aquisição de conhecimentos, as competências sociais, a melhoria da autoestima, o convívio e o divertimento à imagem que tinham nos anos 80 de ocupação de tempos livres.

Mas para ter a certeza que estas têm em conta os interesses dos idosos e que há um bom funcionamento da mesma é necessário existir uma ligação entre professores, idosos, direção e os conteúdos programáticos daí a necessidade de existir um supervisor pedagógico.

Este supervisor deve ter como objetivo principal o aumento das capacidades dos professores tanto a nível pessoal com a nível profissional, para que estes sejam capazes de tomar melhores decisões na sua prática e na sua ação, desta forma pode haver uma melhor aprendizagem por parte dos idosos (Alarcão & Tavares, 2003).

Devido a estes fatores enumerados surgiu a seguinte questão de investigação:

- Qual é o papel do supervisor pedagógico nos contextos não formais de educação, designadamente numa Universidade Sénior da RAM?

## **Questões de investigação**

Tendo em conta o tema da investigação, surgiram as seguintes questões:

- Que tipo de supervisão existe numa Universidade Sénior?

- De que modo se processa a supervisão numa Universidade Sénior?
- Quais são os contributos da Supervisão Pedagógica na Universidade Sénior?
- Qual é o papel do supervisor pedagógico?
- Será que a existência de supervisão garante o bom funcionamento da universidade?

## **Objetivos da investigação**

### **Objetivo geral**

O objetivo geral desta investigação é:

- Compreender os processos de supervisão pedagógica desenvolvidos em contextos não formais de educação numa Universidade Sénior da RAM.

### **Objetivos específicos**

Os objetivos específicos desta investigação são:

- Compreender o tipo de supervisão desenvolvida pelo supervisor da universidade;
- Aclarar o papel do supervisor pedagógico na Universidade Sénior;
- Aferir se o trabalho realizado pelo supervisor garante o bom funcionamento da Universidade;
- Verificar os contributos da supervisão na universidade;
- Analisar o ambiente educacional vivido na Universidade Sénior.

## **II Parte- Fundamentação teórica**

## **Supervisão Pedagógica**

O termo Supervisão Pedagógica, em Portugal, sofreu várias transformações ao longo dos anos, mas a partir dos anos 80 passou a ter mais visibilidade. Nesta década surge um novo significado para a Supervisão. Esta tornou-se num processo onde o supervisor tem um papel de auxiliar e colega do professor com o objetivo de ajudar a desenvolver as capacidades do mesmo.

O conceito de Supervisão Pedagógica possui variadas definições de diversos autores, mas apesar de haver esta diversidade de aceções, ainda existe uma certa resistência em usá-la devido às associações com as palavras “chefia”, “dirigismo”, “imposição” e “autoritarismo” (Vieira,1993).

Estas diversidades de conceitos têm um papel importante pois é através destes que existe uma maior compreensão do desenvolvimento profissional e pessoal dos professores como também há uma melhoria das instituições educativas. Segundo Alarcão (2003), “a supervisão é uma atividade cuja finalidade visa o desenvolvimento profissional dos professores, na sua dimensão de conhecimento e de ação, desde uma situação pré-profissional até uma situação de acompanhamento no exercício da profissão e na inserção na vida da escola” (pp.70-71). Para Vieira (1993), a supervisão pretende atingir a prática pedagógica do professor, a monitoração dessa prática e todos os processos da supervisão são a reflexão e a experimentação.

Já Alarcão e Roldão (2009, p. 54) afirmam que a supervisão é “a criação e sustentação de ambientes promotores da construção e do desenvolvimento profissional num percurso sustentado, de progressivo desenvolvimento da autonomia profissional”.

A supervisão pode seguir duas modalidades, a formativa estimula o desenvolvimento e a aprendizagem das pessoas e das instituições e a segunda tem uma natureza mais punitiva ou preventiva, ou seja, tem um cariz mais inspetivo e fiscalizador (Alarcão & Canha, 2013).

O ato de supervisionar envolve sempre as ideias de entreaajuda, a monitoração e o encorajamento para que cada professor consiga dar o melhor de si quando se depara com problemas, para isso o supervisor tem de estar em constante interação com o professor e com os outros através de estratégias de observação, reflexão e ação. Segundo Ribeiro (2000), “o supervisor deverá reflectir sobre os dados que recolhe, auto-avaliando-se sistematicamente, de modo a corrigir e a melhorar as suas competências pedagógicas (...) promovendo (...) o sucesso (...) dos candidatos a professores, bem como o seu próprio sucesso profissional” (p.90).

Esta supervisão deve ter como finalidade de regular e apoiar o processo formativo, ou seja, deve prepara-se para: atuar em situações complexas que exigem adaptabilidade, observar criticamente, problematizar e pesquisar, dialogar, experienciar diferentes papéis e ter um autoconhecimento dos saberes e das práticas (Alarcão & Roldão, 2010).

O reconhecimento da supervisão no processo de formação é importantíssimo pois a supervisão é uma “actividade de apoio, orientação e regulação aparece como uma dimensão de formação com grande relevância, não obstante a heterogeneidade das suas práticas” (Ibid, p. 56).

Segundo a perspectiva de Viveiros e Medeiros (2005), na supervisão pedagógica existem os seguintes modelos: o modelo de supervisão dualista, o modelo de supervisão relativista e o modelo de supervisão reflexivo.

Estes modelos servem “como ponto de partida que auxilia na predição de resultados, num processo contínuo e dinâmico de desenvolvimento de competências” (Oliveira-Formosinho, 2002, p. 22). Estes foram criados conforme os seus objetivos, os pressupostos teóricos, os princípios e conceitos principais, a sintaxe, o sistema social, os princípios de reação e as condições de apoio.

Os modelos podem servir de janelas com o intuito de expandir as coisas, solucionar e fornecer respostas aos problemas mas também podem servir de muros pois podem limitar “para nos obstruir a visão de outras concepções da realidade, de outras percepções e de outras alternativas” (Ibid, p. 26).

No modelo de supervisão dualista, os professores ou formandos não têm iniciativa própria e aprendem através da imitação, ou seja, é “um modelo de supervisão em que estes aprendem a fazer imitando as técnicas empregues pelo professor orientador/supervisor, acreditando que, fruto da experiência do mestre, esta é a única forma de obter sucesso educativo” (Viveiros & Medeiros, 2005, p.47).

No modelo de supervisão relativista, o supervisor orienta e ajuda o professor a encontrar a teoria mais adequada para a resolução do problema, desta forma a escola torna-se um campo de experimentação de teorias de ensino e de aprendizagem (Ibid).

No modelo de supervisão reflexivo, a supervisão é vista “como um processo de desenvolvimento das competências profissionais construído a partir de um diálogo constante entre a teoria e a prática (Ibid, p.49). O supervisor neste modelo é alguém que ajuda no desenvolvimento profissional e pessoal do professor através da procura de significados para as atitudes e opções para o mesmo, identifica problemas e planifica de estratégias. A reflexão permite a auto-

supervisão, ou seja, existe uma reflexão acerca das práticas educativas dentro e fora da sala de aula, a gestão dos programas e currículos e “a forma como os nossos alunos assumem a sua própria aprendizagem (metacognição), obviamente sob cuidada e atenta supervisão” (Sá-chave & Amaral, 2000, p. 84).

Na Supervisão Pedagógica existe nove cenários que são: o cenário da imitação artesanal, o cenário da aprendizagem pela descoberta guiada, o cenário behaviorista, o cenário clínico, o cenário psicopedagógico, o cenário pessoalista, o cenário reflexivo, o cenário ecológico e cenário dialógico (Alarcão & Tavares, 2003).

No cenário de imitação artesanal para ser um bom docente era necessário seguir as diretrizes do mestre e a inovação era algo negativo para a eficácia da ação educativa, “era a passagem do saber-fazer de geração em geração como uma forma de perpetuar a cultura; era o modelo do artífice medieval a ser “moldado” pelo artesão e a ser, através dele, “socializado” (Ibid, p. 17). O professor era o mestre, o modelo que transmitia a aprendizagem aos futuros professores através da imitação pois estava bem patente neste modelo as ideias de autoridade e imutabilidade do saber.

No cenário da aprendizagem pela descoberta guiada houve a substituição da imitação do professor modelo para o conhecimento analítico dos modelos de ensino, ou seja, o futuro professor tinha de ter conhecimento dos modelos teóricos e se fosse possível tinha de observar diferentes professores em diferentes situações antes do seu estágio. O autor J. Dewey distinguiu dois objetivos para a prática do professor neste cenário. O primeiro objetivo remetia para a concretização da componente teórica para torna-la mais real e a segunda era “permitir que os professores desenvolvam as “ferramentas” necessárias à execução da sua profissão” (Ibid, 2003, p.19).

Segundo Dewey (citado por Alarcão & Tavares, 2003), inicialmente o professor tinha de ser capaz de observar, intuir e refletir e a sua prática pedagógica deveria ser gradual, primeiro deveria haver observação e integração de algumas atividades progressivamente mais complexas (como exemplo: participação nalgumas tarefas de ensino ou seleção e organização de algumas unidades) até chegar ao ensino total. É necessário salientar que era defendido um supervisão menos rígida para dar mais capacidade de imaginação e espírito de autocrítica.

O cenário behaviorista foca-se foi introduzido uma técnica psicopedagógica nova que é o microensino. Este tipo de ensino consistia na “redução do tempo de aula e da limitação do conteúdo

e número de alunos, a variedade e a contiguidade do feedback proveniente de várias fontes (...), a incidência no desenvolvimento de uma só competência, a ausência de avaliação sumativa...” (Ibid, p.22).

Esta técnica na pretendia substituir o estágio mas preparar o professor para o seu estágio para que este fosse capaz de identificar, na atuação dos seus supervisores, os bons e os maus momentos. A atuação do professor-modelo na sala de aula foi substituída pela observação de uma miniaula gravada, mas deveriam ter apostado na discussão com o professor e não numa “espécie de manual com instruções que ajudam o formando a observar a lição” (Ibid, p. 22).

O maior perigo que existe nesta técnica é a descontextualização das competências “que pretende treinar, muitas vezes apresentadas são formando como competências isoladas, sem interrelação umas com as outras e pior, do que isso, sem relação com a tarefa de ensinar” (Ibid, p.23).

No cenário clínico houve três autores que se destacaram que são M. Cogan, R. Goldhammer e R. Anderson. Estes fizeram este modelo em que o professor fosse o “o agente dinâmico, relegando para o supervisor a missão de o ajudar a analisar e a repensar o seu próprio ensino” (Ibid, p. 24).

Neste cenário surgiu um novo processo, a colaboração, ou seja, a “colaboração entre professor e supervisor com vista ao aperfeiçoamento da prática docente com base na observação e análise das situações reais de ensino.” (Ibid, pp. 25- 26). O professor deve solicitar a colaboração do supervisor para superar as dificuldades e o supervisor deve assumir o papel de colega, disponibilizando-se para apoiá-lo e para ajudá-lo a superar as dificuldades sentidas na profissão.

Deste modo, podemos afirmar que colaboração é: “um instrumento para o desenvolvimento”, “implica um processo de realização que envolve várias pessoas, exigindo um certo teor de acerto do pensamento, negociação de objetivos, partilha das responsabilidades e proporcionar benefícios para todos os intervenientes” e “assenta em atitudes individuais de disponibilidade para acolher o saber e a experiência de outros e para evoluir na interação com eles questionando o próprio conhecimento” (Alarcão & Canha, 2013, p. 49).

O cenário psicopedagógico foi fortemente afetado pelas teorias de aprendizagem e de desenvolvimento de Piaget, Skinner, Ausubel, Rogers, Vygostsky e Bruner, é um dos cenários que dá importância ao desenvolvimento do ser e da pessoa.

Neste cenário o supervisor tem como missão principal de “ensinar conceitos, ajudar o professor a desenvolver capacidades e competências, ensiná-lo a explorar os conhecimentos que dispõe para resolver os problemas que a actuação docente lhe apresenta e também ele deve fazê-lo num clima de encorajamento” (Alarcão & Tavares, 2003 p.29). Os professores têm de desenvolver as capacidades de resolução de problemas e a capacidade de tomar decisões conscientes para que haja uma adaptação e acomodação das exigências da vida e do meio ambiente (Ibid).

O ciclo de supervisão neste cenário consiste em três etapas: a primeira remete para a preparação das aulas, a segunda alude para a discussão da aula e a última menciona a avaliação do ciclo de supervisão. As duas primeiras etapas subdividem-se em dois pontos que são a planificação e a interação (Ibid).

No cenário pessoalista existe uma maior importância ao desenvolvimento da pessoa e uma reflexão sobre o “eu”, “a formação de professores deve atender ao grau de desenvolvimento dos professores em formação, às suas percepções, sentimentos e objectivos; deve organizar vivências e ajudar os professores a reflectir sobre elas e suas consequências...” (Ibid, p.34).

Neste cenário a preocupação pela observação do comportamento do professor deu lugar a uma observação objetiva-subjetiva que “visa não só o acontecimento nos seus efeitos e causas externas, mas também a percepção que dele têm os intervenientes e a sua integração no contexto da situação” (Ibid, p. 34).

No cenário reflexivo, Donald Schon tornou-se o principal autor deste cenário tendo influência o autor Dewey. Este cenário “baseia-se no valor da reflexão *na* e *sobre* a acção com vista à construção situada do conhecimento profissional que apelidou de epistemologia da prática”(Ibid, p.35). Esta abordagem é necessário ter atenção à imprevisibilidade dos contextos de acção e na compreensão da atividade profissional pois é necessário ter uma atuação inteligente, flexível, situada e reativa.

Aqui o professor age conforme o seu grau de experiência e deve ser capaz de pensar para levar os alunos a fazer o mesmo, “este cenário combina a acção, experimentação e reflexão sobre a acção, ou seja, reflexão dialogante” (Ibid, p. 35).

No cenário ecológico, inspirado no modelo de desenvolvimento de Bronfenbrenner, existe uma interação entre o contexto e o sujeito. O contexto, neste cenário, torna-se um elemento fundamental, “tomam-se em consideração as dinâmicas sociais e, sobretudo, a dinâmica do

processo sinérgico que se estabelece na interação que se cria entre a pessoa, em desenvolvimento, e o meio que a envolve, também ele em permanente transformação” (Ibid, p.37).

Existem três aspetos importantes neste cenário: o primeiro “diz respeito à homologia entre o desenvolvimento próprio do professor e educador e o desenvolvimento das crianças”, o segundo remete para “as condições de articulação entre formação inicial e formação contínua” e o terceiro alude para “a articulação entre a instituição de formação inicial e as instituições onde se realiza a prática pedagógica” (Ibid, p. 38)

Por fim, o cenário dialógico confere “(...) à linguagem e ao diálogo crítico um papel de enorme significado na construção da cultura e do conhecimento próprio dos professores como profissionais...” (Ibid, p.40), ou seja, o professor tem mais autonomia em comparação com os outros cenários e torna-se num agente social e como tal deve defender os seus direitos e deveres e fazer ouvir a sua voz na sociedade.

Atualmente, a supervisão pedagógica tem como objetivo principal aumentar as capacidades dos professores tanto a nível pessoal com a nível profissional, para que estes sejam capazes de tomar melhores decisões na sua prática e na sua ação para que possa haver uma melhor aprendizagem por parte dos alunos.

Esta tarefa de supervisionar acaba por desenvolver duas dimensões fulcrais, que trabalham em conjunto, na supervisão, que são: a dimensão analítica que remete para os “processos de operacionalização da monitoração da prática pedagógica” e a dimensão interpessoal, que tem um papel de regulador, remete para os “processos de interação (ação recíproca) entre os sujeitos envolvidos na monitoração da prática pedagógica” (Vieira, 1993).

A qualidade da supervisão pedagógica que é exercida pelo supervisor está associada a “promover a capacidade de reflectir, criticamente, sobre a acção profissional” (Schon, 1987 citado por Alarcão & Roldão, 2010, p.64). Esta qualidade é medida através de quatro processos: a valorização, indicadores de qualidade positiva, indicadores de qualidade negativa e constrangimentos.

A valorização é a qualidade mais abrangente, esta está associada às capacidades dos supervisores e dos orientadores, normalmente a mesma tem um carácter positivo embora devido a diferentes níveis pode haver algumas conotações negativas.

Os indicadores de qualidade seguem a linha de pensamento de Schon, onde o professor tem de reflectir criticamente sobre a sua ação, ou seja. “(...) está relacionada com a capacidade para

gerar dinâmicas e processos de crescimento profissional centrados nos próprios alunos, operacionalizados através de uma atitude reflexiva, questionadora e analítica da acção docente...” (Schon, 1987 citado por Alarcão & Roldão, 2010, p.64).

Segundo Alarcão e Roldão (2010) os indicadores de qualidade positiva nos ambientes supervisivos mencionados foram os seguintes: o estímulo ao pensamento, a promoção de práticas de reflexão e questionamento, a partilha de experiência e comunicação entre colegas, o conhecimento da comunidade escolar e meio envolvente, a pesquisa de informação científica, o desenvolvimento da autonomia profissional, a flexibilidade de estratégias, a continuidade no acompanhamento, o apoio, a crítica construtiva, a disponibilidade, o *feedback*, a liberdade de acção e inovação, a abertura a novas perspectivas e o bom relacionamento interpessoal.

Os indicadores de qualidade negativa identificados foram os seguintes: as observações de aulas (também pode ser considerado um sinal positivo), a qualidade dos orientadores, obrigatoriedade de determinadas estratégias, a falta de flexibilidade, o pouco apoio dos orientadores/supervisores, a deficiente avaliação, as abordagens prescritivas ou pouco profunda, o fraco ou nulo envolvimento da e na comunidade escolar, a ausência de trabalho colaborativo, a artificialidade e a curta duração dos estágio (Ibid).

Os constrangimentos que surgem com a supervisão remetem para a falta de tempo para supervisionar corretamente, para as dificuldades organizativas, mais precisamente a falta de articulação interinstitucional e para as resistências pessoais que surgem devido à formação contínua e a dificuldade em avaliar.

É necessário salientar, que a supervisão é importante no intuito de uma mudança das práticas pedagógicas para isso devemos praticar “uma supervisão de natureza transformadora e orientação emancipatória” (Vieira 2009, p. 202).

### **Supervisor Pedagógico**

O supervisor pedagógica deve ter sempre em mente o objetivo de aumentar as capacidades do professor para haver uma melhor aprendizagem mas para isso acontecer, o ato de supervisionar só pode ser exercido tendo em conta “o respeito mútuo e do reconhecimento do trabalho e das capacidades de cada um” (Alarcão & Tavares, 2003, p. 149).

Este deve acompanhar, ajudar, desenvolver aptidões e capacidades com o intuito de haver sucesso no futuro do professor mas para isto o supervisor deve evoluir “continuadamente quer nas suas características de personalidade, quer de profissionalidade” (Ribeiro, 2000, p. 89).

O processo de supervisionar envolve as ideias de interajuda, monitorização e encorajamento para que haja o melhor de cada um nas situações problemáticas que irá existir, “a tarefa do supervisor deverá assentar num contínuo processo de interacção consigo próprio e com os outros, devendo incluir estratégias de observação, reflexão e acção do e com o futuro educador ou professor” (Ibid, p. 90).

Segundo Alarcão e Tavares (2003, p. 72), um bom supervisor deve ter como objetivos para desenvolver nos seus formandos os seguintes:

1. Espírito de auto-formação e desenvolvimento.
2. Capacidade de identificar, aprofundar, mobilizar e integrar os conhecimentos subjacentes ao exercício da docência.
3. Capacidade de resolver problemas e tomar decisões esclarecidas e acertadas.
4. Capacidade de experimentar e inovar numa dialética entre a prática e a teoria.
5. Capacidade de refletir e fazer críticas e autocríticas de modo construtivo.
6. Consciência da responsabilidade que coube ao professor no sucesso, ou no insucesso, dos seus alunos.
7. Entusiasmo pela profissão que exerce e empenhamento nas tarefas inerentes.
8. Capacidade de trabalhar com os outros elementos envolvidos no processo educativo.

Mosher e Purpel (1972 citados por Alarcão & Tavares, 2003) identificam seis características que um supervisor deve possuir:

- a) sensibilidade para se aperceber dos problemas e das suas causas; b) capacidade para analisar, dissecar e conceptualizar os problemas e hierarquizar as causas que lhes deram origem;
  - c) capacidade para estabelecer uma comunicação eficaz a fim de perceber as opiniões e os sentimentos dos professores e exprimir as suas próprias opiniões e sentimentos; d) competências em desenvolvimento curricular e em teoria e prática de ensino; e) skills de relacionamento interpessoal; f) responsabilidade social assente em noções bem claras sobre os fins da educação.
- (p.73)

Glickman (1985 citado por Alarcão & Tavares, 2003, pp. 74-75) identifica várias competências interpessoais para o supervisor que são: “prestar atenção”, “clarificar”, “encorajar”, “servir de espelho”, “dar opinião”, “ajudar a encontrar soluções para os problemas”, “negociar”, “orientar” e “condicionar”.

O mesmo autor refere que através destas características o supervisor irá definir o seu estilo de supervisão. Os tipos de supervisor que existe são: não-diretivo, de colaboração, diretivo. O supervisor não-diretivo manifesta o desejo de se inserir no mundo do professor e espera que seja este a tomar iniciativa. O supervisor de colaboração faz sínteses das sugestões e dos problemas e ajuda a resolve-los e verbaliza o que o professor vai transmitindo. O supervisor diretivo dá orientação, estabelece critérios e regula as atitudes dos professores.

Segundo Vieira (1993), o supervisor deve possuir as seguintes funções: informar, o supervisor deve fornecer informação relevante e atualizada tendo em conta os objetivos e as necessidades do professor que está a acompanhar; questionar, o supervisor deve ser capaz de problematizar o saber e a experiência; sugerir, “a sugestão (de ideias, práticas, soluções) motiva e impulsiona a realização de projetos pelos quais o supervisor se responsabiliza juntamente com o professor...” (p.33); encorajar (a carga efetiva influencia o equilíbrio emocional do professor) e avaliar no sentido formativo, através de críticas construtivas tendo em vista o desenvolvimento do professor e não a nível classificativo.

Assim, podemos concluir que, um bom supervisor pedagógico é aquele que está presente para apoiar e colaborar com o professor ou formando para garantir que a sua ação ocorra da melhor forma para que futuramente este seja mais autónomo, inovador e capaz de satisfazer as exigências que irá encontrar com os seus alunos e na escola.

## **Envelhecimento**

O envelhecimento da população é uma realidade global, as populações vivem mais tempo devido à melhoria da qualidade de vida e aos avanços da ciência, o que leva ao surgimento de novos desafios e oportunidades tanto a nível social, económico, político, ético e psicológico. Nos dias de hoje o que interessa é viver de forma melhor, “a velhice deixou de ser uma idade fugaz, terminal, para se tornar numa etapa prolongada no tempo, que importa viver da melhor forma” (Medeiros, Ribeiro, Miúdo & Fialho, 2014, p.13).

Para Ribeiro (2014), o envelhecimento “é um processo biológico cujas mudanças se fazem sentir ao nível celular e molecular, progredindo, gradualmente, para a inexorável diminuição da capacidade adequada à manutenção da homeostasia do organismo, em resposta aos estímulos ou agressões internas e/ou externas” (p.194). Nesta altura existe um declínio das funções cognitivas tais com a memória, a atenção, como também as funções executivas são fortemente afetadas pois com a idade é cada vez mais difícil aprender coisas novas (Vilhena, 2012).

Segundo Pollock (1982, citado por Monteiro & Neto, 2008, p.21), “o início do envelhecimento começa quando se nasce, se não antes”, assim “(...) vive-se logo envelhece-se”, o envelhecimento é um processo normal e é universal a qualquer ser humano.

Fora o declínio das funções cognitivas e executivas, segundo Bize e Vallier (1985), o envelhecimento, nos dias de hoje, acarreta vários problemas que exigem da população uma atitude e um comportamento positivo, tais como: problemas com a saúde que exige muitas vezes a ida a vários médicos especialistas; problemas com o apoio e acolhimento das pessoas idosas, as casas de acolhimento e os equipamentos que estas necessitam são muito dispendiosos; a ocupação dos tempos livres, “nada há mais nocivo para o equilíbrio mental e para a saúde psíquica que a ociosidade, o tédio e a inação das capacidades mentais” (p.41) e problemas económicos pois as pensões muitas vezes criam entraves à expansão económica.

O problema que podemos considerar mais grave com os idosos é o isolamento pois com o aumento desta população envelhecida, com o decréscimo da população jovem e o afastamento das famílias jovens das comunidades por razões profissionais leva ao afastamento de forma substancial.

Para combater este isolamento é necessário reconhecer a capacidade produtiva e a participação cívica dos idosos como uma mais valia pois as comunidades onde os mesmos estão inseridos vão beneficiar da mesma. É necessário “tornar mais acessíveis os novos recursos da comunicação e de aprendizagem, através das novas tecnologias; incentivar a expressão plástica e artística ou promover o turismo sénior e as atividades lúdicas e de convívio” (Medeiros, Ribeiro, Miúdo & Fialho, 2014, p.14).

Para Simões (2006) não devemos focar-nos só nos problemas que esta faixa etária acarreta para a sociedade, mas sim ver as “oportunidades de aproveitamento do potencial inexplorado, que são os idosos, em prol do desenvolvimento da sociedade” (p.II). Os idosos dos dias de hoje são mais saudáveis, mais instruídos e vão tornar-se cada vez mais no futuro, pois como são a faixa

etária como mais *deficits* educacionais, quando chegam à reforma, sentem a necessidade de procura de educação e instrução.

O envelhecimento é uma consequência natural de qualquer sociedade e é importante encontrar respostas para que a população envelhecida não perca a sua qualidade de vida e é fulcral “(...) permitir às pessoas idosas escolher livremente o seu modo de vida e ter uma existência independente no seu meio habitual, tanto quanto o desejarem e tanto quanto possível (...)” (Ribeirinho, 2005, p.70).

Segundo Maltez (2013), o envelhecimento pode ser explicado através de duas perspetivas: a biológica que remete para o declínio fisiológico do indivíduo e a psicológica diz respeito ao equilíbrio entre ganho e perdas, ou seja, “o nosso ciclo vital é marcado por períodos em que crescemos (nos enriquecemos a nível pessoal, profissional) e outras em que vigora o declínio (patologias que nos fragilizam, estados de espírito que no deixam vulneráveis)” (p.388).

Segundo Morin (1999), o ser humano tende a rejeitar a morte e conseqüentemente recusa o processo de envelhecimento, talvez devido à proximidade das duas etapas e por ver a velhice como um peso para o “outro”, também salienta que o lado religioso tende a aumentar quando chegamos a velhos porque é visto como uma defesa contra a morte. O mesmo afirma que é muito difícil perceber o processo de envelhecimento, pois o seu caráter patológico manifesta-se em três planos: no plano social, na própria morte e na herança genética humana.

O processo de envelhecimento pode ser explicado através dos seguintes pontos de vista: demográfico, idade cronológica, idade fisiológica e biológica, idade psicológica e da idade cultural e social (Carvalho, 2013).

O envelhecimento demográfico está associado à diminuição da taxa de natalidade e ao aumento da taxa de mortalidade, havendo um ao aumento da população idosa comparado com a população jovem. Este tipo de envelhecimento tem repercussões transversais nos diferentes países e comunidades, o que requer intervenções sistemáticas com abordagens multidisciplinares e multiprofissionais, onde práticas de respeito por grupos ou pela dignidade humana esteja bem patente tendo como objetivo a criação de uma sociedade mais justa, digna, inclusiva, saudável, tolerante e participativa (Medeiros, 2014). Outra repercussão a assinalar é a mudança na estrutura familiar, ou seja, passamos de uma família onde havia uma sucessão de gerações para uma família onde as várias gerações coexistem.

O envelhecimento demográfico é considerado um gerador de problemas socioeconómicos devido aos impactos negativos na sustentabilidade da Segurança Social, surgindo assim a necessidade de ajustar os sistemas sociais para que possam incluir os idosos pois os mesmos são detentores de direitos.

A idade cronológica remete para a organização dos acontecimentos da vida de acordo com a idade. O envelhecimento é visto como “um processo que tem em conta o percurso de vida e as mudanças físicas, mentais, sociais, culturais, relacionadas com a idade” (Carvalho, 2013, p.3).

A idade fisiológica e biológica está relacionada com o desenvolvimento e a morte dos organismos, ou seja, com o passar da idade as células vão envelhecendo e conseqüentemente surge o aparecimento de doenças e a diminuição da probabilidade de sobreviver.

A idade psicológica “remete para os papéis que se espera que os sujeitos na velhice adotem e que influenciam o autoconceito do que é ser velho” (Ibid, p.4).

Segundo o Instituto Nacional de Estatística (2016), em Portugal, a taxa de natalidade é muito inferior a taxa de mortalidade, como também o aumento da taxa de migração leva ao incremento da população idosa comparado à população jovem. A pirâmide deixou de ser triangular e agora apresenta um estreitamento da base (refere-se à população jovem) e um aumento do topo (refere-se à população idosa).

Perante este crescimento acentuado da população idosa existem vários desafios que surgiram, como “gerir equitativamente os recursos existentes”, “implementar políticas entre a vida familiar e profissional”, “aumentar as respostas sociais e de apoio à saúde da população idosa”, “garantir a manutenção do idoso no mercado de trabalho”, “preparar a transição da vida ativa para a aposentação...”, “promover a participação social pela ocupação dos tempos livres...”, “educar para a velhice...”, “possibilitar a sustentabilidade económica fundada numa ética que vise a dignidade e cuidado humano...”(Fragoso, 2012b, p.54), entre outros e cabe ao Estado facultar ferramentas e meios para que os agentes sociais consigam dar resposta aos desafios.

Existem várias teorias relacionadas com o envelhecimento da população que são as seguintes:

- Individuais;
- Familiares;
- Intergeracionais;
- Direitos e da dignidade humana;
- Género;
- Desenvolvimento social.

(Carvalho, 2013)

As teorias individuais remetem para as explicações naturalistas de Darwin. Existe uma associação do envelhecimento às capacidades pessoais, físicas, psíquicas, o modo de vida e as capacidades familiares estão associadas aos papéis e ao tipo de interação dentro da mesma.

As teorias intergeracionais remetem para “a dinâmica das trocas entre as diversas gerações (infância, juventude, idade adulta, idade da velhice) a fim de melhor compreender o outro no seu horizonte...” (Ibid, p.6).

As teorias de direitos e de dignidade humana remetem para a Constituição da República, onde estão descritos os direitos, as garantias humanas e a dignidade humana, salientando o direito de viver condigna e livremente.

As teorias de género “ênfatisa a autonomia e a participação na vida privada e pública como uma relação desigual de poder, verificado no grupo dos mais velhos em relação aos mais novos. E por último as teorias de desenvolvimento social, que vai ao encontro à teoria anterior, a sociedade privilegia a juventude e acaba por discriminar os mais novos.

O envelhecimento acarreta vários desafios principalmente a nível social, pois se a sociedade não inclui os mais velhos não vai promover o bem-estar e a felicidade e “estarão condenadas às desigualdades sociais, ao fosso e clivagem intergeracional, á fragilidade e vulnerabilidade sociais...” (Medeiros, 2014, p.31). Outro ponto a salientar é o aumento da população envelhecida ao longo dos anos que tende a aumentar cada vez mais a cada dia que passa principalmente nos países mais desenvolvidos.

A nível pessoal, o envelhecimento é visto como um grande desafio intra e interpessoal que requer um equilíbrio entre ganhos e perdas,

cada pessoa deve otimizar as suas potencialidades pessoais, os seus afetos positivos e procurar quer a nível psicológico (dentro de si) quer a nível do seu contexto de proximidade a resiliência e os suportes socioafetivos, cognitivos e espirituais para a continuação do seu projeto de vida, ou reavaliação deste... (Ibid, p.43).

É necessário reconhecer que não há futuro sem idosos, pois os jovens de hoje serão os idosos de amanhã. A sociedade precisa reconhecer que a geração mais velha contribui fortemente para os dias de hoje pois permite um desenvolvimento harmonioso das novas gerações, “envelhecer com qualidade pressupõe manter o lugar de referência ou identidade e construir uma sociedade mais coesa” (Medeiros, Ribeiro, Miúdo & Fialho, 2014, p.15).

## Modelos para compreender o envelhecimento

Existem vários modelos explicativos dos diferentes processos de envelhecimento que são os seguintes:

- Modelo do envelhecimento saudável;
- Modelo do envelhecimento bem-sucedido;
- Modelo do envelhecimento produtivo;
- Modelo do envelhecimento ativo.

(Carvalho, 2013)

O modelo de envelhecimento saudável diz respeito às doenças degenerativas que vão aparecendo com a idade e os cuidados que muitas vezes são necessários, levando muitas vezes à dependência e ao afastamento da vida social.

O modelo de envelhecimento bem-sucedido assenta no princípio de que é possível uma velhice saudável e é entendido como um “conjunto de factores que permitem ao indivíduo continuar a funcionar eficazmente, tanto do ponto de vista físico como mental” (Simões, 2006, p.141). Este modelo tem em conta três vertentes, que são: baixo risco de doenças ou incapacidades, funcionamento físico e mental elevado e empenhamento ativo na vida através de uma rede de relações sociais e do exercício de uma profissão ou atividade.

Este modelo de envelhecimento foi criado por Baltes e Baltes, o SOC- Modelo de seleção, otimização e compensação. Face às alterações que ocorrem no envelhecimento, o mecanismo de seleção compreende os objetivos ou resultados que o indivíduo pretende. A otimização permite a utilização de meios para atingir os objetivos pretendidos e quando existe perdas no processo de envelhecimento que ponham em causa os objetivos ou os resultados esperados, recorre-se à compensação (Medeiros, 2014). Este modelo “pressupõe o equilíbrio entre as *perdas*, decorrentes de fatores associados à idade (*age-graded*), acontecimentos pessoais (*non normative*) e os *ganhos* relacionados com determinadas estratégias de vida... (Medeiros, 2014, p.40).

O modelo do envelhecimento produtivo é um modelo envolto em polémica devido à palavra “produtivo”, pois cada especialista tem um significado diferente para a mesma. Segundo Bass, Caro e Chen (citados por Simões, 2006, p.145) “consideram o envelhecimento produtivo todo o tipo de actividades que contribui para produzir bens e serviços, ou que desenvolve a capacidade para os produzir, sejam remuneradas ou não essas actividades”.

Este tipo de envelhecimento vai ao encontro do desejo de muitos idosos, que é dar o seu contributo para a resolução de problemas na sociedade, incluindo a atividade profissional, mas para isso acontecer é necessário mudar as estruturas sociais para que o idoso tenha a oportunidade de dar um contributo válido à comunidade onde se insere (Simões, 2006).

É preciso salientar que o envelhecimento bem-sucedido está ligado ao envelhecimento produtivo. Nestes dois existe duas categorias de idosos que são: os produtivos, são os casos de sucesso e têm um bom envelhecimento e os não produtivos que são os casos de insucesso e com um mau envelhecimento (Ibid).

O modelo do envelhecimento ativo surgiu no final do séc. XX para substituir o envelhecimento saudável. Este modelo defende a autodeterminação dos indivíduos e o otimismo, “el termino “ativo” expresa la ideia de la participacion continua de las personas en las cuestiones sociales, cívicas, económicas, culturales, educativas o espirituales, independientemente de la necesidad de apoyos que necisite para logralo” (Prados, 2012, p.31).

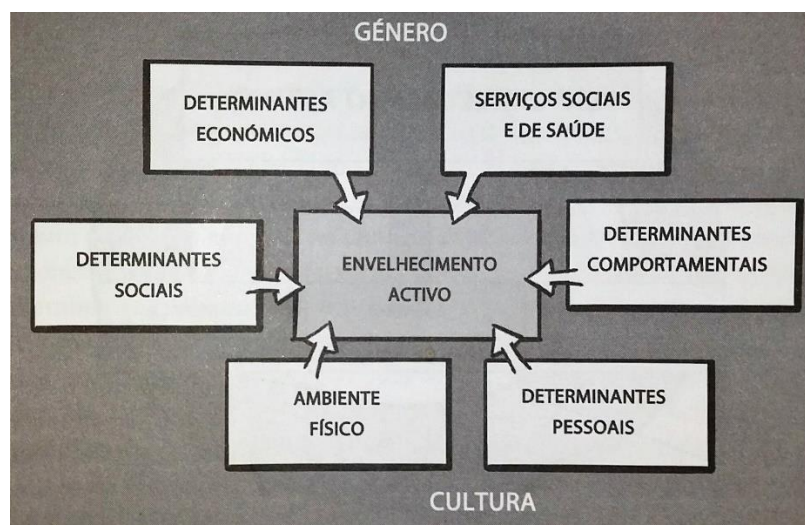
A Organização mundial da Saúde defende a mesma visão de Prados, afirmando que o envelhecimento ativo é um “processo de otimização de oportunidades de saúde, participação e segurança, com o fim de melhorar a qualidade de vida das pessoas à medida que envelhecem” (Medeiros, 2014, p. 23).

No envelhecimento ativo, os idosos não se limitam ao exercício físico, mas têm cada vez mais acesso à informação para um desenvolvimento mais saudável, existe um convívio entre gerações, uma promoção à autoestima, envolve um estímulo cognitivo, reconhecimento do direito ao afeto, à dignidade e ao respeito, o combate aos maus tratos, entre outros.

Segundo a OMS, o envelhecimento ativo depende de vários fatores determinantes (figura 1) que são: os pessoais (fatores biológicos, genéticos e psicológicos), os comportamentais (estilos de vida saudável e participação ativa), os económicos (rendimentos, proteção social, oportunidades de trabalho dignas), o meio físico (acessibilidade a serviços de transporte, moradias e vizinhanças seguras e apropriadas), os sociais (apoio social, educação e alfabetização, prevenção contra a violência) e os serviços sociais e de saúde de que as pessoas beneficiam (Ribeiro & Paúl, 2011).

**Figura 1**

Determinantes do Envelhecimento Ativo (Ibid, p.3)



Fora estes fatores que foram enumerados ainda existem mais dois que exercem uma forte influência neste envelhecimento que são: a cultura e o género.

Ao nível do género, apesar das diferenças a nível genético entre os sexos, os comportamentos influenciam a esperança de vida e a morbilidade. É preciso salientar que os homens apesar de viverem menos tempo que a mulheres vivem de forma mais independente, enquanto que as mulheres vivem mais tempo, dependentes de outros, mais doentes, mais pobres e discriminadas, “envelhecer enquanto homem ou mulher determina formas diferentes de viver a saúde, os estados de doença, a (in) dependência, a autonomia ou a participação social, e essas diferenças, (...) devem ser tidas em conta” (Ibid, p.5).

Ao nível da cultura, as “pessoas a viver em meios rurais ou urbanos, em países do norte ou do sul, europeus, americanos, asiáticos ou africanos, envelhecem igualmente, mas as suas vivências e estratégias de adaptação são diferentes, como são os seus recursos” (Ibid, p.5).

O envelhecimento ativo deve ser fomentado através de ações que ofereçam às pessoas a tomada de consciência acerca do poder de controlo da vida de cada idoso e à promoção de mecanismos adaptativos de aceitação e de autonomia.

Este tipo de envelhecimento dá muita importância aos direitos humanos das pessoas mais velhas e aos princípios da independência, da participação, da dignidade, da assistência e da autorrealização. Estes direitos e os princípios oferecem aos idosos uma participação mais favorável

para tornarem-se mais ativos no quotidiano. Para esta participação ser mais eficaz requer ações de três pilares básicos que são: a saúde, a segurança e a participação social.

### **Figura 2**

Os três pilares de estrutura política para o Envelhecimento Ativo (Ibid, p.4)



O primeiro pilar remete para a saúde, está baseada nos diagnósticos médicos; o segundo pilar diz respeito à segurança, nomeadamente ao planeamento urbano e aos lugares habitados como também atentam sobre os espaços privados e aos climas de não violência nas comunidades onde os idosos estão inseridos e o último pilar, a participação social, remete para a cidadania e para a participação do idoso na sociedade e na comunidade onde este está envolvido.

Resumindo, “o paradigma do envelhecimento activo surge, assim, como um programa global de intervenção na sociedade voltado para a mudança da condição do idoso, procurando responder aos problemas do aumento da longevidade” (Cabral e Ferreira, s.d., p.16).

### **Diferenças entre envelhecimento e velhice**

Ao longo dos tempos, o envelhecimento e a velhice nem sempre foram vistos como uma etapa rica com novas experiências, mas sim como uma etapa cheia de mitos e preconceitos. A velhice, antigamente, era vista como um assunto privado e da inteira responsabilidade da família. No contexto histórico, os mais velhos eram vistos, no meio familiar, como detentores do saber e transmitiam para o resto da família. Com o passar do tempo, esta função foi se desvalorizando e devido à industrialização surgiu a necessidade de haver novos conhecimentos para fazer frente às novas exigências do mercado. Devido a esta desvalorização, os mais velhos começaram a serem considerados como inválidos (Vaz, Silva e Sousa, 2003).

A velhice só começou a ser vista como um fenómeno social na Revolução Industrial, entre o século XIX e XX, devido às mudanças que ocorreram tanto a social como industrial. Neste período o Estado começou a assegurar aos cidadãos, através da Segurança Social, a reforma (Monteiro e Neto, 2008).

As instituições de terceira idade também surgiram no século XIX, tendo como objetivo “reincorporar os velhos na sociedade” (Ibid, p.15) e devido a este fator a velhice começou a ser vista como uma doença social, sendo desvalorizada por todos.

Os conceitos envelhecimento e velhice apesar de estarem associados não possuem o mesmo significado. O envelhecimento é: “Sofrer os efeitos da passagem do tempo (...) amadurecer, adquirir experiência” (Dicionário de Língua Portuguesa, 2003).

Segundo Kastenbaum (1979, citado por Monteiro e Neto, 2008, p. 18), define velhice como “um estado de espírito decorrente da forma como a sociedade e o próprio indivíduo concebem esta fase da vida”. A velhice encontra-se ligada a vários preconceitos existentes na sociedade, no entanto não deverá ser encarada como o fim da vida, mas sim como uma fase marcada por acontecimentos próprios, tais como mudanças a nível físico, funcional, psicossocial e socioeconómica e um crescimento a nível emocional, psicológico e intelectual.

A velhice é: “é a última etapa do envelhecimento e traz consigo duas ideias opostas: uma que é a de desgaste, diminuição e enfraquecimento de possibilidades; outra de acréscimo e maturação de experiências, sabedoria” (Calobrizi. 2008, p.3).

Podemos afirmar que o envelhecimento é um processo progressivo e contínuo, que se inicia com o nascimento e desenvolve ao longo da vida, levando a alterações ao nível biológico, psicológico, morfológico e social.

Já a velhice remete para a altura em que o individuo deixa o seu trabalho e chega à reforma. A partir daí começa as doenças (ou não, vai depender se tem ou teve um envelhecimento ativo), passando pela diminuição das capacidades, mas continua a haver uma grande sabedoria que advém das experiências da vida.

## **Reforma**

Ser assalariado nos dias de hoje faz como que no futuro tenhamos direito a uma reforma, mas com a crise económica que se faz sentir nestes últimos anos, faz com que esta esteja fortemente afetada devido ao aumento do desemprego, os cortes significativos de recursos, aos impostos, às

despesas de primeira necessidade e ainda às facilidades da sociedade de consumo. Também é preciso salientar que os filhos saem mais tarde de casa devido aos estudos ou muitas vezes nem chegam a sair devido à falta de emprego e os pais acabam por ajudá-los, fazendo com que as suas poupanças sejam afetadas para garantir o bem-estar dos filhos e deste modo afetam a sua vida financeira na velhice.

Segundo o artigo 63 da Constituição da República Portuguesa “todo o tempo de trabalho contribui, nos termos da lei, para o cálculo das pensões de velhice e invalidez, independentemente do sector de actividade em que tiver sido prestado” e que “todos têm direito à Segurança Social”. No entanto este sistema não está unificado sendo necessária a intervenção de duas entidades que são: “a Previdência social, baseada numa contribuição (...) e a Assistência Social, que deve encarregar-se dos casos mais carecidos e agindo em situações concretas” (Bize e Vallier, 1986, p. 201).

A reforma é encarada de duas perspetivas. A primeira perspetiva é a positiva, onde o individuo tem o sentimento de dever cumprido, uma vez que já trabalhou o suficiente para que possa usufruir de uma vida mais descansada, dando a oportunidade de fazer coisas que antes não podia fazer devido ao trabalho e à família.

Na segunda perspetiva, a negativa, o individuo entra numa fase em que se sente menosprezado e até mesmo desvalorizado devido ao facto de trabalhar todos os dias da sua vida e chegar a uma altura em que fica em casa sem nada que ocupe os seus dias.

Em Portugal existe vários regimes de pensão, segundo as diversas categorias de beneficiários, mas as que são mais relevantes para a terceira idade são: a pensão por velhice, pensão por velhice antecipada, a pensão de viuvez, pensão por invalidez e o complemento por cônjuge a cargo.

A pensão por velhice é um valor pago mensalmente às pessoas em situação de velhice em substituição das remunerações do trabalho e destina-se aos beneficiários do regime geral da Segurança Social. Só é atribuída quando completam 66 anos e 3 meses em 2017 ou 66 anos e 4 meses em 2018 (Centro Nacional de Pensões, 2017a).

Segundo o Centro Nacional de Pensões (2017a), no seguinte quadro podemos verificar os montantes mínimos da pensão de velhice conforme a carreira de cada pessoa:

**Tabela 1**

Montantes mínimos da pensão de velhice

| <b>Escalões por anos de carreira contributiva</b> | <b>Valor mínimo</b> |
|---|---------------------|
| Menos de 15 anos                                  | 264,32€             |
| 15 a 20 anos                                      | 277,27€             |
| 21 a 30 anos                                      | 305,96€             |
| 31 e mais anos                                    | 382,46€             |

Nos meses de julho e dezembro vem o subsídio de férias, que corresponde ao montante adicional de igual quantitativo (Ibid).

A pensão por velhice antecipada é atribuída quando a pessoa ainda não tem idade para a reforma e por razões como o desemprego involuntário de longa duração e exercício de atividade em determinadas profissões foram obrigadas e pedir esta pensão (Ibid).

A pensão de viuvez é um apoio mensal em dinheiro pago ao viúvo(a), tem direito a esta pensão quem for viúvo e se tiver rendimentos mensais brutos (antes dos descontos) iguais ou inferiores a 168,53€ por mês (Centro Nacional de Pensões, 2017b).

A pensão por invalidez é um apoio em dinheiro, pago mensalmente, para proteger os beneficiários em situações de incapacidade permanente de trabalho. Esta incapacidade é avaliada tendo em conta o funcionamento físico, sensorial e mental; o estado geral; a idade; as aptidões profissionais e a capacidade de trabalho que ainda possui (Ibid).

O complemento por cônjuge a cargo “é um apoio em dinheiro pago mensalmente aos pensionistas de velhice e invalidez do regime geral, com pensão iniciada antes de 01/01/1994, cujo cônjuge (marido ou mulher) tenha rendimentos iguais ou inferiores a 37,13€ por mês (em 2017)” (Centro Nacional de Pensões, 2017d).

## **Educação ao longo da vida**

A educação tem sofrido profundas mudanças ao longo dos tempos. As mudanças mais visíveis começaram com a Revolução Industrial,

“o industrialismo precisava de um novo tipo de homem, exigia aptidões que nem a família nem a igreja podiam, só por si, facultar. Provocou, por isso, uma autêntica

revolução na escala dos valores e, sobretudo, exigiu do homem uma nova concepção de tempo” (Toffler, s.d., pp. 392-393).

A Revolução Industrial trouxe consigo mudanças económicas, políticas e sociais, ou seja, as pessoas começaram a deslocar-se para as cidades fazendo com que os campos ficassem desertificados e as cidades sobrelotadas, conseqüentemente houve um aumento do desemprego e da pobreza, como também da exploração da mão-de-obra.

A escola era vista como uma fábrica que tinha como objetivo preparar os alunos para o mundo do trabalho, “a ideia geral de reunir multidões de estudantes (matéria-prima) destinados a ser processados por professores (operários) numa escola central (fábrica), foi uma demonstração de génio industrial” (Ibid, p.93).

A educação não sofreu grandes sobressaltos até ao século XX. Neste século, com a II Guerra Mundial e a Guerra Fria, a sociedade acordou, o aumento da informação e o desenvolvimento tecnológico que se fez sentir nesta época provocou profundas mudanças. A constante evolução do armamento nuclear e o lançamento do satélite espacial (Sputnik) levou à consciencialização de que o currículo escolar estava desadequado e surgiu a necessidade de adaptar o currículo a época em questão.

Apesar de o currículo ter sofrido alterações que melhoraram a educação ainda existe nele um tradicionalismo, ou seja, ainda persistem características da época da Revolução Industrial que congestionam a qualidade da educação e que tem sido alvo de várias críticas por vários teóricos como Paulo Freire, Sebastião da Gama, entre outros.

Segundo Freire (2009), a escola permanece tradicionalista, ou seja, o ensino de conteúdos continua a ser transmitido, o professor é um único que possui o verdadeiro conhecimento e o aluno é um mero recetor.

O que deveria acontecer nas escolas, segundo este autor, é a conscientização de que o professor não detém o conhecimento, este deve criar meios para que haja produção ou construção do saber e que tanto o aluno como o professor aprendem mutuamente, “nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito ao processo” (Freire, 2009, p.26).

Outro ponto crucial em Paulo Freire é a educação ao longo da vida. O que este autor quer dizer é que somos seres inacabados, incompletos e inconclusos por isso necessitamos de aprender

ao longo da nossa vida, reconhecendo a nossa humildade, pensando e agindo sobre o que fazemos para ir em busca do ser melhor.

Esta noção de “educação ao longo da vida” foi proposta por Jacques Delors através de um relatório que realizou em 1996. Neste relatório Delors afirma que a educação ao longo da vida está assente em 4 pilares, que são: aprender a conhecer “(...) para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo da vida”, aprender a fazer “a fim de adquirir não só uma qualificação profissional, mas, (...) a competência que torna a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipa” aprender a viver “desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências” e aprender a ser com o intuito de desenvolver a autonomia, discernimento e a responsabilidade pessoal (UNESCO, 2010).

Este conceito de educação ao longo da vida elimina a distinção que existe entre educação formal e inicial e educação permanente e abre portas à “sociedade educativa”. Devido a esta nova concepção, a educação permanente transcende o atual, ela deve abrir as possibilidades da educação para todos com os seguintes objetivos: oferecer uma segunda ou terceira oportunidade, dar resposta à sede de conhecimento, superação de si mesmo e aprimorar e ampliar as formações estritamente associadas às exigências da vida profissional (Ibid).

Esta educação ao longo de toda a vida está dependente de três fatores que são: o indivíduo deve estar predisposto a aprender, para isso é necessário um ambiente que o estimule para tal e educadores que proporcionem essa oportunidade e por fim a aprendizagem deve gerar competências.

Um dos grandes objetivos da educação ao longo da vida é preparar o cidadão para a cidadania e para a participação na sociedade, promover a autonomia dos indivíduos para que haja uma mudança e uma transformação na sociedade.

O idoso quando volta a interessar-se pela aprendizagem transforma-se num ser mais completo, mais informado e mais sábio, sendo que, “educar é apetrechar o indivíduo e a comunidade de habilidades, destrezas e competências que promovam o desenvolvimento ativo de uma ética do cuidado humano” (Azeredo, 2016, p.140). O idoso na universidade sénior permite quebrar a rotina, a “(...) estabelecer relações de sociabilidade dentro e fora das aulas (...)” e “(...) aumentar o seu interesse pela vida” (Monteiro e Neto, 2008, p.57).

Este tipo de educação praticada na universidade sénior insere-se na educação não formal. Esta educação está fortemente ligada à educação ao longo da vida e pode ser definida com uma “a

actividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos seleccionados de ensino a determinados subgrupos da população” (La Belle, 1986, p.2).

O educador nesta aprendizagem é o “outro”, ou seja, é aquele com quem nós interagimos ou integramos e os espaços educativos localizam-se, normalmente, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais (Gohn, 2006).

Segundo Coombs (1976) a educação não formal é vista como um “outro sistema educacional oculto” responsável por diversas atividades que receberiam nomes variados como “educação de adultos”, “treinamento em serviço”, “serviço de extensão” e “treinamento acelerado”.

A educação não formal exige, muitas vezes, uma mudança de metodologias e concepções pedagógicas que são utilizadas na educação escolar, também a avaliação, o curriculum e a emissão de diplomas ou certificados não são utilizados (Fernandes, 1998).

É uma educação que é realizada pelos professores através do voluntariado, é acessível a todos, permite a aquisição de competências para a vida e para a cidadania ativa e baseia-se na aprendizagem em grupo ou individual. Normalmente está associada à educação extracurricular e tem muitos objetivos, como educação permanente e de adultos, educação para os tempos livres, desenvolvimento comunitário, etc.

O tempo e o espaço de aprendizagem acabam por ser flexíveis pois assim permite respeitar as diferenças e as capacidades de cada e também permite criar e recriar múltiplos espaços de aprendizagem.

Segundo Gohn (2008) a educação não formal centra-se em quatro aspetos específicos que direcionam o eixo de ação, que são: a educação serve para dar a conhecer a política dos direitos dos cidadãos, a formação dos indivíduos para o mercado de trabalho é baseado nas habilidades, técnicas e potencialidades de desenvolvimento, a aprendizagem dos conteúdos escolares formais é realizada em espaços e em modelos diferenciados, havendo uma aproximação da educação formal e não formal e a habilidade de articulação coletiva em prol das soluções de problemas sociais coletivos, associativismo político.

Este tipo de aprendizagem é adquirida de forma adicional ou alternadamente com a aprendizagem formal, em algumas situações esta está estruturada segundo os dispositivos de educação e formação mas de forma mais flexível (UNESCO, 2011).

O local de ação, normalmente, é em contextos comunitários locais, no lugar de trabalho e mediante atividades das organizações da sociedade civil. Por meio desse processo de reconhecimento, validação e creditação a aprendizagem não-formal pode também conduzir a obtenção de qualificações e outros tipos de reconhecimento (Ibid).

Para Gohn (2006), a educação não formal tem como finalidade capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, ou seja, “é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais”. Os objetivos deste tipo de educação são construídos ao longo do processo interativo que originará o processo educativo.

É necessário referir que este tipo de educação acarreta algumas lacunas como: falta de formação específica dos educadores, pouca clareza em relação às funções e aos objetivos da educação não formal, falta de metodologias que possibilitem o acompanhamento do trabalho que foi realizado, entre outras (Ibid).

## **Educação Sénior**

O envelhecimento da população origina a necessidade de concretizar o princípio ético da equidade e justiça intergeracional, ou seja, surge a necessidade de criar uma sociedade fundada na solidariedade inter-humana onde a inclusão dos idosos esteja patente no dia-a-dia das pessoas. Para haver esta adaptação e esta inclusão na sociedade poderemos usar a educação, a “educação de idosos, da população e dos demais profissionais, de modo a que todos se envolvam ativamente na construção de um novo paradigma de velhice e desenvolvimento humano” (Fragoso, 2012a, p.18).

Esta educação tem como objetivo proporcionar um espaço de convívio, de participação e de partilha de saberes que vá de encontro às necessidades dos idosos, ou seja, tem de ser uma educação dinâmica baseada nas experiências e nos valores pessoais do idoso, “deverá ser ativa, participativa, gratificante, construtiva, colaboradora e qualificadora, organizada em torno das experiências pessoais congruentes com a ideia de velhice enquanto construção e não enquanto mera etapa avançada da vida” (Pinto, 2008).

Segundo Pinto (2008), é importante existir uma oferta formativa destinada aos idosos, tendo em conta as características, a formação e os interesses de cada um, pois esta vai permitir que haja um envelhecimento ativo, participativo e uma visão crítica acerca dos assuntos e dos problemas que vão surgindo na sociedade.

A educação para a terceira idade contempla cinco objetivos principais, que são: ajudar a compreender as mudanças que ocorrem a nível físico, social, cognitivo e comportamental, auxiliar a compreender as mudanças que ocorrem na sociedade e no meio onde está inserido, ser uma ferramenta de apoio na superação de obstáculos e dos novos desafios que vão surgindo e dar a conhecer novas atividades e ocupações.

Os programas de educação sénior que existem são um esforço para a integração e inclusão dos idosos como seres sociais. Nestes programas o idoso está em contacto com vários profissionais, ele “assume-se como parte integrante do seu desenvolvimento e realização, é o protagonista, o autor e ator da sua própria identidade” (Fragoso, 2012a, p.18) e a ação educativa é aquela que leva o sénior a aprender a envelhecer e a “aprender a viver como pessoa humana plena em cada momento de sua vida ao longo da sua existência” (Ibid, p.32).

Toda a ação pedagógica deve ver o idoso como um agente ativo no processo de desenvolvimento pessoal. Tendo em conta a perspetiva teleológica, a educação ao longo da vida e integradora da velhice, identifica-se como: “educação da consciência”, “educação centrada nos valores de liberdade, responsabilidade e compromisso” e por último, uma “educação para o sentido da vida e para a dignidade humana” (Ibid, p.33).

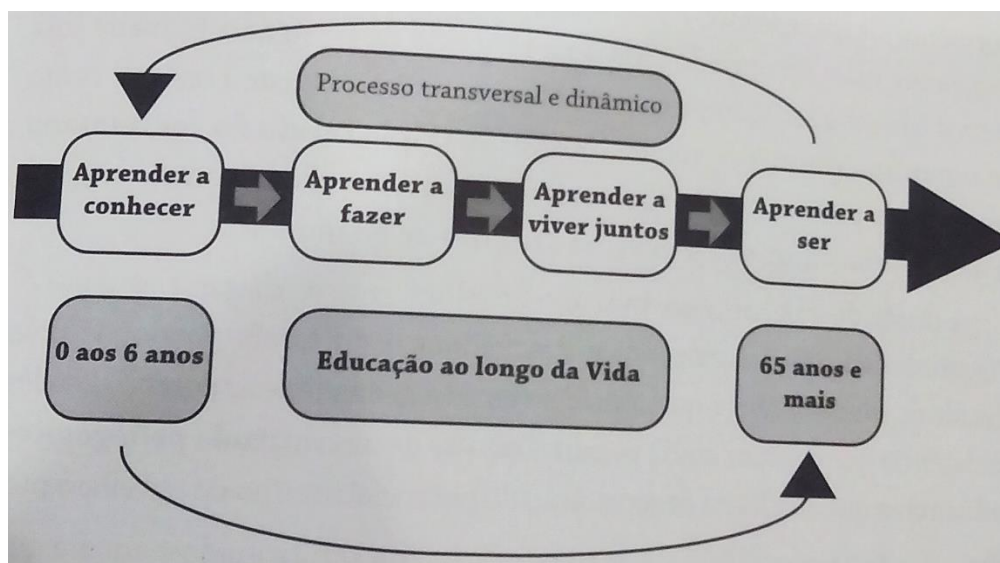
A educação sénior pretende redimensionar o idoso enquanto um ser no mundo com os outros unindo, dialogicamente, a singularidade e a pluralidade de cada indivíduo onde a educação era centrada na pessoa e tornando-se necessário “criar condições para desenvolver no sénior uma atitude pessoal, social, consciente, responsável e comprometida com uma aprendizagem ao longo da vida” (Ibid, p.32).

Com o aumento da longevidade das populações é necessário criar ferramentas de inclusão e a educação é uma delas. A educação ao longo da vida é uma ferramenta essencial, pois através desta “criam-se espaços de comunicação e interação humana que possibilitam ao sénior a transmissão de experiências e a continuação da sua formação pessoal com o objetivo último de permitir que este continue aprendendo e ensinando” (Ibid, p.19).

Jacques Delors (citado por Fragoso, 2012a) defende que a educação ao longo da vida “representa a construção contínua de conhecimentos e atitudes” e que deve “permitir o aumento da consciência de si-mesmo, um maior envolvimento com o ambiente quotidiano e proporcionar o desempenho da função social do ser humano no mundo do trabalho e na vida pública” (p.31).

### **Figura 3**

#### 4 Pilares da educação de Jacques Delors (adaptados ao ciclo de vida) (Ibid, p.31)



O idoso deve manter-se intelectualmente ativo através da educação, “quando o idoso se confronta com situações que o obrigam a «puxar pela cabeça», a resolver problemas reais da vida que se lhe colocam, isso pode contribuir para desenvolver e manter as suas competências cognitivas” (Simões, 2006, pp 72-73). A aprendizagem na terceira idade torna-se mais difícil, os idosos conseguem aprender coisas, mas com mais dificuldades pois exige mais tempo em relação aos mais novos, o seu nível de atenção e de memória a longo prazo sofrem algumas alterações havendo complicações na aprendizagem (Ibid).

Existem vários fatores que dificultam a aprendizagem dos idosos que são: “deficit neurológico e limitações físicas”, “material carente de sentido...”, “representação negativa de si...”, “baixa expectativa a respeito das suas potencialidades e possibilidades”, “labilidade emocional” e “carência de estímulo reflexivo, relativo ao processo de aprendizagem” (Ibid, p.37).

Também existem vários fatores que facilitam a aprendizagem que são: “conservação das funções neurológicas”, “continuidade da atividade cognitiva e emocional”, “história de vida”, “ambiente social estimulante” e “motivação” (Ibid, p.38).

É necessário salientar que devido ao princípio de “educação gera mais educação” e pelo facto de as gerações mais novas serem cada vez mais instruídas leva a que no futuro, quando forem idosas procurem por mais educação (Ibid).

### **Perfil do educador sénior**

O educador sénior deve ser um profissional com um perfil específico, que esteja adaptado às especificidades que a população idosa possui, ou seja, todos os educadores devem ser facilitadores e mediadores como também agentes da mudança, devem estar constantemente a criar-se e recriar-se na sua prática e reflexão (Fragoso, 2012a).

Este educador deve ter a responsabilidade de intervir e atuar nos diversos aspetos do envelhecimento, deve ter uma atuação biopsicossocial, ou seja, a sua atuação deve incidir tanto na parte biológica como também na parte psicológica e social e é necessário incentivar a realização de investigações para colmatar os desafios que a velhice coloca.

Na sua prática educativa deve ter em conta três aspetos importantes, que são: “selecionar conteúdos sociais e psicologicamente significativos para o sénior”, “gerar um clima adequado que favoreça a participação, a expressão e o estabelecimento de vínculos entre os participantes dos programas educativos” e “exercer a sua função educadora com base na ética” (Ibid, p.33).

Segundo Fragoso (2012a, p.34), existem algumas funções que o educador sénior deve ter em conta, que são:

- Aproximar-se dos outros;
- Auxiliar na tomada de decisões e promover a emancipação;
- Focar-se na experiência de vida, no legado existencial do sénior;
- Estimular a realização pessoal e participação social;
- Dinâmica e dinamizadora;
- Motivada e motivadora;
- Entusiasmada;
- Comprometida com o seu trabalho;
- Aberta;
- Capacidade de diálogo e comunicação;
- Promover relações sociais e pessoais transformadoras;
- Capacidade crítica e autocrítica.

Segundo Osorio (2005), quando há uma intervenção com os seniores é preciso ter muita atenção aos modelos que são direcionados para a terceira idade. O primeiro modelo é o da rejeição. Neste modelo é abordado o isolamento sénior bem como a falta de ofertas que existe para os idosos. O segundo modelo, o dos Serviços Sociais, oferece um conjunto de respostas às necessidades da

população. O terceiro modelo, a participação, tem como objetivo a integração dos idosos num ambiente favorável. Neste modelo, o sénior é visto como “um sujeito de formação para melhorar, compensar ou manter níveis de aperfeiçoamento individual” (Ibid, p. 317). Por último temos o modelo da atualização que remete para o desenvolvimento pessoal do sénior e a adaptação do mesmo às diferentes situações sociais e culturais a que está sujeito.

A intervenção com os seniores é “um processo no qual o sujeito assume pessoalmente o interesse de ser protagonista da sua própria vida, de se interessar pessoal e livremente pelos problemas e inquietações que povoam o seu meio” (Ibid, p.320). A participação dos idosos é um elemento fundamental para que os processos educativos e sociais se desenvolvam.

O educador sénior deve ser alguém que tenha a capacidade de desenvolver um processo criativo, ativo e participativo tendo em conta a diversidade e a heterogeneidade dos grupos seniores pois cada sénior tem a sua história de vida e a sua individualidade.

No processo de aprendizagem dos idosos é importante partir, em primeiro lugar, das experiências da vida e seguidamente fazer uma reflexão, de forma a encontrar novas alternativas e respostas. O educador também deverá utilizar os temas e os assuntos que irão ser abordados para “*maximizar as oportunidades* de os alunos aprenderem a partir dos seus interesses, dos gostos e das motivações, procurando relacionar o mais possível com os assuntos a explorar com as histórias de vida” (Antunes, 2001, p.254).

A reflexão crítica sobre a própria aprendizagem é uma prática educativa muito importante pois permite ao sénior compreender as suas ações de forma crítica e construtiva. A partir desta reflexão existirá um bem-estar mais significativo por parte do sénior como também haverá uma melhor participação e diálogo com o educador ou formador o que permitirá uma reestruturação das práticas levando a compreender o significado e o valor das novas aprendizagens.

### **Universidade de Terceira Idade (UTI)**

Não existe uma terminologia certa para este tipo de educação, o que leva muitas vezes haver algumas discussões, pois possuem várias designações como: universidade, academia ou associação bem como terceira idade ou sénior, e em Portugal são utilizadas essas várias designações.

Estas universidades ou academias são uma “resposta socio-educativa, que visa criar e dinamizar regularmente actividades sociais, culturais, educacionais e de convívio, preferencialmente para e pelos maiores de 50 anos” (Jacob, 2012).

Estas UTIs enquadram-se no conceito da formação ao longo da vida e tem princípios da gerontologia educativa. É um modelo de formação de seniores que proporciona uma grande variedade de actividades culturais, recreativas, científicas e de aprendizagem (Ibid).

A ideia de universidade sénior apareceu em 1727 em Filadélfia, quando Benjamin Franklin fundou um grupo de discussão e de estudos para adultos, mas só nos anos 60 do século XX é que surgiram na França e na América as primeiras universidades com o objetivo de manter ocupados os idosos que acabavam de entrar na reforma e englobava actividades sociais, culturais e de lazer. Em 1973, em Toulouse, o professor Pierre Vellas iniciou as investigações no ramo da Gerontologia e graças a esse estudo, sete anos mais tarde, em 1980 já existia na França 59 universidades seniores dirigidas para a ocupação de tempos livres podendo beneficiar de diplomas e certificados (Loureiro, 2013).

Em Portugal, durante a Primeira República surgiram as universidades populares, mas só em 1978 é que foi fundada a primeira universidade de terceira idade por Herberto Miranda em Lisboa. Esta primeira universidade teve como objetivo tornar-se numa “instituição cultural e educativa, pretendendo valorizar a imagem do idoso como alguém com capacidades para ser útil na sociedade, contribuindo para o seu desenvolvimento” (Velo, 2004, pp. 135-136).

Na segunda metade dos anos 80 surgiram três universidades no Porto e duas em Lisboa, mas na segunda metade da década de 90 é que surgiram a maior parte das universidades seniores em Portugal Continental. Ente 1998 e 1999 existiam, em Portugal, cerca de 26 universidades seniores (Ibid).

O aumento destas universidades deve-se aos seguintes fatores: o Estado e a sociedade têm uma maior consciencialização acerca do papel dos mais velhos, ao envelhecimento da população, a uma maior exposição das universidades por parte da comunicação social e a existência de uma rede organizada, RUTIS (Jacob, 2013).

O currículo destas universidades consistia em disciplinas teóricas que englobava as línguas, as ciências sociais, entre outras. As disciplinas práticas que envolvia pinturas e artes plásticas e as actividades extracurriculares que remetia a visitas de estudo, palestras, conferências, seminários com uma periodicidade mensal (Velo, 2000).

As universidades seniores em Portugal estão inseridas na educação não formal, deste modo não existe avaliação nem certificação, oferecendo a possibilidade de escolha de tarefas, atividades e áreas de interesse que os seniores querem participar. O Ministério da Educação declarou que só são consideradas universidades desde que não certifiquem os alunos. Estas universidades apesar de terem em consideração a ocupação de tempos livres através de atividades culturais e educativas também possuem outras vantagens como: a integração do idoso na sociedade, aprendizagem ao longo da vida, favorecer as relações inter-geracionais, a transmissão e aquisição de conhecimentos, reforçar as competências sociais, melhorar a autoestima do idoso e o convívio e divertimento (Ibid).

As UTIs têm como objetivos principais: “incentivar a participação e organização dos seniores, em actividades culturais, de cidadania, de ensino, e de lazer”; “divulgar a história, as ciências, as tradições, a solidariedade, as artes, a tolerância, os locais e os demais fenómenos socioculturais entre os seniores”; “ser um polo de informação e de divulgação de serviços, deveres e direitos dos seniores”; “desenvolver as relações interpessoais e sociais entre as diversas gerações” e “fomentar a pesquisa sobre os temas gerontológicos” (Jacob, 2012, pp. 22-23). Mas o objetivo central da mesma é retirar o idoso de casa e do isolamento e proporcionar atividades saudáveis, o convívio e a participação social.

Existem aspetos positivos nestas universidades como: desenvolvimento a nível pessoal e coletivo, combate das representações sociais que existem acerca deste grupo etário e “desenvolve um ritmo, possibilidade de ampliar a de relações sociais e uma significação diferentes ao tempo vivido por alguns reformados/idosos” (Velo, 2000).

Também existe várias críticas a apontar a estas universidades como a separação dos idosos dos outros grupos etários, impossibilitando a integração social, serem seletivas e elitistas pois os idosos que frequentam a mesma são de classe média ou alta e “os idosos podem correr o risco de serem meros espectadores ou consumidores de cultura ou de determinados conhecimentos, em vez de serem, também eles, produtores de “saber” (Ibid).

Atualmente em Portugal existe uma associação que representa as Universidades Seniores, que é a Associação Rede de Universidades da Terceira Idade (RUTIS). Esta associação tem como objetivo principal a promoção do envelhecimento ativo e das Universidades Seniores.

Anualmente são desenvolvidas várias atividades destinadas aos seniores como festivais de teatro e música, gala de dança, o Encontro Nacional de Universidades Seniores, o concurso de cultura geral e a reunião magna (RUTIS, s.d.).

Além destas atividades anteriormente mencionadas, as RUTIS criam e apoiam projetos de envelhecimento ativo, ajudam no aparecimento de mais universidades seniores, realizam encontros nacionais e internacionais, desenvolvem produtos e serviços para os mais velhos, organizam visitas culturais, estabelecem parcerias e angariam fundos de apoio e fazem esforços para o estabelecimento de uma política nacional para o envelhecimento ativo (Ibid).

Segundo Monteiro e Neto (2008, p.52), as universidades funcionam como “uma troca de saberes entre os conhecimentos adquiridos pelos alunos ao longo da vida de maneira empírica e informal, com os conhecimentos científicos ministrados pelos professores”.

Segundo o artigo 9.º do Regulamento da RUTIS, as disciplinas das universidades deverão estar inseridas nas seguintes áreas: ciências sociais e humanas, novas tecnologias, artes e mobilidade e desporto.

A nível de conteúdo programático, cada universidade tem liberdade total para escolher os conteúdos que queiram dar pois assim há a possibilidade de adequar à realidade onde a mesma está inserida. Esta escolha deve procurar “privilegiar a divulgação do património cultural nacional, promover a mobilidade assim como incentivar a utilização das novas tecnologias pelos seniores” (RUTIS, 2012, p.11).

A nível organizacional da universidade é necessário ter atenção à programação de horários e de atividades de forma a abranger um maior número de alunos e as variadas situações, a promover atividades com muita frequência durante o período das aulas e fazer com que os alunos participem nas mesmas, ter atenção as necessidades e às expectativas dos alunos quando há planificação de aulas e atividades e estabelecer valores de mensalidades acessíveis para que todos os seniores que gostem consigam participar (Ibid).

Estas universidades seniores são vistas como respostas sociais que dão apoio aos mais velhos e desempenham um importante papel, pois permite o combate ao isolamento e à exclusão social que, frequentemente, aparece nesta etapa da vida. Também estas proporcionam uma maior aprendizagem e uma partilha de saberes.

## **Modelos de funcionamento da UTI em Portugal**

Existem quatro modelos de organização das UTIs, que são: o modelo francês ou continental, os modelos mistos ou híbridos, os modelos norte-americanos e o modelo inglês ou britânico (Jacob, 2012).

O modelo francês está associado às universidades mais formais e “privilegia a investigação e pode criar cursos superiores e de pós-graduação para seniores, o que pressupõe exigências culturais para o acesso” (Ibid, p.25).

Nos modelos norte-americanos é preciso salientar duas organizações que são: Elderhostel e o primeiro Institute for Learning in Retirement. A Elderhostel é a maior organização sem fins lucrativos mundial de viagens de aventuras educativas para maiores de 55 anos. Criada em 1975 em New Hampshire e passados cinco anos já funcionava em cinquenta Estados. Esta organização oferece aos seus associados visitas de estudo educativas a locais, monumentos e museus históricos e ainda minicursos por mais de noventa países (Ibid).

O primeiro Institute for Learning in Retirement (ILR) surgiu em 1962 em Nova Iorque, com o nome de Institute for Retires Professionals com o patrocínio da New School for Social Research. O modelo deste instituto era um misto entre o modelo francês e o modelo inglês. Este instituto estava agregado a uma universidade, necessitava de partilhar as instalações e os professores, tinha de ser dirigido voluntariamente pelos alunos e era autónomo a nível administrativamente e financeiramente em relação à Universidade (Ibid).

O modelo inglês desenvolveu-se tendo em conta as associações sem fins lucrativos ou grupos auto-organizados. É um modelo mais independente e informal, onde existe uma aproximação dos professores e dos alunos, os programas têm atenção o desenvolvimento das vertentes sociais e recreativas e os professores exercem a sua atividade em regime de voluntariado (Ibid).

Em Portugal a maioria das universidades tem o modelo inglês, mas desde 2009 que tem aparecido alguns projetos semelhantes ao modelo francês como por exemplo o programa 60+ do Instituto Politécnico de Leiria, o Instituto de Estudos Académicos para Seniores da Academia de Ciências de Lisboa e o Programa de Estudos Universitários para Seniores da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Em 2012 a RUTIS lançou, juntamente com o Instituto Superior de Línguas e Administração, a primeira Pós-graduação em Cidadania Ativa apenas para seniores.

## Gerontologia

O termo “Gerontologia” surgiu no século XX, mais precisamente em 1903, criada por Metchnikoff. É a combinação do termo grego *géron* (velho, ancião) com *logia* (estudo), levando seguinte definição: é a ciência que estuda o envelhecimento humano. Esta ciência visa estudar os idosos e os fatores fisiológicos, psicológicos, sociais e culturais relacionados com o envelhecimento.

Esta ciência é uma ciência bio-psico-social, ou seja, envolve vários conhecimentos, que são os biológicos (biologia, medicina, enfermagem), psicológicos (psicologia do desenvolvimento, psicologia social e psicologia cognitiva) e sociais (sociodemografia, ecologia humana e interação social) (Fernández-Ballesteros, 2009).

Os conhecimentos biológicos estão relacionados com as mudanças que ocorrem com a idade e com o passar do tempo, os conhecimentos psicológicos dizem respeito às mudanças que ocorrem com o passar do tempo e que influenciam as funções cognitivas (percepção, aprendizagem, afetividade e personalidade) e os conhecimentos sociais referem-se às mudanças sociais, ou seja, a alteração no papel social, na estrutura social e nas condições culturais (Ibid).

Segundo o Prof. Hugonot de Grenoble (citado por Bize e Vallier, 1985, pp. 43-44) existe doze mandamentos relacionados com a gerontologia que são os seguintes:

1. Um organismo central supramunicipal de coordenação é um preliminar indispensável;
2. A aglomeração urbana deve ser repartida em setores sociais com relativa autonomia;
3. A mistura de idades é obrigação absoluta;
4. Há que manter o meio ambiente habitual: o cidadão na cidade, o rural na sua aldeia;
5. A manutenção de uma atividade é indispensável para a preservação da saúde;
6. O enquadramento e a participação das pessoas idosas devem ser o fundamento da organização geriátrica de amanhã;
7. Caso a habitação própria se afigure incompatível com as condições fisiológicas, psicológicas e económicas decorrentes da velhice, quando chegar a reforma deve procurar-se a solução de um lar com equipamento coletivo;
8. Ao optar-se por uma solução de tipo coletivo, deve assegurar-se a subsistência neste tipo de vida, mesmo quando sobrevêm doença ou invalidez;
9. O serviço hospitalar de geriatria impõe-se como serviço de reinserção social;

10. É preciso manter um laço entre os diferentes serviços, acompanhando as pessoas idosas no hospital, em coletividade ou no domicílio;
11. Impõe-se uma preparação para a reforma como elemento de educação social e de formação de mentalidade;
12. Os serviços especializados, em consonância com os serviços de assistência social e sanitária, devem controlar todas estas atividades.

### **Gerontologia Educativa**

O termo “Gerontologia Educativa” ou “Gerontagogia” foi criado em 1970 na Universidade de Michigan por David Peterson. Esta remete para “a área responsável pelo estudo e pela prática das tarefas de ensino/aprendizagem orientadas para as pessoas envelhecidas e em processo de envelhecimento” (Fragoso, 2012a, p.26), ou seja, existe uma preocupação em expor o idoso a ambientes estimulantes e a utilização de recursos culturais e educativos com o intuito de diminuir o declínio intelectual.

Na Gerontologia Educativa uma das preocupações na intervenção é “positivar o envelhecimento e a velhice, acentuando as potencialidades do ser humano, seja qual for a sua idade” (Jacob e Fernandes, 2011, p. 24). Para intervir neste âmbito é necessário conhecer as características de cada aluno, desde a idade até o meio onde vive, para que possa desenvolver um melhor programa possível.

Peterson (citado por Fragoso, 2012a) afirmava que esta área tentava colocar em interação os processos de educação, o conhecimento sobre o envelhecimento e as necessidades dos idosos, originando a tríplice classificação dos conteúdos da Gerontologia Educativa:

#### **Figura 4**

Tríplice classificação dos conteúdos da Gerontologia Educativa (Ibid, p.26)



Esta trílice tinha como objetivo haver um relacionamento entre das instituições e os processos da educação com o conhecimento do envelhecimento e as necessidades que vão surgindo com o envelhecimento.

A Gerontologia Educativa tem como objetivos: “aumentar a qualidade e a fruição da vida, prevenir e tratar os declives prematuros, facilitar o desenvolvimento de papéis significativos e desenvolver o potencial de maturação emocional e satisfação de vida do envelhescente” (Ibid, p. 28).

Outro elemento fundamental na Gerontologia é ensinar o idoso a pensar criticamente. Ensinar o idoso a pensar deste modo surge novos desafios como: “centrar-se na aprendizagem mais do que na educação”, “melhorar o conhecimento sobre como os envelhescentes aprendem e auto-aprendem” e “comprometer os envelhescentes com outras tarefas supraeducativas” (Ibid, p. 28).

Com estes novos desafios que surgiram foi necessário criar uma abordagem diferente chamada Gerontologia Educativa Crítica. Esta fundamentava-se na teoria social crítica e tinha como autores de referência: Bourdieu, Paulo Freire, Gramsci e Phillipson.

Este tipo de gerontologia não era visto como um modelo de educação, mas sim uma tentativa para ver o tipo de educação para idoso tendo em conta a consciência dos idosos, os seus direitos, a melhoria da qualidade de vida dos mesmos e a sua autorrealização fundamentada em práticas que valorizem os seus interesses e as suas necessidades (Ibid).

A Gerontologia Educativa Crítica tem como objetivos: “incluir o idoso no contexto social”, “promover o autoconhecimento (ganhos/perdas) e por último identificar as possibilidades que o

idoso ainda possui em potência” (Ibid, p.30). Nesta abordagem a intervenção educativa é vista como uma ação pedagógica e social, ou seja, trata-se de um agir proactivo influenciado nas pelas pedagogias críticas.

### **III Parte- Metodologia**

## **Investigação qualitativa**

A palavra “investigação” surge da palavra latina “investigatio” (in+ vestigium), “in” significa uma ação de entrar e “vestigium” significa vestígio, marca, sinal. Uma investigação é uma ação onde pretende-se procurar aquilo que não se conhece, uma pesquisa em que se procura descobrir algo que ainda não é conhecido, “o processo de investigação consiste essencialmente no estudo de indícios, de vestígios, levando várias formulações hipotéticas dos seus possíveis significados, procurando verificar qual destas hipóteses possuirá a explicação mais plausível. (...) os resultados de uma investigação jamais serão definitivos, apontando apenas probabilidades...” (Sousa, 2009, p.12).

A investigação deve ter como objetivo procurar conhecimentos que sejam úteis para o aumento do bem-estar das pessoas e mesma inicia-se devido á necessidade de procurar esclarecer uma dúvida ou responder a uma questão podendo aceitar respostas parciais ou de veracidade duvidosa, mas sempre tentando chegar a respostas com o maior rigor possível (Ibid).

Uma investigação parte, quase sempre, de premissas que são analisadas através do raciocínio logicamente conduzido, utilizando diferentes métodos de procedimento (dedução, indução, argumentação, entre outros) para chegar a conclusões (conhecimento) (Ibid). A validade destas conclusões vai depender se são verdadeiras ou não, “o grau de veracidade depende das premissas serem factos verídicos ou suposições hipotéticas. O modo mais utilizado para a verificação desta veracidade é a tautologia (repetição da mesma investigação em condições semelhantes)” (Ibid, p.13).

Na educação, a investigação surgiu com Quintiliano e mais tarde, por volta do século XV, o autor Juan Luís Vivès defendeu que a educação deveria ligar-se com a observação, a experimentação e a indução.

Os anos passaram e várias investigações foram feitas para colmatar erros que foram aparecendo e chegaram à conclusão que a investigação em educação tem como objetivo “promover a educação ajudando-a na realização do seu fim, que é o desenvolvimento holístico da pessoa” (Ibid, p29).

Esta investigação terá uma natureza qualitativa. A recolha de dados será realizada através de diálogos e conversas, ou seja, através de entrevistas com objetivo de obter informação crucial à investigação.

A investigação qualitativa surgiu no final do séc. XIX e início do séc. XX, mas só na década de 60 e 70 é que atingiu o seu auge. Nesta investigação privilegiam a compreensão dos comportamentos a partir dos sujeitos de investigação e os dados que são recolhidos são muito ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas (Bogdan & Biklen, 1994).

Segundo Bento (2015), a investigação qualitativa foca-se no modelo fenomenológico onde a realidade é retratada através das perceções dos sujeitos, o objetivo é compreender e encontrar significados através de diálogo, conversas e observações e este tipo de investigação ocorre em situações naturais.

O investigador neste tipo de investigação, exerce um papel mais ativo “porque se consagra a partilhar a experiência descrita pelos participantes, com vista a compreendê-la melhor”, ou seja, o investigador e os participantes influenciam-se mutuamente, surgindo a importância da atenção do discurso dos participantes” (Fortin, 2009, p.299).

A investigação qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1994), possui várias características, que são: “a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal”, “é descritiva”, “os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos”, “os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva”, “o significado é de importância vital na abordagem qualitativa” e tem uma visão holística dos fenómenos sociais.

Segundo Taylor e Bogdan (citados por Lopes, 2008) a investigação qualitativa tem vários atributos essenciais para uma recolha de dados mais fidedignos como: as ações das pessoas são analisadas de forma holística, é uma investigação realizada a partir do mundo real, as pessoas têm rosto e nome pois o investigador tem interação com as mesmas para recolher informação e o valor da informação não é ditado pelo prestígio social ou ideológico.

Neste tipo de investigação é possível utilizar a observação e as entrevistas como estratégias de recolhas de dados e raramente recorrem a questionários. As entrevistas podem ser abertas ou fechadas, mas muitos investigadores acabam por preferir as abertas pois os sujeitos da investigação exprimem livremente as suas opiniões sobre o assunto que está a ser investigado.

Nesta investigação, o investigador deverá ter como objetivo “compreender, com bastante detalhe, o que é que professores, directores e estudantes pensam e como é que desenvolveram os seus quadros de referência” (Bogdan & Biklen, 1994, p.17). Devido a este objetivo o investigador

tem de passar longas horas no ambiente onde está a realizar o estudo a elaborar questões abertas e registar as possíveis respostas.

Deste modo, o investigador tem um papel ativo na investigação pois partilha a experiência descrita pelos participantes para compreendê-la melhor levando a uma maior interação entre os mesmos. Normalmente o investigador observa o comportamento dos participantes havendo uma aproximação entre os mesmos pois o participante “pode orientar as questões de investigação, guiar a colheita dos dados e tomar parte na interpretação” (Fortin, 2009, pp. 299-300).

## **Estudo de caso**

Para a realização desta investigação irá ser implementado um estudo de caso que incidirá no projeto Universidade Sénior existente numa escola da RAM. Serão realizadas entrevistas ao coordenador, aos professores que colaboram com esta universidade, bem como a alguns alunos da mesma, com o intuito de compreender os processos de supervisão pedagógica desenvolvidos em contextos não formais de educação.

O estudo de caso é uma investigação naturalista que visa estudar o sujeito no seu ambiente sem qualquer intervenção do investigador no sentido de manipular as variáveis independentes, “visa essencialmente a compreensão do comportamento de um sujeito, de um dado acontecimento, ou de um grupo de sujeitos ou de uma instituição, considerados como entidade única, diferente de qualquer outra, numa dada situação contextual específica...” (Sousa, 2009, pp.137-138).

Neste tipo de estudo existe dois objetivos que são: “aumentar o conhecimento que se tem de um indivíduo ou de um grupo e formular hipóteses a este propósito, ou estudar as mudanças susceptíveis de se produzirem ao longo do tempo no indivíduo ou no grupo” (Fortin, 2009, p.241).

Este estudo é apropriado para investigadores isolados pois proporciona um determinado aspeto de um problema em pouco tempo e pode ser estudado de forma mais ou menos profunda e a sua recolha de dados ocorre sistematicamente através de um estudo devidamente planeado (Bell, 2004).

As técnicas de recolha de dados mais utilizados são a observação e as entrevistas, mas não invalida a utilização de outros métodos neste estudo, pois as técnicas serão selecionadas conforme a necessidade do investigador (Ibid).

Tendo em conta que esta investigação é de natureza qualitativa, o estudo de caso nesta circunstância interessa-se mais pelos significados das experiências vividas pelos indivíduos e não pela junção de dados tendo em vista os estudos ou generalizações (Fortin, 2009).

As vantagens deste tipo de investigação são as seguintes: “concentração das atenções do investigador e na utilização cruzada de diversos instrumentos de avaliação sobre um caso ou situação específica, procurando identificar os diversos processos interactivos em curso, para melhor compreender a sua fenomenologia” (Sousa, 2009, p.139) e permite que seja estudado de forma mais ou menos profunda em pouco tempo.

As desvantagens do estudo de caso são as seguintes: não é possível fazer generalizações dos dados e é difícil voltar a verificar a informação obtida, pois muitas vezes os investigadores optam por entrevistas e muito dificilmente o entrevistado vai dizer o mesmo (Ibid).

O estudo de caso pode ser de carácter exploratório (explorar um determinado fenómeno), pode ter um carácter descritivo, pode ser interpretativo (perspetiva fenomenológica), também podem ser explicativos ou quasi-experimentais (explicar os factos) e por último de investigação-ação (transformar uma determinada realidade) (Amado, 2014). Esta investigação será de carácter descritivo e interpretativo pois pretende-se analisar, registar e interpretar os fatos sem haver interferência do investigador.

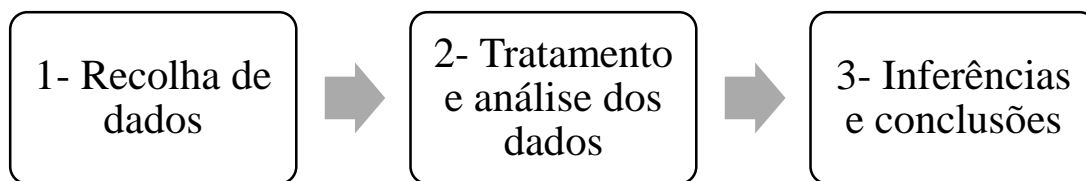
Para a realização deste tipo de investigação é necessário adquirir algumas competências básicas que são: “saber formular boas perguntas e interpretar as respostas; ser um bom ouvinte e não ser traído pelas suas próprias ideologias ou preconceitos; ser adaptável e flexível (...); ter uma boa capacidade de “agarrar” os aspetos que estão a ser estudados (...); não ser influenciado por preconceitos, incluindo os que derivam da teoria” (Ibid, p.123).

Este tipo de investigação tem como finalidade: “fornecer descrições vivas acerca de um caso, uma pessoa ou uma circunstância (...), proporcionar explicações (...); fornecer avaliações (...)” (Bento, 2015, p.68).

Os procedimentos do estudo de caso são os seguintes:

### **Figura 5**

Procedimentos do estudo de caso (Sousa, 2009, p.141)



Para a recolha dos dados é necessário organizar um *dossier* com o intuito de guardar os documentos acerca da investigação que serão necessários para análise (Sousa, 2009). O tratamento dos dados será efetuado através da análise de conteúdo, da análise documental e da triangulação onde poderá ser dividido nas seguintes categorias: contextualização do caso, análise das capacidades, análise das incapacidades e definição das dificuldades e necessidades. As inferências e conclusões são efetuadas através dos dados obtidos e do sujeito em situação, dando origem a duas áreas que são: as deduções efetuadas a partir dos elementos-chave e do contexto e das ilações efetuadas a partir das relações existentes (Ibid).

Podemos dizer que o estudo de caso consiste em uma investigação detalhada sobre um fenómeno que ocorre na entidade social, como em indivíduos, família ou um grupo, com vista às experiências vividas (Fortin, 2009). Os dados são recolhidos através de questionários, entrevistas, observações e o diário de bordo. A análise destes dados obtidos vai dar origem a temas e tendências que são classificados tendo em conta os objetivos da investigação.

### **Sujeitos da investigação**

Os sujeitos que participaram nesta investigação e que foram alvo de entrevistas foram os seguintes:

- O coordenador e fundador da Universidade Sénior;
- Os professores que cooperam nesta universidade;
- Alguns alunos que pertencem a esta universidade.

**Tabela 2**

Dados dos sujeitos da investigação

| <b>Dados do coordenador</b>  |              |             |                         |
|------------------------------|--------------|-------------|-------------------------|
| <b>Coordenador</b>           | <b>Idade</b> | <b>Sexo</b> | <b>Anos de Carreira</b> |
| <b>C</b>                     | 58           | Masculino   | +30                     |
| <b>Dados dos professores</b> |              |             |                         |
| <b>Professor</b>             | <b>Idade</b> | <b>Sexo</b> | <b>Anos de Carreira</b> |
| <b>P1</b>                    | 43           | Feminino    | 17                      |
| <b>P2</b>                    | 49           | Feminino    | 25                      |
| <b>P3</b>                    | 35           | Feminino    | 13                      |
| <b>P4</b>                    | 48           | Feminino    | 28                      |
| <b>P5</b>                    | 62           | Feminino    | Reformado               |

| <b>Dados dos alunos</b> |              |             |                     |  |                 |
|-------------------------|--------------|-------------|---------------------|--|-----------------|
| <b>Aluno</b>            | <b>Idade</b> | <b>Sexo</b> | <b>Escolaridade</b> | <b>Tempo de frequência na universidade</b> | <b>Ocupação</b> |
| <b>A1</b>               | 71           | Feminino    | 6.º ano             | 2017/2018                                  | Reformado       |
| <b>A2</b>               | 68           | Feminino    | 12.º ano            | 3 anos                                     | Reformado       |
| <b>A3</b>               | 64           | Feminino    | 12.º ano            | 3 anos                                     | Reformado       |

Estes elementos foram escolhidos, tendo em conta o objetivo principal proposto nesta investigação que é compreender os processos de supervisão pedagógica desenvolvidos em contextos não formais de educação numa Universidade Sénior da RAM.

As entrevistas presenciais aos alunos da Universidade Sénior da Escola Gonçalves Zarco foram realizadas no dia 6 de dezembro de 2017 na parte da tarde, na escola onde está inserida a Universidade Sénior.

Seguidamente foram realizadas cinco entrevistas aos professores que participam na Universidade Sénior da Escola Gonçalves Zarco. Estas entrevistas decorram nos dias 15 de janeiro, 17 de janeiro e 15 de fevereiro de 2018 nas instalações da escola.

Por último foi realizado uma entrevista ao coordenador do projeto, Universidade Sénior, presente na Escola Gonçalves Zarco. Esta entrevista decorreu no dia 8 de janeiro nas instalações da escola onde está inserida a Universidade.

### **Local de investigação**

A universidade sénior da Escola Gonçalves Zarco surgiu a 3 de março de 2015 com a implementação de um curso Propedêutico e só no ano letivo de 2015/2016 é que deram início às aulas de acordo com o calendário escolar. Esta orienta-se pelos princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos e pelos direitos e deveres da Constituição da República.

A universidade está inserida numa escola básica e secundária da Região Autónoma da Madeira e utiliza os recursos físicos e materiais que a escola tem ao dispor. Os professores estão em regime de voluntariado e têm de estar habilitados para trabalhar com a população sénior.

Para se inscrever nesta universidade sénior os alunos têm de se dirigir à escola na primeira semana de cada trimestre do ano letivo e possuir as seguintes características: ter mais de 50 anos, dispor de robustez física e psicológica, apresentar certificado pelo médico para realizar as atividades, concordar com os valores e as normas do regulamento da universidade, preencher uma ficha de inscrição, pagar o valor da inscrição e ter concluído o 6.º ano do 2.º ciclo do ensino básico.

Os alunos têm o dever de manter um bom relacionamento com a comunidade educativa, preservar e conservar os equipamentos e as instalações da universidade, pagar a inscrição e a mensalidade dentro dos prazos estipulados, participar nas atividades da universidade em que se inscrevem, apresentar sugestões para melhorar o serviço que é prestado e fazer cumprir o regulamento, os valores e o ideário da universidade.

Se os alunos faltarem mais de três vezes em cada trimestre sem justificação, se faltarem nove vezes consecutivas a uma disciplina, a matrícula será cancelada. Em caso de alguma doença que impossibilite o aluno a frequentar a universidade, este poderá suspender a sua matrícula e é necessário apresentar um atestado médico para comprovar toda a situação. As desistências terão de ser comunicadas com um mês de antecedência mediante preenchimento de um formulário.

A universidade sénior tem como objetivos: incentivar a criatividade e a dedicação nas atividades socioculturais, proporcionar a troca de conhecimentos intergeracionais, partilhar ideias e construir projetos, contribuir para o enriquecimento pessoal e social dos seniores, garantir a melhoria da qualidade de vida, interagir com a dinâmica social, manter a rede de relações sociais

com a sociedade, desenvolver práticas de proximidade com a comunidade e tornar a escola onde a universidade está inserida mais inclusiva.

O horário da universidade é pré definido no início do ano letivo, ou seja, na segunda-feira os alunos têm português ou francês, na terça-feira têm a disciplina de inglês, na quarta-feira têm italiano, na quinta-feira têm artes e a sexta-feira está destinada aos projetos da escola.

Esta universidade é autónoma na construção dos conteúdos programáticos e não certifica os alunos pois esta insere-se no regime não formal da educação e em contexto de formação ao longo da vida. O único certificado que esta garante é acerca da assistência às aulas, ou seja, se os alunos frequentarem pelo menos dois terços das aulas poderão solicitar a certificação.

Existe uma variada oferta de atividades de animação sociocultural como aulas em regime de ensino informal, seminários e cursos multidisciplinares, passeios e visitas de estudo, grupos culturais e recreativos, encontros diversos, divulgação e informação de serviços destinados aos seniores e cooperação com os serviços de saúde.

Algumas atividades das quais obtivemos conhecimento nesta investigação foram: o lugar da história, os pães de açúcar, visita ao Madeira *Wine*, jantar de carnaval e de natal, participação no desfile de carnaval da escola, participação no Encontro das Universidades e Academias Seniores da RAM e no Concurso Solidariedade Intergeracional da Europa, entre outras.

## **Técnicas e instrumentos de recolha de dados**

Para a recolha de dados desta investigação foi realizado entrevistas semiestruturadas aos sujeitos da investigação e também foi utilizado a análise documental, com o intuito de averiguar o *site* da universidade e um excerto do “Estatuto da USGZ”.

### **Entrevistas semiestruturadas**

Para a recolha de dados desta investigação foram utilizadas as entrevistas semiestruturadas, pois envolvem questões, que embora possuam uma ordem previamente determinada dando a possibilidade de haver uma melhor organização da informação recolhida, assume um carácter flexível, na medida em que permite fazer as alterações necessárias em conformidade com o diálogo estabelecido.

A entrevista é um dos métodos de recolha de dados mais utilizados na investigação pois permite ao investigador recolher informação junto dos participantes sobre as questões de

investigação, com o intuito de recolher ideias sobre factos, ideias, comportamentos, preferências, sentimentos, expectativas e atitudes (Bento, 2015).

Segundo Amado (2014), podemos afirmar que a entrevista é: “um meio potencial de transferência de uma pessoa (o informante) para outra (o entrevistador) de pura informação (...)”, “uma transação que possui inevitáveis pressupostos que devem ser reconhecidos e controlados (...) emoções, necessidades, inconscientes, influências interpessoais” e “uma conversa intencional por objetivos precisos” (p.207).

As entrevistas podem ser classificadas como estruturadas, semiestruturadas e não estruturadas conforme o grau de liberdade do investigador deixado aos interlocutores.

Na entrevista estruturada “cada entrevistado responde a uma série de perguntas preestabelecidas dentro de um conjunto limitado de categorias de respostas” (Bento, 2015, p.61), ou seja, o entrevistador segue um guião previamente realizado, com uma série de perguntas predefinidas e de resposta curta e objetiva.

A entrevista semiestruturada, a que será utilizada nesta investigação, “as questões e a ordem de apresentação são pré-determinadas, seguindo a sequência do guião e as questões são abertas. (...) Não limita os respondentes a um conjunto de respostas predeterminadas (...)” (Bento, p.62), ou seja, existe uma orientação no início da entrevista e depois o entrevistado segue a sua linha de raciocínio, intervindo só quando há um desvio do assunto em questão.

As entrevistas não estruturadas, são entrevistas onde as perguntas surgem conforme o diálogo entre o entrevistado e entrevistador o que vai exigir uma grande competência e sensibilidade do investigador e “parte de uma noção de grande complexidade do comportamento humano, pelo que procura entendê-lo sem que para isso avance categorias prévias e delimitadoras da investigação.” (Amado, 2014, p.209).

Segundo Sousa (2009), existem seis objetivos nas entrevistas que são: averiguar factos, averiguar opiniões, averiguar sentimentos, averiguar atitudes, averiguar, decisões, averiguar motivações.

As entrevistas possuem algumas vantagens, entre elas, o desenvolvimento pessoal entre o entrevistador e o entrevistado, pode ser aplicada a sujeitos que não sabem ler, é flexível pois permite adaptar a cada situação e a cada sujeito, o entrevistador pode repetir ou esclarecer as perguntas, o sujeito é questionado diretamente, possibilita a observação do entrevistado podendo

avaliar as opiniões, condutas e atitudes, o entrevistador consegue recolher dados qualitativos, as informações são mais precisas e os dados são uniformes sem muitas discrepâncias (Ibid).

As desvantagens das entrevistas são: o entrevistado tem pouca liberdade nas respostas, existe um risco de distorção do que foi dito, a sua preparação e aplicação são mais demoradas, a veracidade das respostas é influenciada devido à falta de anonimato e é mais dispendiosa a nível de tempo e dinheiro (Ibid).

### **Análise documental**

A análise documental foi utilizada nesta investigação com o intuito de averiguar o estatuto da universidade sénior. Segundo Chaumier (citado por Bardin, 2008, p.47) a análise documental é “uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente do original, a fim de facilitar, num estado ulterior, a sua consulta e referência”.

A análise documental tem como objetivo “dar forma conveniente e representar de outro modo essa informação, por intermédio de procedimentos de transformação” (Ibid, p.47), ou seja, esta técnica permite ao investigador passar dos documentos primários para um documento secundário levando a uma restrição da informação.

Quando utilizamos esta técnica é necessário ter em atenção duas abordagens diferentes, que são: a “abordagem orientada para as fontes” e a abordagem “orientada para o problema” (Bell, 2004). A primeira abordagem “é a natureza das fontes que determina o projecto e ajuda a formular as questões a que a investigação vai responder” e a segunda abordagem “implica formular perguntas através da leitura de *fontes secundárias*, ler o que já foi descoberto acerca do assunto e decidir qual vai ser a orientação do trabalho antes de começar a trabalhar com as *fontes primárias*” (Ibid, p.102).

Segundo Bell (2004), esta técnica pode envolver a análise de fotografias, de filmes, de vídeos, de diapositivos e de outras fontes não escritas, mas os que são mais utilizados são os documentos impressos. As fontes dos documentos para analisar podem partir de fontes primárias ou secundárias.

As fontes primárias “são as que foram produzidas durante o período a ser investigado (Ibid, p.104). Esta fonte é dividida em duas categorias que são: as fontes deliberativas “são produzidas tendo em mente os futuros investigadores” e inclui autobiografias, memórias de políticos ou

pessoas ligadas à educação, diários ou cartas escritas, entre outros e as fontes inadvertidas que foram produzidas “...com o fim prático contemporâneo da realidade a que se referem e parecem por isso mais simples e directos que as fontes deliberadas” (Ibid, pp. 104-105).

As fontes secundárias “são interpretações de eventos desse período baseadas em fontes primárias” (Ibid, p.104) e a distinção entre estas duas fontes pode ser algo complicado porque para alguns a fonte pode ser fonte primária, mas para outros não, depende do ponto de vista de cada um.

Segundo Sousa (2009), a forma de analisar um documento vai depender do objetivo a que se destina. Esta análise pode ter em conta os seguintes objetivos: escolher o que é mais importante no texto, interpretar ideias e conceitos, realizar uma compreensão mais profunda do texto, separar os conceitos mais importantes dos menos importantes, distinguir as hipóteses e os problemas, encontrar ideias principais e as direções secundárias, perceber como é que as ideias se relacionam e identificar as conclusões e as bases.

Após seleccionar o texto pretendido pelo investigador e de ter definido os objetivos da sua análise, procede-se para as seguintes fases: primeira leitura, segunda leitura com o intuito de identificar tudo o que não for compreensível, a terceira leitura com a intenção de detetar a ideia principal, localizar as principais ideias e conceitos, analisar os elementos, analisar as reflexões, analisar a estrutura, analisar a temática, elaborar uma análise interpretativa, realizar uma interpretação final das análises e por fim a redação (Sousa, 2009).

Apesar da análise documental ser muito semelhante à análise de conteúdo existe diferenças entre as mesmas. Enquanto a análise documental trabalha com documentos, utiliza a classificação e a indexação e condensa a informação para consulta e armazenamento, a análise de conteúdo trabalha as mensagens, utiliza a análise categorial temática e existe uma “manipulação de mensagens (...) para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem” (Bardin, 2008, p.48).

## **Análise e tratamento de dados**

“É o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais

e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou”  
(Bogdan & Biklen, 1994, p. 205).

### **Análise de conteúdo**

Para o tratamento dos dados recolhidos nas entrevistas desta investigação, foi utilizado a análise de conteúdos. O conceito de análise de conteúdo tem sofrido algumas alterações com o passar dos anos, mas Bardin (2004) define como: “um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (pp. 33-34).

Segundo a linha de pensamento de Bardin, Sousa (2009) afirma que a análise de conteúdo é examinar vários documentos, tendo em vista o conteúdo oculto e mais profundo e não aquele que está visível e perceptível, “analisar o conteúdo é procurar ultrapassar a superfície penetrando no interior para descobrir o conteúdo profundo, o significado verdadeiro” (p.265). O objeto de estudo desta análise são textos, discursos, descrições e outras formas documentais que apresentem uma boa informação camuflada.

Segundo Amado (2014), a análise de conteúdos permite ao investigador uma representação rigorosa e objetiva dos conteúdos ou das mensagens que são transmitidas nas entrevistas através da codificação e da classificação por categorias ou subcategorias como também “o avanço (...) no sentido da captação do seu sentido pleno (à custa de inferências interpretativas derivadas ou inspiradas nos quadros de referência teóricos do investigador), por zonas menos evidentes constituídas pelo referido “contexto” ou condições de produção” (pp.304-305).

As categorias normalmente são determinadas após uma inspeção inicial do documento e são mais abrangentes e as subcategorias são um tema, um artigo, um parágrafo, uma frase ou até mesmo uma palavra que se insere dentro das categorias.

Segundo Sousa (2009, pp. 265-266), a análise de conteúdo tem sete propósitos que são: descrever tendências no conteúdo comunicativo, relacionar as características conhecidas das fontes com o conteúdo das suas mensagens, comparar o conteúdo comunicativo com os seus padrões, analisar as técnicas de persuasão, analisar o estilo, relacionar atributos conhecidos da audiência com mensagens produzidas por elas e descrever padrões de comunicação.

Para a realização da análise de conteúdo é necessário, segundo Bardin (2004), seguir as seguintes etapas: pré-análise (análise inicial dos documentos), a exploração da documentação (analisar o conteúdo e categorizá-lo), a categorização “ (...) é uma operação dos elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definido (p.111) e por último o tratamento de dados, inferência e interpretação (as respostas das entrevistas terão de ser analisadas e seguidamente transpor estes resultados para quadros, gráficos ou diagramas onde sintetizam a informação, é preciso salientar a importância da revisão de literatura neste passo).

Este tipo de análise oferece ao investigador “inferências, explicações e interpretações solidamente baseadas em procedimentos que respeitam a singularidade de cada situação específica e o contexto em que se desenrola” e ainda presente o “estudo de mecanismos que produzem as ocorrências, no seu contexto natural e no momento em que sucedem...” (Sousa, 2009, p.266).

Também é necessário salientar que esta análise tem fragilidades, pois pode acarretar problemas como exemplo a diversidade de significados e os sentidos que as palavras têm leva a que a interpretação e a organização sejam alteradas, até mesmo o estado cognitivo e afetivo do investigador pode influenciar e assim a validade poderá ser questionável.

### **Triangulação**

A triangulação surge nesta investigação com o intuito de cruzar os vários métodos de recolha de dados, que são as entrevistas, a análise documental (informação do Estatuto da USGZ) e a revisão de literatura, com o intuito de obter conclusões de um determinado problema, que neste caso será a maneira de como se processa a supervisão pedagógica numa universidade sénior.

A triangulação advém da navegação marítima e da geografia militar, onde se localizava um determinado ponto pela sua distância e direção em relação a três pontos referenciais diferentes, por exemplo, “num triângulo (A B C), se o observador tiver informação exata da distância entre dois lados (A e B) pode obter as distâncias entre B e C; e, A e C:” (Bento, 2015, p. 85).

Na educação, a triangulação é vista como uma metodologia de investigação onde observa-se um determinado fenómeno através de vários pontos diferentes, por diferentes observadores e com diferentes instrumentos (Sousa, 2009).

Seguindo a mesma linha de pensamento que Sousa, Bento (2015, p. 85) afirma que a triangulação “é um método de verificação dos dados consistindo em empregar várias fontes de informação ou vários métodos de recolha de dados ou vários investigadores no mesmo estudo”.

Segundo Sousa (2009, p.173) a triangulação tem como objetivo de “procurar recolher e analisar dados obtidos de diferentes origens, para os estudar e comprar entre si”. Este tem como finalidade de conferir robustez e consistência a uma investigação de carácter qualitativo identificando as inconsistências e as contradições (Bento, 2015).

Existem quatro tipos básicos de triangulação e uma combinação entre eles (Bisquerra, 1989, citado por Sousa, 2009) que são os seguintes: a triangulação de dados, a triangulação de investigadores, a triangulação teórica, a triangulação metodológica e a triangulação múltipla.

Na triangulação de dados “recolhem-se os dados de diferentes fontes para se compararem entre si” (Ibid, p. 173). Estas fontes de análise que se agregam e interagem entre si, são: o tempo, o espaço e a pessoa.

Na triangulação de investigadores é utilizado vários observadores para analisar um determinado contexto e depois verifica-se os pontos que concordam, que discordam e que não referem. A triangulação teórica surge com o intuito de estudar várias teorias sobre os diversos pontos de vista com o intuito de obter uma compreensão mais plausível do fenómeno. Na triangulação metodológica é aplicado vários métodos e técnicas para comprar os resultados obtidos. E por último a triangulação múltipla onde existe uma combinação de dados, investigadores, teorias, metodologias e técnicas.

Podemos constatar que a triangulação é uma combinação de vários métodos de recolha de dados e de diversas perspectivas teóricas que pretendem “a validação de resultados obtidos com métodos individuais” (Flick, 2009, p. 362), apoiando o conhecimento adquirido pelos métodos qualificativos.

## **IV- Análise de dados e discussão de resultados**

## Análise e interpretação dos dados

Neste capítulo “análise e interpretação dos dados”, pretende-se apresentar os dados obtidos ao longo desta investigação com o intuito de averiguar os processos de supervisão pedagógica desenvolvidos em contextos não formais de educação numa Universidade Sénior da RAM.

Neste ponto irá ser abordado a análise e a interpretação dos dados recolhidos nas entrevistas como também os dados obtidos na análise documental. Primeiramente serão tratadas as entrevistas dos alunos e seguidamente passará a ser tratada as entrevistas realizadas aos professores e por último a entrevista ao coordenador. É necessário salientar que todas estas entrevistas foram gravadas com o consentimento dos entrevistados com o objetivo de reunir um maior número de informação.

### Entrevistas aos alunos

As análises das entrevistas aos alunos foram realizadas com base no guião de entrevista, nas categorias emergentes e no suporte teórico. Esta análise foi dividida em 11 categoria e 38 indicadores. Optou-se por distinguir os alunos na análise que se prossegue através da codificação A1, A2 e A3.

**Tabela 3**

Análise de conteúdo das entrevistas dos alunos

| Categoria   | Indicadores                                   | Alunos |    |    | Total de entrevistados |
|---|---|--------|----|----|------------------------|
|   |   | A1     | A2 | A3 | 3                      |
| <b>Descoberta do projeto da Universidade Sénior</b> | Convite do coordenador                        | X      |    |    | 1                      |
|   | Meios de comunicação                          |        | X  |    | 1                      |
|   | Amigos  |        |    | X  | 1                      |
| <b>Gosto pela universidade</b>                      | Apreciação positiva em relação à universidade | X      | X  | X  | 3                      |
| <b>Expetativas para com a universidade</b>          | Novas aprendizagens                           | X      | X  | X  | 3                      |
|   | Ocupação do tempo livre                       | X      | X  |    | 2                      |
|   | Integração na sociedade                       |        |    | X  | 1                      |

|   |  |   |   |   |   |
|---|--|---|---|---|---|
|   | Revisão de aprendizagens   |   |   | X | 1 |
|   | Socialização   |   |   | X | 1 |
| <b>Motivos para a participação na universidade sénior</b> | Desejo de aumentar o conhecimento                                      | X | X | X | 3 |
|   | Despertou o aluno para a cultura                                       |   |   | X | 1 |
|   | Incerteza após a vida profissional                                     |   | X | X | 2 |
|   | Ocupação do tempo livre  | X |   |   | 1 |
|   | Fuga ao isolamento   | X |   |   | 1 |
|   | Problemas familiares   | X |   |   | 1 |
| <b>Importância da Universidade no mundo sénior</b>        | Apreciação positiva em relação à importância da universidade           | X | X | X | 3 |
| <b>Preferências dos alunos da universidade</b>            | Línguas  | X | X | X | 3 |
|   | Português  | X |   |   | 1 |
|   | História   | X | X | X | 3 |
|   | Artes  |   |   | X | 1 |
|   | Convívio com os alunos e professores                                   |   |   | X | 1 |
|   | Amizade  |   |   | X | 1 |
|   | Partilha de conhecimento com o próximo                                 |   |   | X | 1 |
| <b>Relação entre professor-coordenador-aluno</b>          | Bom relacionamento entre professor-coordenador-aluno                   | X | X | X | 3 |
|   | O aluno pode contar com o apoio de todos para a resolução de problemas | X | X | X | 3 |
|   | Novas aprendizagens  | X | X |   | 2 |

|   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|
| <b>Aspetos positivos da universidade sénior</b> | Ocupação do tempo livre                       | X | X |   | 2 |
|   | Convívio                                      | X | X |   | 2 |
|   | Integração no ensino                          |   |   | X | 1 |
|   | Fuga à solidão                                | X |   | X | 2 |
|   | Aumento do conhecimento cultural              |   |   | X | 1 |
|   | Contacto com os jovens                        |   |   | X | 1 |
| <b>Aspetos a melhorar</b>                       | Sem opinião em relação aos aspetos a melhorar | X |   |   | 1 |
|   | Ausência de melhorias na universidade         | X | X | X | 3 |
| <b>Sugestão</b>                                 | Sem alterações na universidade                | X | X | X | 3 |

Relativamente aos à categoria “**meios de conhecimento da universidade**”, os alunos enumeraram diversos meios, como exemplo: os meios de comunicação, o convite feito pelo coordenador para participar nesta universidade e também o conhecimento da universidade sénior através de amigos. O convite elaborado pelo coordenador surgiu devido ao facto de o mesmo conhecer os alunos de outras universidades e resolveu convidá-lo para integrar no seu projeto.

Como podemos ver o aluno 1 referiu: “já fui convidada há 3 anos pelo C”, o aluno 2 mencionou “através da imprensa” e o aluno 3 indicou “através de um professor que era amigo meu”.

Na categoria “**gosto pela universidade**”, foi questionado aos alunos se estavam satisfeitos e se estavam a gostar da universidade sénior e do trabalho que estava a ser desenvolvido. Todos os alunos afirmaram que gostavam de pertencer a aquela universidade e caso não apreciassem desistiriam.

O aluno 1 referiu “gosto, estou a gostar”. O aluno 2 disse “sim, muito” e ainda mencionou “não estou arrependida, está a ser bastante bom”. O aluno 3 afirmou “sim, daí nunca ter desistido”.

Nas “**Expetativas para com a universidade**”, o aluno 1 respondeu “vou aprender mais qualquer coisa”, o aluno 2 disse “acrescentar conhecimento” e o aluno 3 enunciou “aprender”.

A nível de ocupação dos tempos livres só foi referido pelos alunos 1 e 2. O aluno 1 proferiu “uma maneira sã de eu ocupar o meu tempo” e o aluno 2 alegou “é uma ocupação de tempos livres”.

A integração só foi mencionada pelo aluno 3, “integrar-me num grupo de amigos”. O reviver aprendizagens só foi dito pelo aluno 2, “rever as coisas que já demos, a gente vai avivando a memória”, como também o convívio só foi indicado pelo aluno 2, “e o convívio, que está tudo interligado com a nossa atividade”.

Nos “**Motivos para a participação na universidade sénior**”, quando os alunos foram questionados sobre as razões que levaram a participar neste projeto, estes afirmaram que a aprendizagem, a abertura à sociedade, o não saber o que fazer após a reforma, ocupação dos tempos livres, a fuga ao isolamento e aos problemas familiares eram os principais fatores, como podemos ver na tabela.

A aprendizagem foi unânime, todos os alunos entrevistados afirmaram que uma das razões era aprender mais. O aluno 1 referiu “a gente está sempre a aprender”, o aluno 2 afirmou “aprender” e o aluno 3 aferiu “vim à procura daquilo que me fazia falta que era a língua italiana”.

A abertura à sociedade só foi mencionada pelo 3, “estou mais aberta ao mundo”. O não saber o que fazer após a reforma foi referido por dois alunos, o aluno 1 afirmou “eu nunca pensei que a idade que tenho de vir para aqui” e o aluno 2 referiu “praticamente estava reformada a uns meses”.

Os restantes indicadores, ocupação dos tempos livres, isolamento e problemas familiares só foram mencionados pelo aluno 1. Este aluno transmitiu na sua entrevista as seguintes respostas: “ocupamos o nosso tempo”, “eu estou a sair e está a fazer bem” e “como já tenho esta idade, tenho familiares doentes”.

No que concerne à categoria “**Importância da Universidade no mundo sénior**”, esta revelou-se unânime pois todos os alunos concordaram que a universidade sénior é de extrema importância. O aluno 1 declarou “eu acho que sim”, o aluno 2 aferiu “sim, para mim foi” e o aluno 3 disse “sim”.

Nas **atividades preferidas dos alunos**, estes responderam que gostavam de algumas disciplinas, como por exemplo línguas, português, história e artes e só um aluno referiu o convívio, amizade e partilha de conhecimentos como áreas de interesse.

Em relação às línguas foi unânime, todos os alunos gostam de todas as disciplinas que envolvam línguas pois aproxima-os do mundo atual. O aluno 1 respondeu “estou adorando italiano”, o aluno 2 mencionou “são as línguas” e o aluno 3 afirmou “olhe eu gosto muito das línguas”.

A disciplina de história também agrada todos os alunos, como podemos ver o aluno 1 afirmou “também adoro a aula de História”, o aluno 2 referiu “gosto de história” e o aluno 3 disse “história”.

A disciplina de português só foi referida pelo aluno 1, que afirmou “a de Português”. Os restantes indicadores; artes, convívio, amizade e partilha de saberes, só foram mencionados como áreas de interesse pelo aluno 3, como anteriormente havia referido.

Seguidamente foi questionado aos alunos que tipo de **relacionamento existia entre os alunos, professores e o coordenador**. Todos os alunos afirmaram que tinham um bom relacionamento com todo o meio escolar, todos mostravam sempre disponíveis para ajudar em qualquer assunto, até mesmo em problemas pessoais.

A nível do relacionamento, o aluno 1 referiu a relação como “sim tenho um bom relacionamento” e ainda aferiu que o coordenador era uma pessoa excelente; “o Doutor coisa é espetacular”, o aluno 2 disse “boa, muito boa” e ainda mencionou “os professores são nossos amigos, a gente sente” e o aluno 3 afirmou “eu? Muito bom! (...) Tenho amizade com muitos professores fora das aulas”.

A nível de apoio nos problemas o aluno 1 referenciou “sim, posso falar com ele”, o aluno 2 afirmou “sim, aqui a gente fala abertamente” e o aluno 3 mencionou “os professores ajudam sempre”.

Em relação aos **aspetos positivos da Universidade Sénior**, a aprendizagem foi referida pelos alunos 1 e 2. O aluno 1 afirmou “a gente aprende muito com os professores” e o aluno 2 mencionou “conhecimento de outra pessoa”. A ocupação dos tempos livres também foi mencionando pelos alunos 1 e 2. O aluno 1 disse “ocupamos o nosso tempo” e o aluno 2 indicou “ocupação de um bocadinho do dia”. Também o convívio foi referido pelos alunos 1 e 2. O aluno 1 disse “nós convivemos” e o aluno 2 mencionou frequentemente, ao longo da sua entrevista, “nós convivemos”.

O indicador “fuga ao isolamento” foi mencionado por dois alunos, o aluno 1 e o aluno 3. O aluno 1 contou “eu ficava mais dentro de casa” e disse “passamos o nosso tempo a aprender em

vez de estarmos em casa” e o aluno 3 só referenciou “mudou a minha vida e a maneira como vivia”.

Os restantes indicadores, a integração; a abertura social e o contacto com os jovens só foram referenciados pelo aluno 3. Quando foi perguntado os aspetos positivos este aluno contou que esta experiência a deixou mais disposta a experimentar coisas que antes não fazia, por isso referiu “uma abertura maior a tudo o que existe”.

A integração surge no sentido em que o aluno está, outra vez, ligado à escola e a um grupo de pessoas dentro da faixa etária da mesma, “estamos muito mais ligados à estrutura a escola”.

Outro indicador que o aluno 3 mencionou foi o contacto com os alunos. Como esta universidade está integrada numa escola onde alunos são crianças ou adolescentes, oferece aos seniores uma educação intergeracional, o que leva a que o aluno 3 aprecie muito, “já estava esquecida deste movimento de jovens”.

Por fim, foi questionado aos alunos se **haveria algo a melhorar na universidade**. Inicialmente o aluno 1 mencionou “não tenho assim uma grande opinião porque eu sou bebezinha aqui”, mas ao longo da entrevista mencionou “acho que está ocupado dentro do tempo”.

Os alunos 2 e 3 afirmaram logo que não havia nada a melhorar, como estava organizado era bom pois se houvesse alguma alteração podia haver o risco de ocupar demasiado o tempo e é algo que não é pretendido pelos alunos, como também era necessário ter atenção aos recursos que estão ao dispor tanta da universidade como da escola. O aluno 2 referiu “como está, está bom” e ainda afirmou “nós não queremos tempo inteiro. É um bocadinho por dia” e o aluno 3 aferiu “neste momento eu estou satisfeita” e ainda mencionou “sugerir, isso depende das possibilidades da escola”.

## **Entrevistas aos professores**

As análises das entrevistas aos professores foram realizadas com base no guião de entrevista, nas categorias emergentes e no suporte teórico. Estas foram divididas em 13 categorias e 58 indicadores. Optou-se por distingui-los na análise que se prossegue através da codificação P1, P2, P3, P4 e P5.

**Tabela 4**

Análise de conteúdo das entrevistas aos professores

| Categoria                                       | Indicadores  | Professores |    |    |    |    | Total de professores |
|---|--|-------------|----|----|----|----|----------------------|
|   |  | P1          | P2 | P3 | P4 | P5 | 5                    |
| <b>Razão para participar no projeto</b>         | Realização de um convite por parte do coordenador                  | X           | X  |    | X  | X  | 4                    |
|   | Experiência profissional   |             |    | X  | X  |    | 2                    |
|   | Desafio profissional   |             | X  |    |    |    | 1                    |
|   | Fuga à reforma   |             |    |    |    | X  | 1                    |
| <b>Disciplinas da universidade sénior</b>       | Baú da leitura   | X           |    |    |    |    | 1                    |
|   | Inglês   |             | X  |    |    |    | 1                    |
|   | Informática  |             |    | X  |    |    | 1                    |
|   | Francês  |             |    |    | X  |    | 1                    |
|   | História   |             |    |    |    | X  | 1                    |
| <b>Contributos das disciplinas</b>              | Novos conhecimentos  | X           |    |    |    |    | 1                    |
|   | Colocar em prática os conhecimentos                                |             | X  |    |    |    | 1                    |
|   | Contacto com a sociedade   |             |    | X  |    |    | 1                    |
|   | Auxilia na procura do trabalho                                     |             |    |    | X  |    | 1                    |
|   | Recordação de aprendizagens antigas                                |             |    |    | X  | X  | 2                    |
| <b>Reações dos alunos para com a disciplina</b> | Apreciação positiva pelos alunos acerca das disciplinas lecionadas | X           | X  |    |    | X  | 3                    |
|   | Grau de dificuldade dos alunos                                     |             |    | X  | X  |    | 2                    |
|   | Lembrança de aprendizagens   |             |    |    | X  |    | 1                    |

|   |  |   |   |   |   |   |   |
|---|--|---|---|---|---|---|---|
|   | Sentimento de exclusão por parte dos alunos            |   |   | X |   |   | 1 |
|   | Divertimento   |   |   | X |   |   | 1 |
| <b>Dificuldades sentidas pelo professor</b>       | Inexistência de dificuldades                           | X |   |   |   |   | 1 |
|   | Múltiplos níveis de conhecimento                       |   | X | X | X | X | 4 |
|   | Melhores instalações para a universidade               |   |   | X |   |   | 1 |
|   | Melhores horários para os professores                  |   |   | X |   |   | 1 |
|   | Assiduidade do aluno                                   |   |   | X |   |   | 1 |
|   | Necessidade de modificação das atividades              |   | X | X | X | X | 4 |
|   | Preparação do professor                                |   |   |   |   | X | 1 |
|   | Entrada de novos alunos                                |   | X |   |   |   | 1 |
| <b>Prioridades na intervenção na sala de aula</b> | Interligação com a disciplina                          | X |   |   |   |   | 1 |
|   | Novas aprendizagens                                    |   | X | X | X |   | 3 |
|   | Bem-estar dos alunos                                   | X |   |   |   |   | 1 |
|   | Recordação dos ensinamentos                            |   |   |   | X |   | 1 |
|   | Desejo de oferecer aos alunos uma atividade que gostem |   |   |   |   | X | 1 |
| <b>Planeamento do ano</b>                         | Épocas do ano  | X |   |   | X |   | 2 |
|   | Reunião com o coordenador                              |   | X |   |   |   | 1 |

|  |   |   |   |   |   |   |   |
|--|---|---|---|---|---|---|---|
|  | Elaboração de inquéritos aos alunos                   |   |   | X |   |   | 1 |
|  | A pedido do coordenador                               |   |   |   |   | X | 1 |
| <b>Reunião entre professor e o coordenador</b>   | Existe reuniões                                       | X | X |   | X |   | 3 |
|  | Inexistência de reuniões                              |   |   | X | X | X | 3 |
|  | Frequência das reuniões                               |   | X |   | X |   | 2 |
|  | Temas abordados nas reuniões                          |   | X |   | X |   | 2 |
|  | Tipo de reunião                                       |   |   | X | X | X | 3 |
| <b>Papel do coordenador</b>                      | Coordenar o projeto                                   | X |   |   |   |   | 1 |
|  | Organizar o projeto                                   | X |   | X | X |   | 3 |
|  | Dinamizar   |   |   | X |   |   | 1 |
|  | Ajudar o professor                                    | X |   |   | X |   | 2 |
|  | Suporte de todo o projeto                             |   | X |   |   |   | 1 |
| <b>Relação entre o professor e o coordenador</b> | Boa relação coordenador-professor                     | X | X | X | X | X | 5 |
|  | Influencia do coordenador no trabalho dos professores | X | X | X | X | X | 5 |
| <b>Organização do projeto</b>                    | Boa organização                                       | X | X | X | X | X | 5 |
|  | Atividades adequadas à terceira idade                 | X | X | X | X | X | 5 |
| <b>Aspetos a melhorar</b>                        | Incerteza   | X |   |   |   |   | 1 |
|  | Existe aspetos a melhorar                             |   | X | X |   |   | 2 |
|  | Não existe aspetos a melhorar                         | X | X |   | X | X | 4 |
|  | Sugestão de possíveis melhorias                       |   |   |   | X |   | 1 |
| <b>Importância da universidade</b>               | Uma mais-valia  | X |   |   |   |   | 1 |
|  | Diversidade de atividades                             | X |   |   |   |   | 1 |

|                                      |                         |          |  |  |   |  |   |
|--------------------------------------|-------------------------|----------|--|--|---|--|---|
| <b>sénior na vida<br/>dos idosos</b> | Solidariedade           | X        |  |  |   |  | 1 |
|                                      | Isolamento,<br>abandono | solidão, |  |  | X |  | 1 |

Na categoria “**Razão para participar no projeto**”, foi questionado aos professores quais foram os motivos que levaram a fazer parte deste projeto, quase todos referiram que foi um convite do coordenador menos o professor 3 que referenciou que aceitou fazer parte desta universidade para adquirir experiência. Fora o convite, os professores 2, 4 e 5 mencionaram também, o desafio, a experiência e a fuga à reforma.

O professor 1 na sua entrevista frisou “foi um convite do coordenador”. O professor 2 mencionou dois motivos que são: “teve bastante peso, foi a minha amizade pelo C” e “achei que seria um bom desafio”. O professor 3 apenas referiu “experiência” e o professor 4 também citou dois motivos que são: “para já foi um convite, um convite pessoal” e “querer uma experiência diferente”.

O professor 5 encontrava-se numa situação diferente dos restantes, pois este professor utilizou a universidade sénior para fazer voluntariado e de certo modo ocupou o seu tempo após a reforma. Por isso este professor referiu: “o professor A. convidou-me para fazer parte da universidade sénior” e “eu reformei antecipadamente”.

Seguidamente foi questionado aos professores qual era a **disciplina que lecionavam** e quais os **contributos das disciplinas** para os alunos da universidade. O professor 1 disse “eu sou dinamizadora do projeto, o baú da leitura” e o contributo mencionado foi “os conhecimentos”.

O professor 2 falou “eu leciono inglês” e enunciou como contributo da sua disciplina o seguinte: “praticar e manter e há outros que querem aprender”. O professor 3 disse que lecionava “informática” e que pretendia que os alunos estivessem mais desenvolvidos a nível tecnológico, “estão mais em contacto com a sociedade de hoje”.

O professor 4 afirmou que lecionava “francês” e mencionou que os contributos da disciplina dele era: “arranjar trabalho ou até mesmo investir” (pessoas que vieram da Venezuela integraram na universidade sénior com o intuito de arranjar emprego ou criar um negócio) e “relembrar uma língua” (na altura que os seniores eram crianças a língua que era dada na escola era o francês). O professor 5 referiu que lecionava “história” e que afirmou que a sua disciplina era: “olhe isto é mais um relembrar”.

Também foi questionado aos professores as “**Reações dos alunos para com a disciplina**”. Esta foi uma questão que originou algumas dúvidas pois as reações verdadeiramente fidedignas muitas vezes são realizadas fora da sala de aula, quando os alunos se encontravam todos juntos e sem a presença dos professores. Muitos dos professores afirmaram que pensavam, mas que não tinham a certeza devido ao motivo que foi anteriormente referido.

Os professores 1,2 e 5 apenas mencionaram que os alunos gostavam da sua disciplina. O professor 1 referiu “as pessoas, eu acho que gostam, principalmente quando é para saídas” (outro fator importante para cativar os alunos é as saídas ao exterior), o professor 2 afirmou “os alunos gostam muito” e o professor 5 simplesmente disse “eu acho que gostam”.

Os professores 3 e 4 referiram as dificuldades que eram sentidas na sala de aula. O professor 3 afirmou “alguns de extrema dificuldade” e o professor 4 foi da mesma opinião, “alguns têm muita dificuldade”.

Estas dificuldades que foram referidas muitas vezes dão origem a uma certa exclusão, que foi mencionado pelo professor 3. Este professor mencionou “aqueles que sentem dificuldade sentem-se um bocadinho posto de lado”. O mesmo professor ainda frisou a diversão que muitos alunos sentem dentro da sala de aula, “outros estão lá para se divertir”.

O professor 5 destacou “os outros estão ali para lembrar”, pois muita coisa que é dada dentro da sala de aula foi aprendido na altura em que os alunos eram jovens como também alguns acontecimentos do passado ocorreram no tempo da juventude.

No que concerne às “**Dificuldades sentidas pelo professor**”, os inquiridos apontaram diversas dificuldades como múltiplos níveis de conhecimentos, horários, assiduidade de os alunos, não ter sempre os mesmos alunos dentro da sala de aula, entre outros. É necessário salientar que houve um professor que referiu que não sentia qualquer tipo de dificuldade pois a sua intervenção com os alunos não era frequente devido a ser um projeto da escola. Este professor foi 1 um e referiu: “não tenho muitas dificuldades”.

Em relação aos diferentes níveis de conhecimento o professor 2 afirmou “os níveis são muito disparos”, o professor 3 referiu “é a disparidade de alunos”, o professor 4 mencionou “a minha maior dificuldade foi a diversidade” como também o professor 5 frisou “há alunos que têm o 7.º ano, há alunos que têm a 4.ª classe”.

A necessidade de alterar atividades surge devido á necessidade que os professores sentem em adaptar as atividades aos alunos que se apresentam na sala de aula. O professor 2 afirmou “às vezes sim” e o professor 3 ainda aferiu “sim, principalmente no primeiro ano que tive”.

O professor 2 ainda mencionou “quando chego à sala de aula e tenho 5 ou 6 alunos novos que não pertenciam ao grupo inicial”. Este acaba por ser um problema complicado principalmente para as línguas pois muitos dos alunos que entram, muitas vezes, nunca tiveram contacto e não têm qualquer tipo de bases. Os professores muitas vezes aproveitam dessa situação para relembrar aos que já estavam a frequentar e dão as bases que falta aos outros, mas sempre com material novo pois há sempre o medo da desmotivação dentro da sala de aula.

O professor 3 ainda enuncia mais algumas dificuldades, tais como: “as instalações podiam ser melhores”, “melhor horário”, “exige muita preparação” e “é pena os alunos não venham regularmente às atividades”. Nas instalações este se refere ao facto de haver algumas falhas tanto nos computadores como também na internet, o horário que este professor tem, faz com muitos alunos não compareçam à sua aula porque preferem ir buscar os netos a escola ou têm outro assunto pessoal a tratar e a preparação do professor para esta faixa etária é diferente do que preparação para jovens ou crianças.

Os professores dentro da sala de aula têm como **prioridades**, segundo as entrevistas dos mesmos, o seguinte: ligações da disciplina com os alunos, ou seja, quando os projetos da escola escolhem a universidade sénior para uma tarefa têm que direcionar sempre para o conteúdo do projeto escolar aos alunos; a aprendizagem; bem-estar; relembrar o que foi dado no passado e o disfrutar da aula.

O professor 1 referiu como suas prioridades, “portanto em primeiro lugar é em relação ao projeto” e “o bem-estar das pessoas”. O professor 2 já mencionou “a minha prioridade é que todos aprendam”. O professor 3 também aferiu a aprendizagem com prioridade, “primeiro saberem a iniciação”.

O professor 4 igualmente referiu a aprendizagem “primeiro que todos aprendam” e ainda referenciou o relembrar do que foi dado no passado, “há o relembrar a língua que muitos já deram”. O professor 5 só referiu como prioridade o disfrutar da sua disciplina, “proporcionar, às pessoas que veem à escola, uma atividade que eles gostam”.

Em relação **ao planeamento do ano letivo** houver diferentes respostas. Os únicos professores que tinham métodos similares foram os professores 1 e 4, que afirmaram que

utilizavam as alturas do ano para planear as aulas. O professor 1 disse “o que faço é usar a época com tema” e o professor 4 mencionou “é geralmente por temas que tem a ver com a atualidade”.

O professor 2 alegou que, para planear o ano letivo, era realizada uma reunião, antes de as aulas começarem. Este afirmou: “nós tivemos uma reunião, cerca de 5 horas para planear o ano letivo”. Já o professor 3 mencionou que, na primeira aula, entregava inquéritos aos alunos para saber as áreas de interesse então para planear as aulas, “faço o inquérito e dou hipóteses de qual os temas a abordar”.

O professor 5 referiu que não leciona a aula todas as semanas e só planeia quanto o coordenador questiona acerca do horário e também acerca da disponibilidade, “olhe o coordenador pergunta”.

Na categoria “**reunião entre professores e o coordenador**”, houve alguma discordância, pois dois professores, o 1 e o 2, afirmam que têm reuniões com o coordenador com alguma regularidade enquanto os professores 3,4,5 referem que não tiveram reunião com o coordenador, a comunicação é, maioritariamente, feita através do correio eletrónico, *facebook* e telefone.

O professor 1 disse na sua entrevista que se reúne “só quando existe alguma dúvida ou questão” e o professor 2 afirmou “nós reunimo-nos sim” e “nós reunimo-nos com bastante frequência”. Os conteúdos que são abordados nestas reuniões, segundo o professor 2, remetem para o esclarecimento de dúvidas, planeamento de atividades e a opinião do coordenador em relação ao trabalho feito, “tem a ver com o que vamos fazer nas aulas, com o programa, com as atividades, com os interesses dos alunos, é mais isso”.

Ao contrário do que os anteriores professores disseram, o professor 3 referiu que só se reúne com o coordenador devido a um projeto que têm e comum, que é o *site* da universidade sénior, “reúno-me semanalmente, mas é para outro projeto que estou a fazer no *site* da universidade”. Segundo este professor, a comunicação é feita através das redes sociais ou correio eletrónico, “o resto é por comunicação por *e-mail* ou *facebook*”.

O professor 4 afirmou “eu nunca vim a reuniões, nem acho que haja reuniões” e ainda mencionou “no meu primeiro ano (...) encontrávamos frequentemente” e “acabávamos por conversar sobre o que estava a fazer, o que pensava fazer, concordava”. Neste ano letivo este professor disse que ainda não tinha acontecido estas reuniões, “neste momento por se calhar, incompatibilidade de horários não tem havido esses encontros” e que a comunicação era feita por *e-mail*, “faz-se essa comunicação também por *e-mail*” e para os horários e planificações era

utilizado o mesmo método, “no que diz respeito à calendarização, aos horários, às atividades é também por e-mail”. Para outras informações, segundo este professor, é utilizado o *facebook*, “nós temos o grupo (facebook) e funciona, as informações são colocadas, tanto para os alunos como para os professores”.

Em concordância com os professores 3 e 4, também o professor 5 afirmou que não havia reuniões, “eu nunca vim a reuniões, nem acho que haja reuniões” e que utilizavam o *facebook* para informações, “não é reuniam presencial. Redes sociais, *Messenger*”.

O **papel do coordenador** neste projeto é visto, segundo os professores, como alguém que coordena o projeto e organiza-o de forma a garantir um bom funcionamento, é um dinamizador das atividades na universidade, é uma pessoa que está disposta a ajudar quando existe problemas e é o alicerce de este projeto.

O professor 1 referiu que o coordenador “ele consegue coordenar”, que “consegue organizar as coisas” e “se tivermos dúvidas ele ajuda-nos”, “ele está lá sempre”. O professor 2 mencionou que o coordenador é o alicerce do projeto, pois sem ele não iria ser a mesma universidade, “é o grande alicerce deste projeto”.

O professor 3 afirmou que o coordenador tem o papel de dinamizar atividades, “dinamizar atividades”, e de organizar o projeto para garantir o melhor funcionamento possível, “organizar o currículo de maneira a chegar mais perto deles”.

O professor 4 também aludiu a capacidade organizacional do coordenador, “organiza o projeto para que tudo corra bem” e ainda referiu que o mesmo ajuda os professores como as atividades que são planeadas, “ajuda-nos com as atividades”. O professor 5 apenas mencionou a organização que é necessário ter, “organiza as coisas”, que foi referido pelos professores 1, 3 e 4.

Em relação ao **relacionamento entre os professores e o coordenador**, foi questionado aos professores se a relação que existia entre eles e o coordenador era boa. A resposta foi unânime, todos responderam que tinham uma boa relação e que esta relação refletia um bom trabalho.

O professor 1 afirmou que a relação era boa, “existe uma relação boa”, e que esta relação proporciona um bom trabalho da parte do professor, “influencia positivamente”. O professor 2 disse que existe uma relação muito próxima, “acho que existe uma relação de proximidade”, onde está patente a amizade, “é uma relação de grande confiança, de amizade e colaboração”. Devido a esta relação de amizade, o trabalho dos professores é fortemente influenciado, pela positiva, “é assim, influência positivamente”.

O professor 3 aferiu que a relação era de “colegas de trabalho” e que no fundo era uma boa relação, “existe uma relação boa”. Seguidamente foi perguntado se esta relação afetava o trabalho do professor, inicialmente o professor respondeu negativamente, mas a explicação que deu revelou que o coordenador influencia o trabalho dos professores, “Não, ele apoia-me imenso, sempre que eu tenho uma dúvida ele está sempre disponível por isso não influência”.

O professor 4 mencionou que pensava que a relação entre professores e o coordenador era boa, “eu penso que é boa”. Disse que pensava, pois não tinha a certeza de como era com os outros professores. Este professor acredita que este bom relacionamento influencia o trabalho que é feito na universidade sénior, “sem dúvida que influência”, o *feedback* do coordenador faz com que o professor progrida, “o *feedback* e a satisfação do coordenador”.

O professor 5 referenciou que tinha uma boa relação, “tenho uma belíssima relação com o professor A.” e que este era uma pessoa “extremamente educada, extremamente responsável, é uma pessoa que percebe disto”. Este entrevistado ainda referiu que continuava ligado ao projeto devido ao coordenador e a ligação que tem com o mesmo é fundamental para o bom trabalho, “acho sim! Se fosse outra pessoa já tinha saído”.

Acerca da **organização do projeto**, todos os entrevistados tiveram a mesma opinião. Todos concordaram que o projeto estava bem organizado e que todas as atividades que eram realizadas naquela universidade estavam bem enquadradas com a idade dos participantes.

O professor 1 afirmou que tudo estava bem organizado, “acho que sim”, e que as atividades eram bem programadas e escolhidas, “eu acho que sim”. O professor 2 teve a mesma opinião. Em relação à organização referiu “eu acho que está muito bem organizado” e a escolha das atividades de acordo com a idade referiu: “eu quero pensar que sim”.

Seguindo a mesma linha de concordância, o professor 3 afirmou “sim, está” e que mencionou que as atividades estavam bem selecionadas, “penso que sim”. O professor 4 disse que estava bem organizado e que as disciplinas que são lecionadas no projeto foram aparecendo conforme os gostos e pedidos dos alunos, “sim e acho que as disciplinas foram chegando” e que que todas as atividades estavam bem estruturadas, “sim, acho que estão”.

O professor 5 mencionou que estava tudo muito bem organizado, “acho, acho. Muito bem organizado” e que todas as disciplinas estavam adequadas, “eu acho que sim”.

Sobre os **aspetos a melhorar** na universidade sénior, alguns professores referiam que havia aspetos a melhorar devido ao fato de ser um projeto relacionado com educação. O professor

1 inicialmente mencionou “para mim acho que não, para mim está bom”, mas depois mudou a sua resposta e disse “deve faltar, mas em todos os projetos há sempre alguma coisa que falta”.

No caso do professor 2 também aconteceu o mesmo, no princípio respondeu “assim que existe uma lacuna que eu possa especificar, não sinto” e de seguida mencionou “acho que melhorar há sempre, acho que estagnar não podemos estagnar”.

Já os professores 3, 4 e 5 já só tiveram uma resposta. O professor 3 afirmou “há sempre melhorias”. Os outros dois referiram que não havia aspetos a melhorar. O professor 4 aferiu “é assim nós temos espaço, temos condições, eu tenho”. O professor 5 mencionou “não, as atividades são tão variadas que eu acho que isto completa-se”.

Apesar do professor 4 ter dito, inicialmente, que não havia aspetos a melhorar, este deu ideias de possíveis mudanças que poderiam ocorrer na universidade que são: “o trabalho cooperativo entre professores” e “não sei se as senhoras não precisavam de um espaço mais livre para com especialistas”.

No final das entrevistas, alguns professores realçaram a **importância da universidade sénior na vida dos idosos**, como foi o caso dos professores 1 e 4, referiram a importância que as universidades tinham na vida dos idosos.

O professor 1 mencionou que a universidade “é uma mais-valia para as pessoas que têm idade mais avançada”, que os idosos “podem participar em várias atividades” e que estes alunos “são pessoas que gostam de ajudar”. O professor 4 referiu que a universidade era uma maneira de fugir à solidão, ao isolamento e ao abandono, “vinham para sair de uma situação de solidão, abandono, talvez, não sei”.

## Entrevista ao coordenador

A análise da entrevista ao coordenador foi realizada tendo como base o guião de entrevista, as categorias emergentes e o suporte teórico. Estas foram divididas em 14 categorias e 34 indicadores. Optou-se por distinguir o coordenador através da codificação C.

### Tabela 5

Análise de conteúdo da entrevista ao coordenador

| Categorias        | Indicadores                           |
|-------------------|---------------------------------------|
| Origem do projeto | Experiências profissionais anteriores |

|  |  |
|--|--|
|  | Convite do conselho executivo                                |
| <b>Objetivos do projeto</b>  | Socialização   |
|  | Fuga ao isolamento   |
|  | Educação ao longo da vida                                    |
|  | Prevenção de doenças na terceira idade                       |
| <b>Funcionamento do projeto</b>                                      | Horário escolar  |
|  | Disciplinas lecionadas na universidade                       |
|  | Recursos disponíveis na universidade                         |
|  | Quantidade de alunos que frequentam a universidade           |
| <b>Seleção</b>   | Origem das disciplinas                                       |
|  | Importância das disciplinas                                  |
|  | Seleção dos professores                                      |
| <b>Planeamento do ano letivo</b>                                     | Elaboração de uma reunião anual                              |
|  | Autorização do conselho executivo                            |
| <b>Atividades realizadas na universidade</b>                         | Tipo de atividades realizadas na universidade                |
|  | Programação das atividades                                   |
| <b>Reunião com os professores</b>                                    | Regularidade das reuniões                                    |
|  | Comunicação entre coordenador e professores                  |
| <b>Papel do coordenador</b>  | Ligação com a Direção Executiva                              |
|  | Diplomata  |
|  | Organizado   |
| <b>Relacionamento entre o coordenador e o professor</b>              | Bom relacionamento existente entre professores e coordenador |
| <b>Reação dos professores e dos alunos em relação à universidade</b> | Reação dos alunos  |
|  | Reação dos professores                                       |
| <b>Popularidade da universidade</b>                                  | Muito popular na região                                      |
| <b>Grau de satisfação</b>  | Satisfeito   |
| <b>Aspetos a melhorar</b>  | Progresso da universidade                                    |

|  |                                      |
|--|--------------------------------------|
| <b>Importância das universidades seniores para um envelhecimento ativo</b> | Aceitação da terceira idade          |
|  | Aprendizagem na terceira idade       |
|  | Diminuição de preconceitos           |
|  | Fuga ao isolamento                   |
|  | Socialização entre os alunos         |
|  | Redução de doenças na terceira idade |

Inicialmente foi questionado ao coordenador acerca da **origem do projeto**. O mesmo afirmou que foi um convite do diretor, “o concelho executivo, falou comigo no sentido de... se eu estava interessado” e “perguntou-me se eu queria criar aqui o projeto”, pois o diretor já tinha conhecimento que o coordenador já detinha experiência, “eu implementei a primeira universidade sénior da Região Autónoma da Madeira”, “no fundo adaptei o projeto que já tinha feito a uma realidade diferente”.

Seguidamente foi questionado acerca dos objetivos do projeto. O coordenador respondeu que pretendia que os alunos socializassem um pouco, “a socialização é muito importante para estas pessoas não estarem sozinhas”; combate ao isolamento, “não se isolarem, para não ficarem depressivas, não se sentirem só”; uma educação ao longo da vida, “proporcionar alguns conhecimentos para que o cérebro não pare” e para evitar doenças, “tinha uma grande depressão e veio cá pedir se podia se inscrever”.

No que concerne ao **funcionamento do projeto**, o coordenador afirmou que o projeto é composto por 30 ou 31 alunos, “neste momento são 30 ou 31”, entre os 55 e os 70 anos, “é essencialmente para pessoas a partir dos 55 anos, nós pomos 55 mas o objetivo é mais 70”.

As disciplinas que existe na universidade sénior são variadas, “português, inglês, francês, história, italiano, artes, informática e as oficinas de formação (projetos da escola)” e os alunos têm opção de escolha, “Não são obrigados a frequentar todas as disciplinas (...) eles podem inscrever só naquelas que gostam”.

O coordenador informou que este ano, o funcionamento do projeto sofreu algumas alterações para que os alunos beneficiassem melhor da universidade e para ir de encontro aos gostos dos alunos.

A universidade sénior começa mais tarde que a escola e tem as mesmas férias, “o ano letivo aqui, para eles, começa dia 1 de outubro e termina dia 30 de junho, as férias iguais à dos outros alunos”.

As aulas são sempre na parte da tarde, “eles entram às 15h10, saem às 16h35 ou 16h40, à exceção da informática que é duas ou três vezes por mês” e o horário está sempre afixado e está elaborado conforme a disponibilidade dos professores, “o horário é feito mensalmente, conforme a disponibilidade dos professores e depois é afixado no placard”.

Inicialmente a universidade sénior tinha aulas a semana toda, “no início do projeto (...), eles tinham aulas de segunda à sexta”, e tinha o seguinte horário “então tínhamos segunda português, terça inglês, quarta italiano e quinta e sexta oficinas de formação”.

O ano passado os alunos realizaram um inquérito e referiram que queriam algumas alterações, “no final do ano passado, é feita uma avaliação e inquéritos, eles preencheram esses inquéritos”. Então este ano, os alunos só têm aulas de segunda à quinta-feira, (...) eles na grande maioria, não todos, mas a grande maioria disse que não queria ter aulas à sexta-feira”.

O horário foi elaborado da seguinte forma: há segunda têm português e de quinze em quinze dias alteram para francês, terça-feira têm inglês, quarta-feira têm italiano e uma vez por mês têm história da madeira e quinta-feira normalmente têm artes, mas às vezes há uma troca com história normal. Na sexta-feira não há aulas e de vez em quando há atividades de um projeto da escola, “de vez em quando eles não têm a aula habitual, para encaixar lá um projeto”.

Na última semana, antes das férias, os alunos querem atividade diferentes e mais criativas, “há uma coisa que mudou este ano, eles na última semana de aulas e na primeira não querem ter aulas tradicionais”.

A **escolha das disciplinas e dos professores** advém da experiência, tanto do coordenador como dos professores, “eu trazia a experiência anterior e sugeri-lhes as disciplinas que eu sei que ia agradar à maioria”, e o gosto dos alunos, “as disciplinas aqui têm haver com os interesses dos alunos”.

A escolha dos professores foi elaborada através da colaboração entre o coordenador e o conselho executivo, “eu seleciono sempre propondo ao conselho executivo (...) portanto o conselho executivo é que tem a última palavra”.

A maioria dos professores dá aulas na escola, como também existe professores que já estão reformados e estão a dar aulas em regime de voluntariado, “a maioria dos professores são professores da escola, mas há professores que já foram professores da escola que se aposentaram”.

Estes professores têm de ter um conhecimento científico muito bom pois existe variados níveis de ensino, “tem de ser um professor do ponto de vista pedagógico com determinadas características e do ponto de vista científico com o conhecimento científico”.

Para **planear o ano letivo**, inicialmente é realizada uma reunião para debater possíveis atividades e algumas questões que estejam pendentes, os horários são realizados todos os meses e não anualmente por causa da disponibilidade dos professores, “no início do ano fazemos uma reunião e depois são elaborados horários mensalmente conforme a disponibilidade dos professores”.

Todas as visitas de estudo têm de ser autorizadas pelo coordenador e pelo conselho executivo, “as visitas de estudo o professor fala comigo e depois pedimos autorização primeiro ao conselho executivo”.

Estas visitas de estudo e outras **atividades são programadas** e planeadas pelos professores, “nós temos as aulas, temos os projetos da escola e as visitas de estudo”. Mas é preciso salientar que se estas atividades não forem do interesse dos alunos, os mesmos faltam pois não existe um sistema de faltas, “eles sabem que não reprovam e, portanto, se a atividade não lhes interessa e se não são motivados pura e simplesmente não vão”.

Para a escolha destas atividades é necessário a participação dos alunos, “às vezes é preciso a opinião deles”, ou seja, os alunos votam e desta forma os professores e o coordenador sabem se eles querem participar, “depois funciona o sistema de dedo no ar, quer vota sim, não quer, vota não, chegamos á conclusão, a maioria decidiu e fica decidido”.

Na categoria “**reunião com os professores**”, o coordenador informou que não existia reuniões, “eu não os obrigo a reuniões informais porque eles já têm”, apenas existe algumas horas na semana onde todos, tanto alunos como professores, podem falar com o coordenador, “ao longo de toda a semana eu tenho horas que recebo alunos ou recebo professores”.

Sempre que o professor achar que tem alguma dúvida ou que necessita de falar com o coordenador acerca de alguma questão, este pode marcar uma reunião pois o coordenador está sempre ao dispor, “muitas vezes marcamos uns encontros quando o professor acha necessário”

Também referiu que só existe uma reunião antes do início do ano escolar com o intuito de planificar alguns factos acerca da universidade, “no início do ano eles são convidados a irem a uma reunião de início do ano”.

A forma que o coordenador utiliza com muita frequência para falar com todos os que estão envolvidos na universidade passa por uma página que foi criada no *facebook* e também por *e-mail*, “no dia 15 do mês anterior, os professores e os alunos recebem por e-mail, os professores recebem por e-mail e os alunos têm o placard e há uma página só para eles no *facebook*”. Também existe os telefones que facilita a comunicação e que ajuda para a resolução de problemas, pois as reuniões são quase inexistentes, “o meu telemóvel está à disposição deles”.

Foi questionado ao coordenador **qual era o seu papel na universidade**. O mesmo referiu que o seu papel passava por ser diplomata, “tenho de ser diplomata”; organizado, “muito organizado porque é assim, as pessoas ouvem, mas se calhar, embora sejam adultas, ou ouviram mal ou estavam a falar com a vizinha e depois dizem que não foi dito” e ainda mencionou que servia de ligação com a direção executiva pois todas as decisões precisam de ser debatidas em conjunto com a escola, “fazer algumas perguntas (...) há coisas que tenho de dar conhecimento porque não sou eu que mando na escola”.

O **relacionamento entre os professores e o coordenador** foi classificado pelo coordenador como muito bom, “a maioria dos professores, se o meu relacionamento não fosse bom, eles também não queriam continuar”, mas sendo o coordenador responsável pelo projeto muitas vezes tem de dizer que não, “é evidente que quem coordena às vezes pode ter de dizer que não é possível”.

O coordenador ainda afirmou que “se as pessoas tiverem bom senso de perceber que são 90 vezes possível, 99, 95, e 5 não possível, que isso é tentar fazer o melhor então o relacionamento não é bom, é excelente” mas “se as pessoas não perceberem que 99 vezes é possível e aquela não foi, já não entende, isso aí o relacionamento é só bom”.

Seguidamente foi questionado ao coordenador acerca da **Reação dos professores e dos alunos em relação à universidade** e este informou que a reação dos alunos é boa, “penso que a reação à de ser boa, os resultados é que dizem”. Estes reconhecem o trabalho que é feito “eles reconhecem que são bem acompanhados e que o projeto está bem programado”. É necessário ter muita atenção ao excesso de confiança para continuar com o bom trabalho, “tem de sempre separar

o apoio que se dá, a atenção que se dá, o esclarecimento de dúvidas, a integração deles, tem de sempre separar disso de uma linha que é uma linha de muita confiança”.

Os professores também têm uma reação positiva, “a maioria dos professores sabendo das dificuldades e das contingências que é dar aulas a esta população gosta e quer continuar”. As dificuldades que os professores apontam ao coordenador é os diferentes graus de ensino que existe dentro da sala de aula “então uma das principais dificuldades é conciliar dentro de uma sala de aula esses níveis de saber que são diferentes” e um professor uma vez referiu que às vezes os alunos não se esforçavam muito, o que dificultava muito o trabalho dentro da sala de aula, “a professora que era voluntária e que depois dava português falou comigo no sentido (...) que eles não se esforçavam tanto como parecia e que ela já estava um bocadinho cansada”.

No que concerne à **popularidade da universidade** o coordenador afirmou que dentro dos objetivos delineados, a universidade tem uma grande procura, “dentro dos nossos objetivos é procurada, nós até agora atingimos os nossos objetivos”.

Inicialmente o coordenador ambicionava até 15 alunos e neste momento tem o dobro, “nós ultrapassamos os 30 alunos e o nosso objetivo inicial era 12 a 15”. Também referiu que não é possível haver mais alunos pois implicaria mais estruturas da escola e isso não é possível, “nós queremos garantir uma turma sénior porque também, para a escola, implicaria salas e estruturas”.

Na categoria “**grau de satisfação**”, o coordenador afirmou que apesar de todas as dificuldades que houve ao longo dos anos, este está muito satisfeito com todo o trabalho que foi realizado até agora, “Sim, estou satisfeito, claro que há sempre dificuldades, mas estou muito satisfeito”.

Na entrevista também foi questionado ao coordenador se haveria **aspetos a melhorar** e o que este respondeu foi: mais esforço e entrega por parte dos alunos, “eu penso é que é importante que eles ofereçam alguma coisa e não recebam só, até porque depois sentem-se mais envolvidos, também, e no fundo, a aprendizagem” e mais exigência para com os alunos, “eu não sou a favor de um sistema muito formal, mas acho que se lhes devia exigir alguma coisa porque exige-se mas não se chega a exigir, conversa-se, motiva-se, mas eles deveriam fazer alguma coisa”.

Por último foi abordado a **importância das universidades seniores para um envelhecimento ativo**. Segundo o coordenador, estas universidades são importantes, pois permite a aceitação do ser humano, “às vezes as pessoas gostam mais de ser compreendidas e aceites do que serem amadas porque as pessoas precisam de se sentir compreendidas”; novas aprendizagens,

“as pessoas veem para aqui para aprender”; diminuição dos preconceitos, “a velhice é um preconceito”; fuga ao isolamento “há falta de tempo, as pessoas sentem-se muito sós, muito abandonadas e vão perdendo o interesse pela vida”; socialização, “veem muito para socializar” e reduz as doenças na terceira idade, “o estado acaba por lucrar com isto porque isto evita muitas situações que exigiriam tratamento médico, medicamento”.

## Discussão dos resultados

Após a análise dos dados recolhidos, foi realizada a triangulação dos dados com o intuito de elaborar um cruzamento dos dados obtidos através das fontes documentais, das entrevistas e da revisão de literatura.

A supervisão existe em vários contextos da sociedade, mas na educação acaba por ter algumas conotações negativas, ainda existe uma certa resistência em usá-la devido às associações com as palavras “chefia”, “dirigismo”, “imposição” e “autoritarismo” (Vieira, 1993).

A supervisão deve ser vista como “uma atividade cuja finalidade visa o desenvolvimento profissional dos professores, na sua dimensão de conhecimento e de ação, desde uma situação pré-profissional até uma situação de acompanhamento no exercício da profissão e na inserção na vida da escola” (pp.70-71).

O supervisor deve ser alguém que deve: “prestar atenção”, “clarificar”, “encorajar”, “servir de espelho”, “dar opinião”, “ajudar a encontrar soluções para os problemas”, “negociar”, “orientar” e “condicionar” (Mosher e Purpel, 1972 citados por Alarcão e Tavares, 2003).

Segundo os entrevistados, tanto os professores como os alunos, afirmam que o responsável do projeto é um coordenador que é visto como um supervisor, dadas as funções supervisoras que exerce. Podemos dizer que neste caso, segundo o contexto que foi estudado, o supervisor assume o papel de coordenador.

Este coordenador, que tem o papel de ser supervisor, garante o bom funcionamento da universidade, pois tem sempre atenção a todas as atividades que são realizadas pelos professores para que os alunos recebam o melhor a nível educacional e também tem atenção à gestão de conflitos e de interesses.

Tudo o que é organizado nesta universidade, até mesmo o projeto desta universidade sénior, coloca o aluno em primeiro lugar e o restante em segundo, pois este tipo de educação “deverá ser ativa, participativa, gratificante, construtiva, colaboradora e qualificadora, organizada em torno das experiências pessoais congruentes com a ideia de velhice enquanto construção e não enquanto mera etapa avançada da vida” (Pinto, 2008).

É necessário salientar que no “Estatuto da USGZ” não há referência ao papel do coordenador para com esta universidade e para com todos os intervenientes, este documento apenas foca-se no funcionamento e em alguns direitos.

Este coordenador, segue uma supervisão não diretiva, ou seja, manifesta o desejo de se inserir no mundo do professor e espera que seja este a tomar iniciativa (Glickman, 1985 citado por Alarcão e Tavares, 2003). Este escuta e espera as iniciativas dos professores, encoraja-os e ajuda-os a clarificar as ideias e pede informações quando é necessário. Ao longo das entrevistas podemos constatar que o coordenador está atento a toda a ação do professor para garantir que este adequa as atividades e as aulas aos idosos.

Relativamente aos objetivos da universidade sénior, segundo o “Estatuto da USGZ”, esta universidade pretende ser um ponto de cultura, aprendizagem e convívio através de atividades culturais. Na entrevista realizada ao coordenador este afirmou que a socialização, a fuga ao isolamento, a educação ao longo da vida e a prevenção de doenças está bem patente nesta universidade. Os professores também mencionaram a aprendizagem por parte dos utentes. Já os alunos mencionaram o convívio, a amizade, a ocupação dos tempos livres e o divertimento.

Segundo Veloso (2000), estas universidades apesar de terem em consideração a ocupação de tempos livres através de atividades culturais e educativas também possuem outras vantagens como: a integração do idoso na sociedade, aprendizagem ao longo da vida, favorecer as relações inter-geracionais, a transmissão e aquisição de conhecimentos, reforçar as competências sociais, melhorar a autoestima do idoso e o convívio e divertimento.

As universidades seniores têm como objetivos principais: garantir a participação dos mais velhos em atividades relacionadas com a cultura, cidadania, ensino e lazer; ser um local onde existe informação e divulgação de serviços e dos direitos e deveres dos seniores, fomentar as relações interpessoais e sociais entre as variadas gerações e incentivar a pesquisa sobre temas gerontológicos (Jacob, 2012).

No que concerne ao funcionamento da universidade sénior, podemos aferir, através das entrevistas do coordenador e dos professores, que os horários são elaborados tendo em conta disponibilidade que os professores têm ao seu dispor e seguidamente conciliam com o horário que os alunos preferem.

Nesta universidade têm muita atenção à sobrecarga horária, optando por colocar no máximo três horas diárias, como algumas exceções, pois a disciplina de informática tem de ser colocada no final o dia devido à indisponibilidade horária do professor. A sexta-feira serve única e exclusivamente para as visitas de estudo.

Na entrevista com o coordenador, este chamou a atenção devido à programação dos horários e das atividades, pois é necessário abranger um maior número de alunos em variadas situações, na promoção de atividades regulares durante o período de aulas e fazer com que os alunos participem nas mesmas.

Apesar de haver esta preocupação em incluir todos os alunos nas aulas, houve um entrevistado que referiu que devido lecionar a sua disciplina no final da tarde, os alunos frequentemente faltam e interfere com o funcionamento da aula.

As disciplinas que são lecionadas na universidade foram selecionadas tendo em conta os gostos dos alunos e a experiência profissional do coordenador. Esta escolha deve procurar “privilegiar a divulgação do património cultural nacional, promover a mobilidade assim como incentivar a utilização das novas tecnologias pelos seniores” (RUTIS, 2012, p.11).

Seguindo a linha de pensamento da RUTIS, o coordenador selecionou as disciplinas de inglês, francês, italiano, português, artes, história, informática e os projetos da escola com o intuito de despertar os alunos para o que se passa a nível cultural e também proporcionar aos mesmos novas aprendizagens. A grande maioria dos professores e todos os alunos afirmaram, nas suas entrevistas, que um dos seus objetivos era a aprendizagem.

Segundo o artigo 9.º do Regulamento da RUTIS, as disciplinas das universidades deverão estar inseridas nas seguintes áreas: ciências sociais e humanas, novas tecnologias, artes e mobilidade e desporto. É necessário salientar que esta universidade que foi alvo de estudo carece de disciplinas relacionadas com desporto.

Segundo Veloso (2000), o currículo destas universidades consistia em as disciplinas teóricas que englobava as línguas, as ciências sociais, entre outras e as disciplinas práticas que envolvia pinturas e artes plásticas e as atividades extracurriculares que remetia a visitas de estudo, palestras, conferências, seminários com uma periodicidade mensal.

Estas universidades como estão inseridas no contexto não formal da educação não possui certificado e muitas vezes não têm muito controlo de faltas dos alunos. Segundo o “Estatuto da USGV”, só é permitido três faltas seguidas ou interpoladas em cada semestre e caso haja incumprimento a matrícula poderá ser cancelada.

Segundo Veloso (2000), as universidades seniores em Portugal estão inseridas na educação não formal, deste modo não existe avaliação nem certificação, oferecendo a possibilidade de

escolha de tarefas, atividades e áreas de interesse que os seniores querem participar. O Ministério da Educação declarou que só são consideradas universidades desde que não certifiquem os alunos.

Nesta universidade não existe um controlo apertado de faltas, pois rege-se pelo modelo inglês. Segundo Jacob (2012) este modelo é o mais independente e informal, possibilita uma aproximação dos professores e dos alunos, os programas têm atenção o desenvolvimento das vertentes sociais e recreativas e os professores exercem a sua atividade em regime de voluntariado.

Apesar de haver um certo controlo nesta universidade, alguns professores afirmam que a falta de assiduidade que existe por parte dos alunos, por vezes congestionam o bom funcionamento da aula e faz com que algumas atividades programadas tenham de ser alteradas para que todos possam participar.

Todos os professores que lecionam na universidade sénior estão em regime de voluntariado e segundo o estatuto da universidade, estes também podem ser alunos desde que cumpram os requisitos que são solicitados no ato da matrícula. No estatuto está descrito que para fazer parte desta universidade é necessário ter mais de 50 anos; ter concluído, com aproveitamento o 6.º ano e possuir robustez física e psíquica adequada à realização das atividades.

A razão pela qual é necessário robustez física e psíquica é devido ao facto de o envelhecimento ser “um processo biológico cujas mudanças se fazem sentir ao nível celular e molecular, progredindo, gradualmente, para a inexorável diminuição da capacidade adequada à manutenção da homeostasia do organismo, em resposta aos estímulos ou agressões internas e/ou externas” (Ribeiro, 2014, p.194). Nesta altura existe um declínio das funções cognitivas tais com a memória, a atenção, como também as funções executivas são fortemente afetadas pois com a idade é cada vez mais difícil aprender coisas novas (Vilhena, 2012).

Devido a esta dificuldade de aprender novas coisas, é necessário adaptar as atividades a esta faixa etária. Segundo o “Estatuto da USGZ” todas as atividades estão inseridas na formação ao longo da vida e a universidade tem autonomia para realizar atividades de animação sociocultural. Estas atividades incluem: aulas em regime informal, seminários e cursos multidisciplinares, passeios e visitas de estudo, grupos culturais e recreativos, encontros diversos, entre outros.

Tanto os professores com o coordenador afirmaram nas suas entrevistas, que tentavam ao máximo adequar as atividades aos alunos e até agora tinham sido bem-sucedidos. Também mencionaram que antes de avançar com a atividade é necessário falar com todos os que vão ser

envolvidos, ou seja, os professores têm de falar com o coordenador para apresentar a ideia, seguidamente este aborda a direção executiva para ver se é possível a realização da atividade e depois transmite o que foi referido. Muitas vezes recorrem à votação dos alunos para a escolha de atividades, pois assim é uma forma de envolve-los em questões relacionadas com a universidade.

Segundo Pinto (2008), é importante existir uma oferta formativa destinada aos idosos, tendo em conta as características, a formação e os interesses de cada um, pois esta vai permitir que haja um envelhecimento ativo, participativo e uma visão crítica acerca dos assuntos e dos problemas que vão surgindo na sociedade.

Toda a ação pedagógica deve ver o idoso como um agente ativo no processo de desenvolvimento pessoal. Tendo em conta a perspetiva teleológica, a educação ao longo da vida e integradora da velhice, identifica-se como: “educação da consciência”, “educação centrada nos valores de liberdade, responsabilidade e compromisso” e por último, uma “educação para o sentido da vida e para a dignidade humana” (Fragoso, 2012a, p.33).

Em relação ao ambiente educacional vivido na Universidade Sénior, podemos verificar que existe um bom clima entre os envolventes no projeto. Segundo os alunos entrevistados, os professores e o coordenador preocupam-se em ajudar os alunos em tudo o que conseguem, dando espaço ao um relacionamento de amizade e ajuda. Já os professores e o coordenador afirmaram que por vezes é necessário lembrar aos alunos que, naquela universidade, o relacionamento tem de ser professor-aluno e não professor-amigo, pois poderá levar a situações desagradáveis.

A importância desta universidade é inegável pois todos os entrevistados referiram que estes projetos são fundamentais pois possibilita a socialização, a diminuição de doenças, a aceitação desta faixa etária na sociedade e o combate ao abandono e á solidão.

Estas universidades seniores são vistas como respostas sociais que dão apoio aos mais velhos e desempenham um importante papel, pois permite o combate ao isolamento e à exclusão social que, frequentemente, acontece nesta etapa da vida. Também estas proporcionam uma maior aprendizagem e uma partilha de saberes.

É necessário salientar que a aprendizagem foi muito referida nas entrevistas, tornando-se a mais importante neste contexto. Os professores buscam novas experiencias e por consequência têm novas aprendizagens. Já os alunos vão em busca de novos saberes, de uma maior abertura ao mundo, ou seja, têm uma maior capacidade crítica.

Segundo Monteiro e Neto (2008, p.52), as universidades funcionam como “uma troca de saberes entre os conhecimentos adquiridos pelos alunos ao longo da vida de maneira empírica e informal, com os conhecimentos científicos ministrados pelos professores”.

O idoso na universidade sénior permite quebrar a rotina, a “(...) estabelecer relações de sociabilidade dentro e fora das aulas (...)” e “(...) aumentar o seu interesse pela vida” (Monteiro e Neto, 2008, p.57).

É preciso mencionar que existem vários pontos menos positivos nesta universidade que foram mencionadas por alguns entrevistados, principalmente por parte dos professores. Quando estes foram questionados acerca das reuniões que existem na universidade, houve pouco de consenso. Havia um entrevistado que afirmou que existia uma reunião antes do ano letivo começar e os restantes afirmaram que não havia reuniões, ou seja, as poucas reuniões que alguns tinham era relacionado com outros projetos e houve um entrevistado que afirmou que, inicialmente, havia reuniões para esclarecer as dúvidas, mas depois essas reuniões acabaram por terminar. Todos afirmaram que a comunicação passou a ser feita por *e-mail* ou pelas redes sociais (*facebook*) através de um grupo privado.

Devido a esta incerteza, foi difícil aferir se existe reuniões, mas devido a algumas afirmações que o coordenador deu na sua entrevista, podemos dizer que as reuniões são escassas ou até nenhuma e que a comunicação é feita maioritariamente por meios tecnológicos. A razão que foi apontada para não haver encontros para debater os assuntos do projeto foi o facto de os professores terem muito trabalho fora da universidade e que esta serve como um escape ao ensino regular.

Outro ponto que foi mencionado por um professor entrevistado e que é necessário salientar foi a falta de ligação que existe entre disciplinas. Se as disciplinas juntassem para elaborar atividades em conjunto seria mais benéfico tanto para os alunos como para os professores pois possibilitava uma maior aprendizagem e trocas de ideias entre professores para melhorar a prática educativa. Apesar de existir um bom ambiente e uma boa ligação entre professores, alunos e coordenador, esta universidade carece de uma ligação mais próxima entre professores pois grande parte das dificuldades existentes podiam ser ultrapassadas com a ajuda de todos.

## Considerações finais

O desenvolvimento do presente estudo revelou que a terceira idade no nosso país ainda carece de atenção por parte de todos. Esta uma investigação de caráter qualitativo teve como o intuito compreender como é que a supervisão é desenvolvida e qual a sua importância em contextos não formais da educação numa Universidade Sénior da RAM, através de realização de entrevistas aos professores e ao coordenador.

A educação é uma das melhores ferramentas que podemos oferecer aos nossos idosos pois através desta a terceira idade volta a interessar-se pela aprendizagem, transforma-se num ser mais completo, mais informado e mais sábio, sendo que, “educar é apetrechar o indivíduo e a comunidade de habilidades, destrezas e competências que promovam o desenvolvimento ativo de uma ética do cuidado humano” (Azeredo, 2016, p.140). As universidades seniores permitem quebrar a rotina, a “(...) estabelecer relações de sociabilidade dentro e fora das aulas (...)” e “(...) aumentar o seu interesse pela vida” (Monteiro e Neto, 2008, p.57).

Estas universidades apesar de terem em consideração a ocupação de tempos livres através de atividades culturais e educativas também possuem outras vantagens com a integração do idoso na sociedade, a aprendizagem ao longo da vida, o favorecimento das relações inter-geracionais, a transmissão e aquisição de conhecimentos, o reforço das competências sociais, a melhoria da autoestima do idoso e o proporcionar o convívio e o divertimento (Veloso, 2000).

Para garantir este bom funcionamento desta universidade e para garantir o melhor para os alunos, existe o coordenador que está encarregado de aferir se todas as atividades estão adequadas à faixa etária a que se destina, ou seja, garantir o bom funcionamento assumindo um papel de supervisor.

Este não garante só bom funcionamento, como também, auxilia os professores a superar dificuldades para garantir o melhor para os alunos, como também auxilia os idosos a resolver problemas tanto escolares, como pessoais.

É necessário referir que esta faixa etária muitas vezes passa por problemas pessoais que necessitam de atenção por parte de todos. Muitos deles enfrentam a solidão e utilizam a universidade com um escape para os problemas.

Por estas razões é que o coordenador tenta garantir o melhor ambiente educacional possível. Com este bom ambiente os idosos sentem-se mais apoiados e interessam-se mais pela

educação. A curiosidade nesta faixa etária está muito presente e com o devido incentivo os idosos podem despertar para novos conhecimentos e novas experiências.

Este coordenador assume o papel de supervisor pois garante o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores, assegura a adequação das atividades para os idosos, ajuda e ouve os professores e os alunos na superação de dificuldades e auxilia na comunicação com o Conselho Executivo.

É necessário referir que ao longo desta investigação notei que era uma área onde as pessoas deveriam apostar em realizar investigações porque os temas acerca dos idosos são áreas assunto muito sensível nos dias de hoje. Estas universidades são fulcrais na vida destes idosos pois permite que estes se sintam vivos e importantes na sociedade. O problema da solidão e das doenças nesta faixa etária acabava por ser atenuado se houvesse mais investimento, dedicação e atenção por parte da sociedade.

Ao dar ferramentas que permitam o desenvolvimento do idoso estamos a contribuir para um cidadão mais ativo, participativo, instruído, ou seja, que possa partilhar a sua história e a sua sabedoria com todos.

A nível educacional poderia apostar-se mais no ensino intergeracional e em investigações acerca do mesmo tema, porque ao longo das entrevistas podemos constatar que o público-alvo desta universidade gosta muito de estar em contacto com os mais novos pois relembram os tempos de criança.

Também é de salientar que surgiram algumas dificuldades ao longo desta investigação. Existe escassez a nível de suporte teórico acerca de educação sénior e sobre as universidades nas bibliotecas da região. Outra dificuldade sentida foi a fraca adesão dos alunos seniores para com este estudo.

Assim, podemos concluir que a supervisão tem um lugar nos contextos não formais da educação pois garante um bom funcionamento e o desenvolvimento pessoal e profissional de todos os que estão inseridos neste contexto. O supervisor irá auxiliar, ouvir e acompanhar os profissionais para garantir adequação de todas as atividades que serão postas em prática tendo em conta o contexto e o público-alvo.

## Referências

- Alarcão, I. (2003). *Professores reflexivos em uma escola reflexiva* (7ª ed.). São Paulo: Editora Cortez
- Alarcão, I. & Canha, B. (2013). *Supervisão e colaboração Uma relação para o desenvolvimento*. Porto: Porto Editora
- Alarcão, I. & Roldão, M. C. (2010). *Supervisão Um contexto de desenvolvimento profissional dos professores* (2.ª ed.). Mangualde: Edições Pedago
- Alarcão, I. & Tavares, J. (2003). *Supervisão da prática pedagógica Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem* (2ª Ed. Rev.). Coimbra: Edições Almedina
- Amado, J. (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação* (2ª Ed.). Coimbra: Universidade de Coimbra
- Amaral, M. J., Moreira, M. A. & Ribeiro, D. (1996). O papel do supervisor no desenvolvimento do professor reflexivo Estratégias de supervisão. In I. Alarcão (Org.). *Formação reflexiva de professores Estratégias de supervisão* (pp.41-59). Porto: Porto Editora
- Antunes, M. (2001). *Teoria e prática pedagógica. Rutura e ensaios de recontextualização da educação à luz do projeto Rortyno da cultura poetiza*. Lisboa: Instituto Piaget
- Azeredo, Z. (2016). *Envelhecimento, Cultura e Cidadania*. Lisboa: Edições Piaget
- Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo* (4ª Ed.). Lisboa: Edições 70
- Bento, A. V. (2015). *15 Tópicos (e dicas) fundamentais sobre investigação*. Guarda: Oficinas de São Miguel
- Bell, J. (2004). *Como realizar um projecto de investigação* (3ª ed.). Lisboa: Gradiva

Bize, P. R. & Vallier, C. (1985). *Uma vida nova: a terceira idade*. Lisboa: Verbo

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto editora

Cabral, M. & Ferreira, P. (s.d.). *O envelhecimento activo em Portugal: Trabalho, reforma, lazer e redes sociais*. Fundação Francisco Manuel dos Santos

Calobrizi, M. (2008). *Desvelando o trabalho dos cuidadores familiares de idosos*. Conferência Mundial “Serviço Social”. Brasil.

Carvalho, M. I. (2013). *Um percurso heurístico pelo envelhecimento*. In M. I. Carvalho. *Serviço social no envelhecimento* (pp.1-12). Lisboa: Pactor

Centro Nacional de Pensões (2017d). *Guia Prático- Complemento por Cônjuge a Cargo*.

Acedido a 5 de abril de 2017. Retirado de: [http://www.seg-social.pt/documents/10152/24517/N03\\_complemento\\_conjuge\\_cargo/40a1c77f-2fd5-4adf-9a4f-055837281d9f](http://www.seg-social.pt/documents/10152/24517/N03_complemento_conjuge_cargo/40a1c77f-2fd5-4adf-9a4f-055837281d9f)

Centro Nacional de Pensões (2017c). *Guia Prático- Pensão de Invalidez*. Instituto da Segurança

Social. Acedido a 5 de abril de 2017. Retirado de: [http://www.seg-social.pt/documents/10152/24373/7002\\_pensao\\_invalidez/334ec750-2aa4-4272-bf95-657287811153](http://www.seg-social.pt/documents/10152/24373/7002_pensao_invalidez/334ec750-2aa4-4272-bf95-657287811153)

Centro Nacional de Pensões (2017a). *Guia Prático- Pensão de Velhice*. Instituto da Segurança

Social. Acedido a 5 de abril de 2017. Retirado de: [http://www.seg-social.pt/documents/10152/14521673/7001\\_pensao\\_velhice.pdf/003416f8-5c4e-44e6-a502-844a423a9396](http://www.seg-social.pt/documents/10152/14521673/7001_pensao_velhice.pdf/003416f8-5c4e-44e6-a502-844a423a9396)

- Centro Nacional de Pensões (2017b). *Guia Prático- Pensão de Viuvez*. Instituto da Segurança Social. Acedido a 5 de abril de 2017. Retirado de: [http://www.seg-social.pt/documents/10152/15021/7012\\_pensao\\_viuvez/a85905a3-900e-41ab-b8e1-b2d1371abdfb](http://www.seg-social.pt/documents/10152/15021/7012_pensao_viuvez/a85905a3-900e-41ab-b8e1-b2d1371abdfb)
- Coombs, P. H. (1976). *A crise mundial da educação*. São Paulo: Perspectiva
- Dicionário de Língua Portuguesa (2003). *Dicionário de Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora
- Fernandes, J. V. (1998). Da alfabetização/ Educação de adultos à educação popular/ comunitária. In M. Appel & A. Nóvoa (orgs.). *Paulo Freire: Política e Pedagogia* (113-150). Porto: Porto Editora
- Fortin, M. F. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Loures: Lusodidacta
- Fragoso, V. (2012a). Educação Sénior Perspetiva Crítica e Existencial. In V. Fragoso & M. Chaves (Org.). *Educação Emocional para SENIORES*. (pp.17-53). Viseu: PsicoSoma
- Fragoso, V. (2012b). Gerontoeducação um desafio para o séc. XXI. In R. Pocinho, E. Santos, J. A. Ferreira, J. P. Gaspar, D. Soeiro & F. Silva (Org.). *Envelhecer em tempo de crise: Respostas sociais* (pp.51-67). Porto: Legis Editora
- Freire, P. (2009). *Pedagogia da Autonomia Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra
- Gohn, M. G. (2006). *Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*. Rio de Janeiro. Acedido a 16 de maio de 2018. Retirado de: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>
- Gohn, M. G. (2008). *Educação não-formal e cultura política*. São Paulo: Cortez

- Jacob, L. (2012). *Universidades Seniores: Criar novos projectos de vida*. Almeirim: RUTIS.  
Acedido em 3 de maio de 2017. Retirado de:  
[http://media.wix.com/ugd/b9a269\\_b0cc134c70504667b5157b1f7b98aa6c.pdf](http://media.wix.com/ugd/b9a269_b0cc134c70504667b5157b1f7b98aa6c.pdf)
- Jacob, L. (2013). *A educação e os seniores*. Almeirim: RUTIS. Acedido em 4 de maio de 2017.  
Retirado de:  
[https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjY3-iyiNbTAhWGrxoKHVSuDCUQFggMAE&url=https%3A%2F%2Frevistas.pucsp.br%2Findex.php%2Fkairos%2Farticle%2Fdownload%2F27254%2F19295&usq=AFQjCNG0CGbRuhlzL0YPCaDrilQctznZGA&sig2=rlSL9C7n\\_hEnl754AOpVpQ](https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjY3-iyiNbTAhWGrxoKHVSuDCUQFggMAE&url=https%3A%2F%2Frevistas.pucsp.br%2Findex.php%2Fkairos%2Farticle%2Fdownload%2F27254%2F19295&usq=AFQjCNG0CGbRuhlzL0YPCaDrilQctznZGA&sig2=rlSL9C7n_hEnl754AOpVpQ)
- La Belle, T. (1986). *Nonformal education in Latin American and Caribbean stability, Reform ou Revolution?*. New York: Praeger
- Lalanda, M. C. & Abrantes, M. M. (1996). O conceito de reflexão em J. Dewey. In Alarcão, I. (Org.). *Formação reflexiva de professores Estratégias de supervisão*. (pp.41-59) Porto: Porto Editora
- Lima, J. A. & Pacheco, J. A. (2006). *Fazer investigação Contributos para a elaboração de dissertações e teses*. (Org.) Porto: Porto Editora
- Lima, M. P. (2010). *Envelhecimento(s)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra
- Loureiro, A. (2013). A Universidade Sénior como espaço de aprendizagem, socialização e envelhecimento activo: o estudo exploratório de um caso. In J. D. L. Pereira, M. S. Lopes, T. M. M. Rodrigues (Org.). *ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL GERONTOLOGIA E GERIATRIA intervenção social, cultural e educativa na Terceira Idade* (pp.85-91).  
Chaves: Intervenção

- Madeira, J. (2014). Pensar o Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre as Gerações. In T. Medeiros, C. Ribeiro, B. P. Miúdo & A. Fialho (Org.). *Envelhecer e Conviver* (2ª ed.) (pp. 22-32). Ponta Delgada: Letras Lavadas
- Medeiros, T. (2014). Desafios do(s) envelhecimento(s). In T. Medeiros, C. Ribeiro, B. P. Miúdo & A. Fialho (Org.). *Envelhecer e Conviver* (2ª ed.) (pp.14- 23). Ponta Delgada: Letras Lavadas
- Medeiros, T., Ribeiro, C., Miúdo, B. P. & Fialho, A. (2014). *Envelhecer e Conviver* (2ª ed.). Ponta Delgada: Letras Lavadas
- Monteiro, H. & Neto, F. (2008). *Universidade da Terceira Idade: Da solidão aos motivos para a sua frequência*. Oliveira de Azeméis: Livpsic
- Morin, E. (1999). Por uma reforma de pensamento. In A. Pena-Veja & E. P. Nascimento. *O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade* (p.21-46). Rio de Janeiro: Gramond
- Oliveira-Formosinho, J. (2002). *A supervisão na formação de professores Da sala à Escola*. Porto: Porto Editora
- Osorio, A. (2005). *Educação permanente e educação de adultos*. Lisboa: Instituto Piaget
- Prados, A. B. (2012). Aprendizaje e la vejez: um modo de envecimiento activo. In R. Pocinho, E. Santos, J. A. Ferreira, J. P. Gaspar, D. Soeiro & F. Silva (Org.). *Envelhecer em tempo de crise: Respostas sociais* (pp.29-38). Porto: Legis Editora
- Ribeirinho, C. (2005). Envelhecimento e Políticas Sociais. In C. M. Ribeirinho. *Concepções e práticas de intervenção social em cuidados sociais no domicílio* (pp. 63-99). Instituto Superior de Ciências Sociais de Lisboa.

- Ribeiro, C. (2014). As bases biológicas do envelhecimento humano. In T. Medeiros, C. Ribeiro, B. P. Miúdo & A. Fialho (Org.). *Envelhecer e Conviver* (2ª ed.) (33-40). Ponta Delgada: Letras Lavadas
- Ribeiro, D. (2000). A supervisão e o desenvolvimento da profissionalidade docente. In I. Alarcão (Org.). *Escola reflexiva e supervisão Uma escola em desenvolvimento e aprendizagem*. Porto: Porto Editora
- Ribeiro, O. & Paúl, C. (2011). Envelhecimento Activo. In O. Ribeiro & C. Paúl (Org.). *Manual de Envelhecimento Activo* (pp. 1-12). Lisboa: Lidel
- RUTIS (2012). *Universidades seniores: criar novos projetos de vida*. Almeirim: Associação de Universidades da Terceira Idade
- RUTIS (s.d.). *RUTIS A rede que une as universidades seniores*. Acedido a 3 de maio de 2016.  
Retirado de: [http://media.wix.com/ugd/b9a269\\_31efafc79a05482295940f5ef5bc79a7.pdf](http://media.wix.com/ugd/b9a269_31efafc79a05482295940f5ef5bc79a7.pdf)
- Sá-Chaves, I. & Amaral, M. J. (2000). Supervisão reflexiva A passagem do eu solitário ao eu solidário. In I. Alarcão (Org.). *Escola reflexiva e supervisão Uma escola em desenvolvimento e aprendizagem*. Porto: Porto Editora
- Simões, A. (2006). *A NOVA VELHICE Um novo público a educar*. Porto: Ambar
- Sousa, A. B. (2009). *Investigação em Educação*. (2ª ed.) Lisboa: Livros Horizonte
- Toffler, A. (s.d.). *Choque do Futuro*. Lisboa: Livor do Brasil
- UNESCO (2010). *Educação Um tesouro a descobrir*. Brasília. Acedido a 5 de janeiro de 2018.  
Retirado de: <http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>

- UNESCO (2011). *Guia para la planificación de la educación em situações de emergência y reconstrucción*. Paris: Instituto Internacional de Planificación de la Educación
- Vaz, E., Silva, B. & Sousa, I. (2003). Configurações da vida na velhice. *Antropológicas*, (7), 181- 209
- Veloso, E. (2000). *As Universidades de Terceira Idade em Portugal: Contributos para uma caracterização*. IV Congresso Português de Sociologia. Acedido a 28 de março de 2017. Retirado de: [https://www.aps.pt/cms/docs\\_prv/docs/DPR462de237927ce\\_1.PDF](https://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462de237927ce_1.PDF)
- Vieira, F. (1993). *Supervisão Uma prática reflexiva de formação de professores*. Rio Tinto: Edições ASA
- Vieira, F. (2009). Para uma visão transformadora da supervisão pedagógica. In *Revista Educação e Sociedade*, 29, pp 197-217. Acedido a 15 de abril de 2018. Retirado de: <http://www.cedes.unicamp.pt>
- Vieira, F. & Moreira, M. A (2011). *Supervisão e avaliação do desempenho docente Para uma abordagem de orientação transformadora*. Ministério da educação. Acedido em: 12 de outubro de 2016. Retirado de: [http://www.ccap.min-edu.pt/docs/Caderno\\_CCAP\\_1-Supervisao.pdf](http://www.ccap.min-edu.pt/docs/Caderno_CCAP_1-Supervisao.pdf)
- Vilhena, J. (2012). Comunicações repensando a velhice em tempo sombrio. In R. Pocinho, E. Santos, J. A. Ferreira, J. P. Gaspar, D. Soeiro & F. Silva (Org.). *Envelhecer em tempo de crise: Respostas sociais* (pp.11-28). Porto: Legis Editora
- Viveiros, H. & Medeiros, T. (2005). Modelos de supervisão e desenvolvimento cognitivo de futuros professores do 1.º ciclo do ensino básico. In I. Alarcão, A. Cachapuz, T. Medeiros & H. P. Jesus (Org.). *Supervisão Investigações em contexto educativo* (pp. 39-62). Universidade de Aveiro.

WHO (2002). *Active Ageing A Police Framework*. Recuperado de:

[http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67215/1/WHO\\_NMH\\_NPH\\_02.8.pdf](http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67215/1/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf)

### **Legislação**

Art.º 63 *Segurança social e Solidariedade*. Constituição da República (1976). Acedido a 5 de abril de 2017. Retirado de:

<https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>

## **Anexos**

## Anexo 1- Estatuto da USGZ

### Estatutos da USGZ (excerto)

A USGZ orienta a sua ação segundo os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos do Homem e nos direitos e deveres consignados na Constituição da República Portuguesa, designadamente:

- a) Do respeito pela pessoa humana e pela sua dignidade, em todas as circunstâncias;
- b) Do respeito pelo direito à não discriminação em razão da ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica ou condição social.

### Objetivos

A USGZ pretende ser um ponto de encontro para a cultura, aprendizagem e convívio, através da criação de atividades culturais, educacionais e pedagógicas, nomeadamente:

- a. Estimular a criatividade e o empenho nas atividades socioculturais;
- b. Promover a troca do conhecimento intergeracional;
- c. Partilhar ideias e construir projetos;
- d. Contribuir para o enriquecimento pessoal e social da pessoa sénior;
- e. Promover a saúde física, mental e relacional dos seniores, bem como contribuir para a melhoria da sua qualidade de vida;
- f. Interagir com a dinâmica social envolvente;
- g. Manter a rede de relações sociais na comunidade;
- h. Desenvolver práticas de proximidade com a comunidade, no âmbito propedêutico, social e cultural;
- i. Tornar a *Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco* cada vez mais inclusiva.

### Promotor

O promotor da USGZ é a *Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco*.

### Divisa e Símbolo

- 1 - A USGZ adota como cores o azul e o magenta.
- 2- A USGZ adota como divisa: *Juntos pela Aprendizagem ao Longo da Vida*.

### Processo de Admissão e Mensalidades Inscrições e Admissões

- 1 - As inscrições podem ser feitas durante a primeira semana de cada trimestre do ano letivo.
- 2 – A USGZ fixa, anualmente, o número de alunos a admitir, mediante a estrutura da própria Universidade, nomeadamente os meios humanos e materiais disponibilizados.

### Condições de Admissão

- 1 - São condições de admissão:
  - a. Ter mais de 50 anos de idade, até 31 de dezembro do ano da inscrição;
  - b. Possuir robustez física e psíquica adequada à realização das atividades físicas, devidamente certificada por atestado médico;
  - c. Concordar e subscrever os princípios, os valores e as normas regulamentares da USGZ;
  - d. Preencher a ficha de inscrição;
  - e. Pagar o valor da inscrição;
  - f. Ter concluído, com aproveitamento, o 6º ano do 2º ciclo do ensino básico.
- 2 - Não havendo lugares disponíveis para todos os alunos pré-inscritos, deve atender-se à ordem cronológica da inscrição, com preferência para os indivíduos residentes na *Freguesia de São Martinho* - Funchal.

### Professores

- 1 – As aulas e atividades complementares serão asseguradas por professores e monitores devidamente habilitados.
- 2 – As aulas podem ser ministradas em regime de voluntariado.
- 3 - Os professores podem ser alunos e vice-versa.
- 4 – A USGZ deve facultar o «seguro de acidentes pessoais» aos professores.

### Mensalidade

- 1 – Por cada trimestre de frequência será paga uma mensalidade, cujo montante será fixado, anualmente, pelo Coordenador Executivo da USGZ.
- 2 - O pagamento das mensalidades corresponde a nove (9) meses e deverá ser pago, no início de cada trimestre, nos serviços administrativos da Escola.
- 3 - Em caso de atraso superior a 2 meses, a USGZ, após averiguação individualizada, poderá decidir a suspensão da frequência do utente até regularização das mensalidades.

### Atividades Educativas

- 1 - A componente educativa é feita em regime não formal, sem fins de certificação e no contexto da formação ao longo da vida.
- 2 - Será facultado certificado de frequência aos alunos que assistirem a pelo menos dois terços das aulas.
- 3 – A USGZ é autónoma na construção dos seus conteúdos programáticos.

### Atividades de animação sociocultural

- 1 - A USGZ pode organizar atividades de animação sociocultural, nomeadamente:
  - a) Aulas de diversas disciplinas em regime de ensino informal;
  - b) Seminários e cursos multidisciplinares;

- c) Passeios e visitas de estudo;
  - d) Grupos culturais e recreativos;
  - e) Encontros diversos;
  - f) Divulgação e informação de serviços destinados aos seniores.
- 2 – A *USGZ* poderá organizar outras atividades de apoio à população sénior, tais como:
- a) Edições e publicações várias;
  - b) Cooperação com os Serviços de saúde.

#### Instalações

- 1 - A *Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco* assegura o apoio logístico e administrativo à *USGZ*.
- 2 - A *USGZ* utiliza, nas suas actividades, as instalações da *Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco*, podendo ainda, para o efeito, serem estabelecidos protocolos de cooperação com outras entidades públicas ou privadas sem fins lucrativos, com ou sem utilidade pública.

#### Deveres do Aluno

São deveres do Aluno:

- 1 - Manter um bom relacionamento com os outros alunos, com os professores, funcionários, colaboradores e com a Instituição em geral.
- 2 – Zelar pela preservação, conservação e asseio dos equipamentos e instalações da *USGZ*.
- 3 - Pagar atempadamente a inscrição e as mensalidades.
- 4 - Participar nas atividades da *USGZ* em que se inscrevem.
- 5 - Apresentar as sugestões que, no seu entender, melhorem a qualidade do serviço prestado.
- 6 - Cumprir o regulamento, os valores e ideário da *USGZ*.

#### Deveres da *USGZ*

São deveres da *USGZ*:

- 1 - Assegurar a boa manutenção das instalações e dos equipamentos.
- 2 - Cumprir e fazer cumprir o regulamento.
- 3 - Assegurar o normal funcionamento.
- 4 - Respeitar os direitos e deveres dos alunos.
- 5 - Subscrever um seguro escolar para os alunos e professores.
- 6 – Fomentar o desenvolvimento cultural, académico e lúdico.
- 7 – Fomentar os laços de amizade, solidariedade e cooperação entre os estudantes.

#### Faltas

- 1 – São permitidas três faltas, seguidas ou interpoladas, em cada trimestre.
- 2 - Serão canceladas todas as matrículas dos alunos que, sem justificação, faltarem nove vezes consecutivas à mesma disciplina.

### Suspensão

- 1- A suspensão da matrícula só é admitida no caso de intervenção cirúrgica ou de qualquer outra causa que se revele incapacitante, sempre que justificada mediante atestado médico.
- 2 – O pagamento da mensalidade só se suspende a partir do momento da entrega do atestado médico.

### Desistência

- 1 – As desistências devem ser comunicadas com um mês de antecedência, relativamente à data em que produzirão efeitos, mediante preenchimento de impresso próprio.
- 2 – A desistência da *USGZ* implica a perda do valor da inscrição e das mensalidades anteriormente pagas.

## **Apêndices**

## Apêndice 1- Guião da entrevista ao coordenador

Idade:

Sexo:

Anos de carreira:

1. Como surgiu este projeto?
2. Como funciona o projeto?
3. Quais são os objetivos deste projeto?
4. Como são elaborados os horários?
5. Que recursos tem ao seu dispor?
6. Quantos alunos existe, atualmente, nesta universidade?
7. Esta universidade é muito procurada pela população?
8. Quais são as disciplinas lecionadas?
9. Como foram escolhidas as disciplinas desta universidade sénior?
10. Qual a importância destas disciplinas na universidade?
11. Quem leciona as disciplinas da universidade?
12. Quem selecionou os professores para a universidade?
13. Está satisfeito com o trabalho desenvolvido na universidade?
14. Acha que deveria melhorar algo na universidade? Se sim, o quê?
15. Qual é a reação dos alunos em relação a esta universidade?
16. Qual a opinião dos professores acerca da mesma?
17. Que tipo relacionamento tem com os professores?
18. Em que consiste o seu papel nesta universidade?
19. Acha que os objetivos delineados estão a ser concretizados?
20. É habitual reunirem? Com que frequência
21. Quais os assuntos abordados?
22. Como é planeado o ano letivo?
23. Que tipo de atividades são realizadas nesta universidade?
24. Como são programadas as atividades?
25. Acha que estas iniciativas, como as universidades seniores, são importantes para o envelhecimento ativo?
26. Gostaria de acrescentar algo a esta entrevista?

## Apêndice 2- Guião das entrevistas aos professores

Idade:                      Sexo:                      Anos de carreira:

1. O que levou a participar neste projeto
2. Acha que o projeto está bem organizado? Explique
3. Costumam reunir-se?
4. Com que frequência?
5. Que assuntos são abordados nestas reuniões?
6. Como planeiam as aulas e o trabalho que irá ser realizado ao longo do ano letivo?
7. Qual é o papel do coordenador neste projeto?
8. Qual é a sua relação com o coordenador?
9. Como é que esta relação influencia o seu trabalho neste projeto?
10. Que tipo de relação existe entre o coordenador e os professores?
11. Quais são as suas prioridades nesta intervenção?
12. Qual é a disciplina que leciona?
13. Que contributos a sua disciplina traz para esta universidade?
14. Quais são as reações dos utentes nesta disciplina?
15. Que dificuldades sentem nas aulas?
16. Todas as atividades realizadas nesta universidade são adequadas aos alunos?
17. É necessário alterar atividades para haver uma melhor compreensão por parte do aluno?
18. Acha que falta algo no projeto?
19. O que deveria melhorar neste projeto?
20. Gostaria de acrescentar algo a esta entrevista?

### Apêndice 3- Guião das entrevistas aos alunos

Sexo:                      Idade:                      Habilitações Literárias:                      Reformado:

1. Há quanto tempo frequenta esta universidade?
2. Como teve conhecimento da mesma?
3. Gosta de frequentar a universidade sénior?
4. Quais foram os motivos que levou a frequentar esta universidade?
5. Quais eram as suas expectativas em relação a esta universidade?
6. O que é que esta universidade trouxe de novo?
7. O que gosta mais de fazer nesta universidade?
8. Qual a sua disciplina favorita?
9. Acha que poderiam fazer outras atividades além das que já fazem?
10. Acha esta universidade importante? Porquê?
11. Que benefícios esta universidade trouxe para a sua vida?
12. Que tipo de relacionamento tem com os professores e com o coordenador?
13. Quando tem algum problema ou dificuldades com quem fala?
14. Quais são os aspetos positivos desta universidade?
15. O que sugeria para melhorar a universidade sénior?
16. Gostaria de acrescentar algo a esta entrevista?

#### Apêndice 4- Transcrição da entrevista ao coordenador

**E:** A entrevista é confidencial, muitas pessoas preferem assim porque sentem-se mais à vontade para falar e mais liberdade.

**C:** Eu de qualquer maneira acho que uma pessoa quando diz uma resposta sincera não é muito preocupante para mim ser confidencial ou não, entende? Porque, vamos lá ver, pode sempre melindrar alguém, mas o meu objetivo a responder não é melindrar alguém é ir a aquilo que me parece a minha experiencia, que é a realidade. As pessoas estão mais preocupadas quando entram em comentários mais pessoais ou mais comezinhos depois pode não corresponder à verdade ou pode magoar os outros. Agora por mim esteja à vontade que eu vou dizer o que eu sei, o que eu conheço...

**E:** Basicamente vai falar do seu trabalho.

**C:** É o meu trabalho.

**E:** Todas as perguntas são relacionadas com o seu trabalho. Será que podia dizer a sua idade?

**C:** Olhe eu nasci em 59 portanto acho que devo ter 58 acho eu, não é?

**E:** Acho que sim, perto da idade da minha mãe.

**C:** Ah pois é! Veja já podia ser seu pai.

**E:** Sexo?

**C:** Masculino.

**E:** Quantos anos de carreira tem?

**C:** 30 qualquer coisa. À volta de 30 anos. Mais de 30.

**E:** Poderia dizer-me como surgiu este projeto?

**C:** Este projeto, vou tentar sintetizar. Eu sou professor, mas estive destacado na Câmara Municipal do Funchal. E na altura a presidência da Câmara falou comigo porque não havia o departamento de educação, havia só o departamento de educação ambiental, e quando falaram comigo foi no sentido de, como eu era professor e tinha alguma experiência, assim eu ia trabalhar mais no âmbito da educação em geral, a ambiental e a outra. E uma das ideias que foi colocada na altura por uma vereadora, foi que havia universidades seniores na Europa aqui a Madeira ainda não tinha. Então eu implementei a primeira universidade sénior da Região Autónoma da Madeira, foi a Universidade Sénior do Funchal. Funcionou com o apoio da Câmara Municipal, pronto. Entretanto eu estive destacado 7 anos, o projeto, as universidades seniores na Madeira devem-se

ter iniciado à 10, porque foram 7 anos na câmara mais 3 anos que estou aqui, tem mais ou menos 10 anos as nossas universidades seniores. Eu formei a primeira mas depois dessa, ainda agora vai haver uma na calheta, muito recente. Depois as pessoas foram vendo e foram pedindo apoio e foram fazendo outras. Hoje há outras universidades seniores sem ser a do Funchal. Entretanto eu sou professor desta escola, portanto sou de quadro, e quando regresssei, quando deixei de estar destacado, regresssei e passado uns tempos o presidente da escola, ou seja o concelho executivo, falou comigo no sentido de... se eu estava interessado em, como tinha experiência e o presidente da escola foi vereador na câmara, tinha consciência do meu trabalho e perguntou-me se eu queria criar aqui o projeto da universidade sénior e eu disse-lhe que sim. Era um projeto interessante e eu já tinha a experiencia. Então esta escola foi a primeira a nível do país que tem uma universidade sénior e agora, por exemplo, vai haver uma na calheta parece-me, mas a universidade sénior a funcionar dentro de uma escola esta é a primeira. Não sei se estes dados são importantes para si?

**E:** Sim, são.

**C:** Então é a primeira universidade a nível nacional porque o presidente veio falar comigo e depois não sei o restante processo mas penso que entrou em contacto com a Secretaria da Educação e portanto a Secretaria da Educação dá um determinado número de horas para a elaboração deste projeto. Entretanto como eu já coordenava a outra, portanto sou o coordenador e dava aulas de italiano na outra, dou italiano porque é uma língua que as pessoas acham, eu sou professor de português e de história, mas com eles não dou português nem dou história dou italiano porque há muitas poucas pessoas na região com habilitações para dar italiano, entretanto eu estudei em Itália, tenho habilitações e tenho a experiência de dar aulas de italiano e eles gostam da língua. Mesmo que achem difícil porque é uma língua e a gramática é muito complexa como a gramática francesa ou até um bocadinho pior, mas em termos de sonoridade, em termos de som, é uma língua que os entusiasma, então eu continuei com a proposta de... No fundo adaptei o projeto que já tinha feito a uma realidade diferente, que era a escola e aproveitei a minha experiência como professor de italiano direcionado para este tipo de alunos, porque uma aula para estes alunos tem de ter a parte gramatical, um pouco pois eles têm de aprender os verbos senão não falam, têm de aprender alguma gramática, mas também tem de ter uma dinâmica que os não desmotive. É, portanto, nesta dualidade que as aulas têm de funcionar. Entretanto, talvez também porque eu sou o coordenador, neste momento são 30 alunos ou 31 porque uma senhora ia-se inscrever, não sei se já o fez. Nós temos 30 alunos e não queremos muitos mais porque nós queremos garantir uma turma sénior

porque também para a escola implicaria salas e estruturas porque a escola tem muitos alunos e então nós estamos a funcionar com esta experiência e tem resultado. Temos cerca de uma turma, às vezes eles faltam um pedacinho porque não há controlo muito rigoroso das faltas, há uma chamada de atenção que eu faço. Então no fundo... Não sei se estou a fugir muito à sua pergunta, mas no fundo era assim, pronto. Eu vim na sequencia da tal experiência que tinha, adaptei o projeto aqui à realidade escolar porque é assim na câmara não existe professores ou há poucos professores, tem 7 pessoas de fora. Nós aqui temos professores, temos laboratórios, temos salas específicas, temos material humano e físico, que a câmara não tinha e aulas na câmara eram dadas no antigo batalhão, no largo do colégio e era uma sala que não era só para a universidade sénior, era cedida pela Universidade da Madeira à Universidade Sénior. Então aqui, neste aspeto, temos mais possibilidade até de variar o leque de disciplinas, de fazermos experiências laboratoriais se quisermos porque temos salas específicas e temos condições que ali só tínhamos uma sala. Normal... Pronto para aqui penso que já deve dar mais ou menos, se quiser, depois vou falando, não há problema.

**E:** Sim, é que já respondeu a outras questões que tinha aqui e estou a apontar para não voltar a perguntar.

**C:** Se quiser que fale menos pode dizer, é que posso dar algum pormenor que seja importante.

**E:** Pode estar à vontade, não se preocupe. Eu transcrevo a entrevista toda.

**C:** Toda?

**E:** Sim.

**C:** Está bem. O que interessa é tocar nesses aspetos.

**E:** Sim. Pode dizer-me como é o funcionamento desta universidade?

**C:** A universidade como funciona?

**E:** Sim.

**C:** É assim, voltando à minha experiência anterior para chegar aí. A realidade ensinou-me, no outro sítio onde estive, que este tipo de pessoas estão muito interessados, numa hora e estão muito interessados para funcionar numa hora das 3 às 5 horas. De manhã não porque têm alguns afazeres de casa, têm a sopa para fazer, almoçam, tratam das suas coisas. A partir das 5 horas ou 5h30 também não, em geral não só se for esporadicamente porque vão buscar os netos, têm outras realidades para além do ser aluno da universidade sénior. Então eu tinha percebido isso quando

implementei o outro projeto em que, automaticamente, já foi feito a hora que mais lhes agrada. Eles aqui, tocas às 15h10, portanto eles entram às 15h10, saem às 16h35 ou 16h40, à exceção da informática que duas ou três vezes por mês, que é a seguir a minha aula de italiano que é à quarta-feira depois às 5h é a aula de informática, é a única exceção. Portanto funciona desta maneira, no início do projeto, isto é o terceiro ano, eles tinham aulas de segunda à sexta e eu fazia a programação, a programação nunca é única é adaptada na sala, ou seja, eu estou sempre a elaborar a programação auscultando aquilo que eles dizem e auscultando os professores. O ano passado nós tínhamos aulas de segunda à sexta-feira. Então tínhamos segunda português, terça inglês, quarta italiano e quinta e sexta oficinas de formação. Nestas oficinas de formação era as disciplinas mais variadas ciência, física ou química... (pausa para falar com uma colega) Então o que estava a dizer antes?

**E:** Como funciona o projeto.

**C:** Ah não, como funciona o projeto... Quinta e sexta nós tínhamos as oficinas de formação. Nessas oficinas de formação entrava o baú de leitura, entrava os projetos da escola, o baú de leitura, o projeto histórias da Madeira, o projeto de alimentação saudável, o projeto da sexualidade, todos os projetos que a escola tinha, e isso é uma mais valia em relação às outras porque funciona numa escola. Todos os projetos que a escola tem depois também mete um pouco do meu trabalho diplomático que é auscultar junto dos alunos o interesse deles, geralmente de início eles estão sempre recetivos e depois gostam mais do professor ou da matéria então querem mais uma que outras e depois por outro lado falar aos meu colegas que não são obrigados, os que têm esses projetos, os outros têm o seu horário, os outros que têm esses projetos, têm projetos que desenvolvem na escola e em vez de desenvolverem com outras turmas desenvolvem com ele. Então até ao ano passado funcionava assim, quinta e sexta oficinas de formação. Eu comecei a constatar e a puxar um pedacinho as orelhas com muita diplomacia, com um sorriso, eles levam mais... muito duros e eu não sou muito duro porque eles acham que não têm idade para serem chamados a atenção embora o comportamento deles é muito de criança é, portanto, preciso jogar para o nosso lado, tentarmos, se calhar, ir ao coração deles ou seja o que for explicar-lhes que, eu comecei a dizer, vocês vejam lá, vocês deixam-me numa situação muito pouco agradável, por acaso sexta-feira vocês quase que não veem, eu ando a pedir aos professores para os professores virem às aulas e os professores veem dar as aulas e depois têm 5, 6, 8 alunos e depois tenho de ter lata em ir falar com eles e é um pouco complicado. Então no final do ano passado, é feita uma

avaliação e inquéritos, eles preenchem esses inquéritos sobre como funciona a universidade sénior, as disciplinas que eles mais gostam, aqueles que querem continuar, portanto, que contempla os vários parâmetros, e eles na grande maioria disseram, não todos mas a maioria disse que não queria ter aulas à sexta-feira porque uma vez que estão a semana toda, agora eles não são, depois vou falar acerca disso, não são obrigados a frequentar todas as disciplinas, eles podem se inscrever só naquelas que gostam, mas como a grande maioria vem a todas as disciplinas preferiram não ter aulas à sexta-feira. Depois lancei a questão ao conselho que é quem manda e que é muito recetivo e pronto. Os alunos têm gostado da maneira como funciona é preciso é adaptar aos interesses deles. Então este ano só temos aulas de segunda à quinta a pedido dos alunos, o que fez com que eu reformulasse a programação, no sentido que não pode haver oficinas de formação porque as oficinas eram naqueles dias onde não havia disciplinas fixas e que agora com menos um dia da semana não há esses dias para outras atividades. Então o que foi feito, auscultei-os e eles, por iniciativa deles, eles querem continuar com o inglês... já agora eles geralmente se têm inglês à terça, eles gostam no outro ano de ter inglês à terça que é para programarem a sua vida e se têm italiano à quarta gostam de ter italiano à quarta, eles não gostam muito que o italiano passasse para a quinta ou para a terça, mas depois vão se habituando. Uma coisa que eu aprendi nas Universidades Seniores, aprendi ao implementar porque quem faz também aprende, mal seria se não fosse, é que a maioria deles depois nunca desiste eles depois ficam aqui porque criam um laço afetivo, já socializam, eles, portanto, fazem um ano, dois anos, três anos e depois já não saem, mesmo que digam mal de qualquer coisa é porque já estão a ficar rabugentos da própria idade mas já não deixam, já não querem deixar isto, entende? E então reformulei a programação que deixou de ser feita com oficinas de formação e passou a ser feita mensalmente. Eu, aliás, estive a recolher, até lhe posso mostrar, é assim se não acabarmos hoje e se isto for útil eu estou disponível, como digo, a esta hora eu tenho de estar aqui e se isto for útil para si, ótimo! Eu fui agora ao placard tirar a programação de dezembro e já lá está a de janeiro, portanto voltando a isto, eu perco-me, mas depois encontro-me. A programação é estabelecida mensalmente, neste momento, segunda à quinta-feira. No dia 15 do mês anterior os professores e os alunos já recebem por e-mail, os professores recebem por e-mail e os alunos têm o placard e há uma pagina só para eles no facebook, que é um grupo fechado, onde todas as informações, todos os pormenores, todas as alterações, tudo até à exaustão está lá, inclusivamente lhes lembro e engraçado que eles foram ver, eu hoje como é uma dia com várias reuniões e como não custou nada eu lembrei-lhes do que é que eles

tinham esta semana porque a programação mensal é posta na página deles e no placard, depois pode ver o placard se quiser, como vê isto foram as folhas que acabei de tirar agora, mas depois eu lembro-lhes todas as semanas porque eles às vezes fazem alguma confusão então todas as semanas eu lembro-lhes e quando há iniciativas, como tenho aqui. Aproveito para dizer que isto também é diferente das outras, por ser numa escola, por exemplo na Câmara há o jantar de natal, de vez em quando faz-se uma visita de estudo ou um passeio. Aqui como já há o convívio de natal da escola, eles participam no convívio de natal da escola, eles inscrevem-se se quiserem e participam. Isto foi tirado do cartaz de natal que foi no dia 7, mas depois vamos ter o jantar dos santos populares, vamos ter um desfile de carnaval para os alunos da escola em que eles participam e até costumam ganhar o primeiro prémio, o prémio criatividade, eles o ano passado foi, fizeram sozinhos, eles pediram-me opinião e eu dei e depois disse agora é com vocês porque... para lhes dar também autonomia. Este ano falei como eles e lhes dei os dois primeiros dias deste período, como era uma quarta e uma quinta e eles quando a semana é mais curtinhas faltam mais, combinei com eles e eles vieram encontrar-se para o desfile deste ano que é em fevereiro. O ano passado eles ganharam o primeiro lugar, o prémio criatividade, porque eles pegaram... eles puseram a Dona Dolores, a mãe do Cristiano Ronaldo a falar numa gravação e uma canção, aquele anuncio das bananas que a Dona Dolores fazia e eles vieram vestidos de banana e a banana antes de andar na universidade sénior e depois de andar na universidade sénior e aquilo estava giríssimo, para já, só o facto de ser escolhido por eles foram... eu dei-lhes uma ideia e depois eles estiveram a ver e aquilo dava-lhes muito trabalho, então eram para fazerem os fatos então resolveram comprar bananas e um colega que tem muito jeito foi o macaco. Portanto havia o macaco, havia as bananas, havia a Dona Dolores, metiam uma música e eles foram de tal maneira que ganharam o primeiro lugar no prémio criatividade, no ano anterior já tinham ganho também o primeiro lugar. Este ano não sabemos, há um grupo que vai participar e, portanto... Isto é para lhe dizer que nós para além desta programação que lhes estou a falar, que é uma programação fixa, mensal, muda todos os meses, já lhe vou explicar porquê. Nós também temos este tipo de iniciativas, o jantar dos santos populares eles veem, o carnaval eles veem, o jantar de natal eles veem e por aí fora ao longo do ano. Depois eu combinei com eles, porque eles também queriam ter essas oficinas, então eles não têm propriamente oficinas mas na mesma têm os projetos e clubes da seguinte maneira, e este ano está organizado assim: à segunda-feira têm português de quinze em quinze dias e francês, uma semana português, outra semana francês, que eles escolheram porque acharam o inglês talvez uma

língua mais universal, o italiano acharam que era uma língua muito bonita e depois quinta-feira têm artes e ficou combinado ou à terça, ou à quarta, ou à quinta, de vez em quando eles não têm a aula habitual, para encaixar lá um projeto, por exemplo tem a história da Madeira, que neste momento ele estão a ter história da Madeira uma vez por mês e é à quarta, eles têm italiano mas há um dia do mês, combinado com eles e eles em vez de terem italiano têm história da Madeira. Por exemplo, eles têm artes à quinta mas um dia por mês têm história geral, então eles acabam por ter as disciplinas clássicas de outra maneira porque eles queriam tudo, queriam as mesmas coisas com menos um dia, há mesma hora, é um milagre aquilo que eu consigo fazer, mas pronto acabou-se por fazer de outro modo que é adaptei a programação, por isso ela é mensal, não é sempre igual, ou seja, aqui por exemplo, em dezembro o que é que eu tenho aqui, eles têm francês como eu disse e na outra semana têm português e depois aqui entretanto meteram-se as férias, e depois aqui na quarta têm italiano, mas também como já lhe tinha dito, há quartas-feiras que têm informática e depois há quinta-feira têm artes. Agora, por exemplo, há uma coisa que mudou este ano, eles na última semana de aulas e na primeira não querem ter aulas tradicionais, ou seja, eles querem o melhor de dois mundos que é assim, eles querem ter aulas fixas e ao mesmo tempo querem umas coisas assim mais levezinhas para irem se entretendo, então, claro que isso dá muito trabalho, muito mais do que aquilo que eles imaginam, e então aqui foi a semana de atividades que era a última semana de dezembro e depois se passar no placard tem a programação de janeiro. Então eles tiveram português, mas depois a restante semana, a semana antes do natal tiveram, uma festa em inglês, *Christmas tea party* na biblioteca da escola, na quarta-feira tiveram uma atividade surpresa que foi comigo, em vez de lhes dar aulas levei-os ao museu Francisco Franco, levei dois escritores porque eu tinha de apresentar um livro porque sou escritor também e fui apresentar um livro de um. Então aproveitei isso levei-os ao museu e tinha a surpresa de falar com um escritor, depois era assim eu tinha apresentado um livro de uma escritora e depois fui logo a seguir apresentar, ao Forte de S. Tiago, o livro do Jua Teixeira e o que aconteceu foi que um grupo estava na apresentação depois tiveram a curiosidade de por eles irem e é preciso muita motivação, se a gente disser tens de ir e tens de fazer é um bocadinho chover no molhado, temos de consciencializá-los, não devem faltar, não devem não sem quanto mais, mas depois ser um bocado pela motivação e por aquilo que se lhes proporciona. Então eles depois tiveram esta atividade que eu já lhe disse e aqui na quinta-feira eles foram a Associação de Teatro Experimental do Funchal ver uma exposição, que agora não sei o que foi, que foram ver uma exposição que tinha haver com teatro,

os adereços e por aí fora. No início do ano, a primeira semana do ano letivo, começa em outubro, o ano letivo aqui para eles começa dia 1 de outubro e termina dia 30 de junho, as férias são férias iguais à dos outros alunos, na última semana eles agora não têm atividades, a última semana do primeiro período, segundo período e terceiro período. Outra coisa que também faço, por exemplo, não era obrigado a fazer mais isto motiva-nos porque na página deles no *facebook* ponho lá umas imagens e reforço e no placard faço estes cartazes e coloco no placard a lembrar que neste dia 12 do 12 eles tinham em vez de inglês eles tinham a atividade do chá, do *Christmas tea party* e na quarta-feira, no dia 13, tinham uma atividade no museu Francisco Franco, entretanto há esta motivação que se vai fazendo constantemente porque se não eles acabam por se ausentar mais, eles precisam de um acompanhamento pedagógico que tem algumas diferenças em relação ao acompanhamento pedagógico de alunos ditos normais, os que frequentam as aulas para obterem um diploma. Portanto eles têm de ser muito motivados nesse sentido porque se não, eles sabem que não reprovam, e, portanto, se a atividade não lhes interessa e se não são motivados pura e simplesmente não vão. O que eu faço e para os obrigar um bocadinho também eu lhes chamo a atenção, eu abro inscrições por exemplo ao museu Francisco Franco, os alunos inscrevem-se, claro os que conseguem ir porque eu antes tenho de dizer ao museu quantos vão. Nós vamos ter dia 18 deste mês, uma atividade muito interessante que é feito exclusivamente para eles porquê? Nós fomos ao Núcleo Museológico da Cidade do Açúcar e depois no meio daquilo nós demos uma aula de italiano, traduzi a parte dos mapas e com a influencia dos italianos no vinho da Madeira. No decorrer daquilo, a responsável, a que estava a fazer a atividade e surgiu a ideia de reproduzir como se faziam os pães de açúcar, os que estão na bandeira do Funchal. Então vamos lá ver, vai lá um senhor que vai fazer e explicar como se faziam os pães de açúcar e isto é uma atividade que os interessou bastante porque é uma coisa prática, portanto, é um pouco complexo, eles gostam de disciplinas teóricas, há universidades seniores que são academias, em que depende do público, em que as pessoas vão á fazer croché, bordados, canto coral, estes não querem nada disso. Não querem! Querem é disciplinas mais teóricas, por exemplo, ir ao museu por ir ao museu, eles ainda estão a ser educados para isso, agora ir lá para ver como se faz os pães de açúcar, que tem haver com a sua cidade, que eles têm curiosidade e nunca viram, isso já os motiva mais um bocadinho. Portanto isto eu não sei se já não respondi.

**E:** Respondeu e já respondeu a mais perguntas.

**C:** Ainda bem,

**E:** Quais são os objetivos que tem neste projeto?

**C:** Olhe os objetivos que tenho neste projeto, primeiro que a informação seja ao longo da vida porque ninguém que pense que sabe de tudo, independentemente da idade e depois um bocadinho a socialização, é que estamos numa sociedade de muita correria, muito pouco tempo, uma certa frieza uns para os outros e então a socialização é muito importante para estas pessoas para não estarem sozinhas em casa ou terem só alguém, os filhos estarem longe ou estarem perto e não terem tempo e portanto este projeto tem dois objetivos proporcionar alguns conhecimentos para que o cérebro não pare e para que a sua vida não pare, por um lado, e socializar as pessoas para elas não se isolarem, para não ficarem depressivas, não se sentirem a mais só porque são “velhas” e acho que as pessoas, inclusive nós às vezes abrimos exceções, se não der para pôr isto..., nós fomos a única universidade sénior que teve uma grávida, porquê? Porque tínhamos uma pessoa que tinha uma grande depressão e veio cá pedir se podia inscrever e não era sénior e nós deixamos, entretanto ela não veio este ano porque ficou grávida e depois nós ganhamos um concurso e íamos a Bruxelas e ela queria ir e eu não, por amor de deus. É assim eu deixo tudo agora entrar uma sénior grávida no Parlamento Europeu isso saia no Guinness e em todas as notícias e essa parte aí, eu disse vai depois de ter o bebé. Isto é essencialmente para pessoas a partir dos 55 anos, nós pomos 55 mas o objetivo é mais 70 e isso, mas se uma pessoa tiver 40 anos e tiver só e se tiver problemas e poder inserir no projeto nós também não temos nada contra, é também um projeto pedagógico e social, também tem o objetivo social.

**E:** Acha que esta universidade é muito procurada pela população?

**C:** Bom, tá a gravar. Eu acho que é procurada q.b. porque nós também não queremos que ela seja muito procurada

**E:** Pois, tendo em conta as limitações.

**C:** Tendo em conta as limitações... A escola tem sido muito simpática para este projeto, a direção da escola principalmente porque nós pedimos uma coisa, até nós não pedimos muita coisa, o que pedimos geralmente temos. Mas é assim nós temos muitos alunos, as salas estão ocupadas, imagine que agora nós temos 30 e passamos a ter 90, isso ia ser um problema para a escola. Portanto nós queremos ter alunos mas também não queremos ter alunos demais, por exemplo há universidades que têm 100 alunos mas nós não. O que é engraçado é que já vieram alunos da outra para cá e as pessoas depois habituam-se a este clima um pouco mais familiar, porque, quer dizer

são menos, com desvantagens também, se entrarem numa de bilhardice zangam-se mais depressa mas é assim são menos. Agora qual era a sua pergunta.

**E:** Se é muito procurada pela população.

**C:** Dentro dos nossos objetivos é procurada, nós até agora atingimos os nossos objetivos, nós ultrapassamos os 30 alunos e o nosso objetivo inicial era 12 a 15. Portanto podemos considerar, que de acordo com os nossos objetivos é muito procurada. Mas de acordo com este contexto, percebe?

**E:** Quais são as disciplinas que têm e qual a importância das mesmas?

**C:** As disciplinas que temos não são muitas. No início, quando isto arrancou, eu trazia a experiência anterior e sugeri-lhes as disciplinas que eu sei que ia agradar à maioria, mas como disse há sempre um auscultar bastante e um diálogo constante com os alunos. Pronto, as disciplinas em primeiro lugar têm haver com os interesses dos alunos, mas é mesmo porque aqui a programação é feita mensalmente, se não era feito uma vez por ano, dava menos trabalho, já estava feito e eles tinham aquilo mas não é, porquê? Porque se não for assuntos que lhes interessa, a maneira como for dada ou se o professor, porque eles também exigem alguma afetividade, se não for reunidas estas condições eles não se interessam e não vão e pelos menos podem participar em português e não participar em inglês ou francês ou participarem só em artes ou italiano, vão para aquilo que quiserem mas também podem só frequentar só uma ou duas porque eles inscrevem-se apenas naquelas disciplinas que realmente lhes interessa. O nosso objetivo é que sejam o máximo possível, o máximo possível nas disciplinas de interesse.

**E:** Como foram selecionados os professores?

**C:** É assim, para lhes dar aulas?

**E:** Sim.

**C:** É preciso um professor que tenha formação científica porque entre eles há pessoas, não são todos nem é a maioria se calhar, mas entre eles há pessoas com alguma formação e alguma cultura que vão exigir conhecimentos da parte do professor e é preciso uma pessoa que tenha características do ponto de vista pedagógico e se adequam ao perfil destes alunos porque eles são alunos que se nós deixarmos eles conversam tanto como os alunos de 12 anos e portanto o que é necessário, é necessário dar a aula não lhes podes dar um grito mas apelar à parte de então meus senhores, como é que isto é? Vamos lá. Portanto tem de ser um professor do ponto de vista

pedagógico com determinadas características e do ponto de vista científico com o conhecimento científico, que esteja à vontade no assunto que está a dar.

**E:** E foi o senhor que selecionou estes professores?

**C:** Eu seleciono sempre propondo ao conselho executivo. Portanto o conselho executivo é que tem a última palavra, mas o conselho executivo até agora aceitou sempre as minhas propostas, mas via haver um dia que não vai aceitar, não é? Ou porque não pode, ou por várias razões. Até agora aceita, eu próprio também se tiver dificuldade em alguma disciplina também vou fala com a professora C.D. ou com o professor R. C. e peço-lhes uma opinião e eles dão-me porque eles também sabem o perfil de professores que estão aqui na escola, se calhar uns estão para miúdos mais pequenos, uns para pessoas do secundário e outros terão jeito para estes alunos que são específicos. Gostaria também de dizer uma coisa, nós funcionamos também porque se não o nosso crédito de horas não é mau mas não dava, nós também funcionamos com professores que dão aulas em regime de voluntariado, ou seja, a maioria dos professores são professores da escola mas há professores que já foram professores da escola que se aposentaram e que querem, não se importam de dar o seu contributo como professores. O ano passado tínhamos a professora de português e a professora de história, não história da Madeira mas história geral, que é a professora que este ano mudou o nome e é em lugar da história. Entretanto a professora de português achou que tinha dado o seu contributo já e passou a ser aluna, deixou de ser professora e agora é aluna e a professora do lugar da história continua a dar as aulas, só esse pormenor. Quase todos os professores da escola mas há dois que já foram professores da escola e eles continuam a ser, só em regime de voluntariado.

**E:** Acha que deveria melhorar alguma coisa na universidade sénior?

**C:** Olhe há sempre coisas para melhorar. O que eu acho da minha experiência, há dois sistemas, o sistema inglês e o sistema francês, o nosso sistema é o inglês que é aquele mais informal. Eu não sou a favor de um sistema muito formal mas acho que se lhes devia exigir deles alguma coisa porque exige-se mas não se chega a exigir, conversa-se, motiva-se mas eles deveriam fazer alguma coisa mas causa mas, por exemplo se eu andar á volta deles, o ano passado fizemos uma exposição das atividades do ano, eu acho muito importante que também tenham confiança, não é bem isso é mais sentido obrigatório, mas com o sentido obrigatório entre aspas, dar alguma coisa de si. Eles vão dando através de quê? Participam no desfile de carnaval, participam nas atividades da escola e motivados eles vão participar, o que é importante que eles não recebam só,

eu acho também importante eles darem também alguma coisa. O que eu às vezes faço, este ano talvez não faça muito, nunca é muito, uma vez por período eu tento que um aluno dê a aula, eu falo com os alunos e dentro da aula que eles dominam eu ponho-os a dar a aula aos colegas e eu vou lá e insisto e já houve alunos que deram e gostaram e outros só uma vez e dizem que aquilo dá muito trabalho, mas também é muito bom que eles sintam o trabalho para eles valorizarem a seguir o trabalho dos professores porque, inclusivamente já os pus a dar a minha aula de italiano e como? Selecionei com eles duas canções, procurei com eles a letra e a canção, ajudei-os a traduzir, estivemos a ver o que podíamos explorar do texto e depois eles trouxeram o vídeo, eles foram à procura do vídeo, trouxeram do *youtube* a canção, viram a letra e com o meu apoio deram a aula. E portanto, às vezes faz-se isso um pouco porque eu acho muito importante, claro que não podem ser todos porque nem todos têm capacidade para isso, mas o que eu penso é que é importante que eles ofereçam alguma coisa e não recebam só, até porque depois sentem-se mais envolvidos também e no fundo a aprendizagem, quando se produz alguma coisa o esforço é sempre muito maior do que parece por isso é bom que eles produzam alguma coisa.

**E:** Qual é a reação dos alunos em relação a esta universidade?

**C:** Olhe se eles tão cá, se a maioria não desistiu e se a nossa proposta era de 12 a 15 e temos mais de 30, penso que a reação à de ser boa, os resultados é que dizem. Eles reconhecem que são bem acompanhados e que o projeto está bem programado, se puderem dar assim um toquezinho de uma coisa que não gostaram ou reclamar assim uma coisinha mas eu penso que se não fosse isso eles até rebentavam, tem senhoras que só reclamavam a vida inteira elas até sorriem e eu reparei quando estava no placard, elas tinham aulas às 2h10 e eu reparei que há pessoas que veem às duas da tarde para tomarem o cafezinho aqui, em vez de irem ao café como podem ir ao bar da sala dos professores veem mais cedo, Portanto se fosse a partir das 5h já não, mas por exemplo eles podem, sabem que têm aulas às 3h, umas às 2h já estavam a chegar outras as 2h30, vão para ali para a esplanada da sala dos professores, vão tomar um café ou chá e em vez de socializarem noutra sítio socializam aqui e perante isto acho que deve ser boa mas há de haver sempre alguém que seja má língua mas no geral os resultados são estes.

**E:** E qual é a opinião dos professores acerca desta universidade?

**C:** Olhe os professores é assim, a professora que era voluntária e que depois dava português falou comigo no sentido em que, não é nada de especial, no sentido que eles não se esforçavam mas a maioria dos professores, não que eles sejam maravilhosos porque eles também exigem muito

Portanto neste sentido a maioria dos professores sabendo, a maioria dos professores sabendo das dificuldades e das contingências que é dar aulas a esta população gosta e quer continuar, porquê? As dificuldades são: a disparidade de habilitações, por exemplo, há uma pessoa na aula que ela não sabe português, se dou os verbos em italiano houve um dia que quase que as lágrimas caiam pela cara a baixo mas eu tenho de dar para os outros e aí essa pessoa até pode achar que se calhar a aula nesse dia não foi muito boa e que ela não tem bases para saber mas se ela não souber não vai ser como o *tarzan*, me *tarzan tu jane*, ela tem que, pelo menos os verbos no passado, presente e futuro tem que aprender mas sabem português. Então umas das principais dificuldades é conciliar dentro de uma aula esses níveis de saber que são diferentes porque às vezes temos de dar de uma maneira para os alunos que têm dificuldades e depois há outra dificuldade, por exemplo na aula de italiano eu tenho alunos que estão na minha aula à 3 anos e tenho outros que chegaram este ano, não vou repetir as aulas se não eles perdem o interesse então eu tenho de dar os conteúdos que dei aos outros. Então o material tem de ser outro, a maneira tem de ser outra, para quem já sabe aquele assunto ter mais algum pormenor daquele assunto e quem veio de novo fica com as bases que lhe fazem falta.

**E:** Que tipo de relacionamento tem com os professores?

**C:** Eu?

**E:** Sim, professor aluno e coordenador professor.

**C:** Isto é assim, eu neste momento tenho com eles uma relação de professor aluno, no sentido em que são pessoas muito simpáticas mas há uma linha que separa e então eu apercebi-me que às vezes é preciso mostrar que há essa linha, com toda a amizade e respeito que há, se há pessoas que acham que se o professor for com eles ao café já é um bacano amigo, eles não dizem naquela idade mas pensam, a palavra é que é outra mas pensam e aí é que nós temos que travar a ida ao café com eles, eu estou a lhe dar um exemplo, ou seja, tem de sempre separar o apoio que se dá, a atenção que se dá, o esclarecimento das dúvidas, a integração deles, tem de sempre separar disso de uma linha que é uma linha de muita confiança porque depois poderá levar a abusos porque eles não continuam a ser alunos e os professores continuam a ser professores e o facto de eles irem à sala dos professores, é uma benesse, mas é também uma aprendizagem que é preciso aprender a estar na sala que é dos professores quando não se é professor e até isso é uma aprendizagem porque se eu vou visitar a casa de alguém, por exemplo, eu tenho de me adaptar aos costumes dessa casa, não vou para lá impor regras, também se eles não são professores eles estão

à vontade e ninguém lhes diz nada, estão, são bem aceites e são alegres mas é preciso perceberem que eles são alunos e que os professores são professores, é preciso, é claro que isso não acontece de maneira nenhuma mas também é preciso que determinadas conversas entre de professores que não sejam feitas próximas deles.

**E:** E o seu relacionamento com os outros professores?

**C:** Com os outros professores? É bom e vou lhe explicar o porquê. Porque a maioria dos professores, se o meu relacionamento não fosse bom eles também não queriam continuar, entende? Porque passa muito, portanto... As aulas passa desses professores, passam com os alunos e com o coordenador. Portanto, eu para tomar uma decisão antes de tomar a decisão eu falo com a direção, eu apresento uma proposta, esses professores falam comigo, portanto se têm uma proposta, se têm uma ideia, se têm uma visita, se não podem dar a aula num determinado dia, portanto esses professores terão de contactar comigo, não é? Portanto em princípio o relacionamento é bom. Agora é evidente que quem coordenada às vezes pode ter de dizer que não é possível, entende? Mas geralmente é possível, se as pessoas tiverem o bom senso de perceber que são 90 vezes possível, 99, 95 e 5 não possível, que isso é tentar fazer o melhor então o relacionamento não é bom, é excelente. Se as pessoas não perceberem que 99 vezes é possível e aquela que não foi já não entendem, isso aí o relacionamento é só bom. Não sei se estou a fazer explicar.

**E:** Sim, está.

**C:** Pronto.

**E:** E é habitual reunir-se com os professores?

**C:** Com os professores é assim, os professores têm muitas opiniões, então, umas das coisas para que o relacionamento também seja bom, eu não os obrigo a reuniões informais porque isso eles já têm, portanto, já é uma coisa boa que faz com que eles gostem de mim, porque não têm de fazer atas nem de fazer reuniões formais. Então é assim, no início do ano eles são convidados a irem á reunião de início do ano e ao longo de toda a semana eu tenho horas que recebo alunos ou recebo professores e o meu telemóvel está à disposição deles, o *e-mail* está à disposição deles e muitas vezes marcamos uns encontros quando o professor acha necessário, é mais útil e talvez, também, os sobrecarrega menos porque é assim, ele precisa de falar e eu dentro das minhas horas encontro uma maneira de estar com os professores.

**E:** Eu agora vou mais sobre o que é o seu papel nesta universidade porque é coordenador e é professor.

**C:** São papéis diferentes. Todos os papéis são importantes, o papel de aluno é importante, o papel de professor é importante, o papel do coordenador é importante. Neste caso o papel do conselho executivo é importante, se fosse noutra sítio o papel do coordenador é que era importante porquê? Porque há filosofias de educação, há orçamentos e há visões que influencia que o coordenador não pode tomar sozinho, o coordenador tem de ter a sua superioridade e fazer algumas perguntas, não é que tenha muita autonomia, mas eu próprio sinto que há coisas que tenho de dar conhecimento porque não sou eu que mando na escola, então todas as ideias, eu chateio muito pouco, só vou falar quando é preciso, a decisão para não haver aulas à sexta-feira que eles pediram, eu geralmente reúno-me com o conselho executivo mostro e dou-lhes conta da avaliação que eles fazem ou da opinião que eles têm, procuro que seja escrita porque a opinião verbal sabe como é, hoje diz-se uma coisa e amanhã já não se lembra ou não interessa lembrar. Então eles têm toda a liberdade, geralmente é por escrito depois faço a análise dos dados e dou o conhecimento ao conselho diretivo, por exemplo, para deixar de haver aulas à sexta-feira eu não lhes disse que sim antes de questionar o conselho diretivo, tive de lhes explicar o porquê e depois foi possível e as situações que têm acontecido que não são muitas, este ano eu estou mais complexo, eu ponho sempre a questão à direção executiva. Como coordenador tenho de ser muito diplomata, além de ser muito organizado porque é assim, as pessoas ouvem mas se calhar, embora sejam adultas, ou ouviram mal ou estavam a falar com a vizinha e depois dizem que não foi dito é por isso que não gosto muito, dou a informação verbal na aula, aliás se for na quarta-feira eu já tenho aqui na agenda 3 informações para lhes dar mas depois eu ponho por escrito porque depois eu já sei que entram os carnavais. Na outra que eu estava eu pedia para que as informações fossem dadas por um colega que estava na câmara e depois as pessoas diziam que ele não tinha dito e ele às vezes ia à minha aula e sabia que ele tinha dito. Então é o seguinte, eu dou a informação, eu tenho aqui (procura de agenda), hoje é o que tenho de fazer e a aula é o dia 10, estão aqui as informações que tenho de lhes dar, sobre uma aula de quinta-feira, fazer o ponto de situação do carnaval e sobre os pães de açúcar. Estas informações eu vou dá-las na aula porque às vezes é preciso a opinião deles e para não perder muito tempo, explico-lhes o que é e depois funciona o sistema de dedo no ar, quer vota sim quer vota não, chegamos à conclusão, a maioria decidiu isto e fica decidido, mas eu a seguir ponho na página deles, na aula do dia 10, em diálogo com o professor ou com o coordenador, ficou decidido isto, isto e isto porque se alguém faltar à aula não vai dizer que não foi dito ou se alguém não foi à aula e não votou a favor e ganhou a favor também não vai dizer que... percebe? Porque

é assim eles faltam e se há uma decisão para tomar, imagine que de 30 alunos estão 20 e em italiano é a aula que eles vão mais, penso que não é só pelo o italiano mas como é a aula com o coordenador eles também, se tiverem alguma dúvida, ou alguma informação sabem que... é a disciplina que vão praticamente todos mas às vezes faltam, então para não dizerem que não souberam ou que ganhou aquela coisa e eles não votaram, depois eu tenho o trabalho mas prefiro, a seguir à aula, logo que eu possa ponho que na aula do dia tal foi decidido por maioria isto, isto e isto. Ainda tentaram no início, mas agora já não tentam porque sabem que eu nisso sou organizado. Às vezes as minhas próprias coisas ficam um bocado para trás, mas nessa questão eu... porque depois eu não gosto e não me sentiria bem se dissessem uma coisa que eu demorei tanto tempo a preparar e depois dizerem não disse, não fez. Então nisso eu tenho muito cuidado. Digo a informação, mas a informação fica escrita e há informações que inclusivamente, como é no *facebook*, eu faço de maneira que os nomes fiquem lá para eles serem chamados a atenção para que está lá os nomes e também se eu tiver informações para dar aos professores, que me dou muito bem, é a mesma coisa. Falo com os professores mas depois está lá escrito.

**E:** Só vou colocar mais duas questões, esta é a nível global, acha que estas universidades são importantes para um envelhecimento mais ativo?

**C:** São, São. Eu vou lhe dizer sinceramente, não sou político e não vou entrar em eleições, portanto, acho que são mesmo muito importantes porque, até já lhe falei do caso de uma senhora que está grávida, não era sénior mas ela veio para aqui, ela estava com uma depressão profunda e veio para aqui deixou de tomar medicação e agora que engravidou está melhor e tudo. Portanto as pessoas, penso eu, levam a vida toda a quererem ser aceites a quererem ser compreendidas, às vezes as pessoas gostam mais de ser compreendidas e aceites do que serem amadas porque as pessoas precisam de se sentir compreendidas, precisam de não se sentirem sós, e uma pessoa quer queira quer não, a nossa sociedade está cheia de preconceitos de todos os tipos e a própria idade é preconceito. Eu quando comecei a dar aulas confundiam-me com os alunos, eles andavam sempre à minha volta e eu deixei crescer um bigode para não me confundirem com os alunos porque havia um preconceito que era ser muito novo e estar com os alunos. Agora, se calhar, quem entra aqui com 20 anos se calhar existe um preconceito porque tem cabelos brancos. Então a vida nas nossas diferentes fases tem diversos preconceitos, a velhice é um preconceito, há falta de tempo, as pessoas sentem-se muito sós, muito abandonadas e vão perdendo o interesse pela vida, vão deixando de se interessar por coisas novas, vão deixando de treinar o cérebro, de ter à vontade e

de sentir a vontade de ter alguma coisa para aprender, que há algo de novo, que não sabem de tudo mas ainda podem aprender mais um bocadinho. Eu acho isto fundamental e o estado acaba por lucrar com isto porque isto evita muitas situações que exigiriam tratamento médico, medicamentos, etc. Porque as pessoas veem para aqui para aprender, mas veem muito para socializar, isto é muito importante, eu acho e acredito seriamente que sim. No dia em que eu não acreditar, já tenho 10 anos de universidades seniores, no dia em que não acreditar peço para fazer outra coisa, porque... No ensino já passei por muitas coisas e no dia em que eu estiver a fazer coisas não do meu interesse também não me irei entusiasmar porque isto dá imenso trabalho, isto funciona mas dá trabalho e portanto eu tenho de acreditar nisso e acredito seriamente.

**E:** Esta é a ultima questão que é se queria acrescentar algo a esta entrevista?

**C:** Eu já falei tanto, pode é tirar, pôr, ao menos ficou com as informações todas.

**E:** Isso é verdade e dou por fim a nossa entrevista, Obrigada pela sua colaboração.

**C:** Obrigada, boa sorte.

## Apêndice 5- Transcrição da entrevista ao Professor 1

**E:** Boa tarde, primeiro gostaria de explicar em que consiste a minha tese e para que se destina estas entrevistas. Estou tirando mestrado em Supervisão Pedagógica, mas a minha licenciatura foi Ciências da Educação. Como não consigo ser professora e só posso intervir na parte da educação não formal então resolvi juntar a parte da Universidade Sénior com Supervisão Pedagógica. O que pretendo saber é como se processa a Supervisão Pedagógica na Universidade Sénior. Agradeço desde já a sua colaboração e disponibilidade neste estudo. Esta entrevista é confidencial e os únicos dados que queria saber acerca de si são: idade?

**P1:** 43 anos.

**E:** Sexo?

**P1:** Feminino.

**E:** Anos de carreira?

**P1:** 16 ou 17 anos.

**E:** O que levou a participar neste projeto?

**P1:** Foi um convite do coordenador, A. C.. Eu sou dinamizadora do projeto, o baú de leitura, então eu participava com o baú de leitura. Portanto o que eu dinamizava no projeto tinha haver com o baú de leitura.

**E:** Acha que este projeto está bem organizado?

**P1:** Acho que sim. Acho que é uma mais valia para as pessoas que têm uma idade mais avançada, podem fazer várias coisas porque têm várias disciplinas e que podem realmente participar em várias atividades.

**E:** Costumam-se reunir ou é mais como o que o coordenador disse, quando existe uma dúvida ou questão?

**P1:** Isso, é mais isso. No meu caso eu não faço todos os meses, faço quando calha porque é dentro do projeto baú de leitura.

**E:** Como planeia o baú de leitura?

**P1:** Tem haver por exemplo: ou tem haver com a época, este ano lectivo tive com eles em dezembro, teve haver com o natal, ou teve relacionado por exemplo com uma atividade de leitura. O dia do livro nós falamos do tipo de livro e vamos comunicar sobre isso ou então sobre uma época específica, vamos trabalhar a nível, neste caso o origami, foi o último trabalho que fizemos. Depois tem haver com as épocas.

**E:** E qual é que acha que é o papel do coordenador?

**P1:** Eu acho que é um papel muito importante porque ele consegue coordenar, consegue organizar as coisas, se tivermos dúvidas ele ajuda-nos. Ele está lá sempre.

**E:** Qual é a sua relação com o coordenador?

**P1:** Ótima! Excelente! Já trabalhei com ele.

**E:** E essa relação influencia o seu trabalho no projeto?

**P1:** Sim, se eu tiver dúvidas vou diretamente falar. Se eu tiver algum problema também.

**E:** Quais são as prioridades nesta sua intervenção?

**P1:** As prioridades são, tendo em conta que estou a representar o projeto é claro que tenho sempre de direcionar para o projeto, que é o gosto por ler, o gosto do livro. Portanto em primeiro lugar é em relação ao projeto e depois tem o bem-estar das pessoas que estão no projeto.

**E:** Quais são os contributos que o baú de leitura traz para a universidade?

**P1:** Os conhecimentos, sei lá, falar de livros, por exemplo fizemos uma visita de estudo aos jardins do hotel *Four Views*, falamos sobre as plantas e ver como é que as plantas estão relacionadas com os livros. Hoje em dia já se usa muitas plantas, a falar sobre as plantas nos livros, que hoje em dia já se usa muitas, a falar de muitas plantas nos livros como em romances ou... há várias histórias, o chocolate, o cacau.

**E:** E quais são as reações dos alunos?

**P1:** As pessoas eu acho que gostam, principalmente quando é para saídas, principalmente saídas gostam muito. Pelo menos é o *feed back* que nos dão.

**E:** Acha que estas atividades que fazem estão bem enquadradas tendo em conta as características dos alunos?

**P1:** Eu acho que sim porque para já eu pergunto o que é que eles acham, se querem fazer se não querem fazer, o que acham em relação à atividade que vamos fazer e o *feed back* é sempre positivo e eu acho que é interessante.

**E:** E já houve a necessidade de alterar atividades?

**P1:** No meu caso não. Até agora não.

**E:** Acha que falta alguma coisa neste projeto?

**P1:** Deve faltar mas em todos os projetos há sempre alguma coisa que falta.

**E:** Muitas vezes um projeto, tendo em conta as limitações da escola, ter isso em conta.

**P1:** Se quisermos fazer uma visita de estudo, por exemplo, as pessoas já são adultas, já têm transporte. Há sempre maneira de ir lá ter. Temos internet, as vezes falha, mas é normal. No geral temos as coisas que são necessárias.

**E:** Então acha que não há nada a melhorar?

**P1:** Para mim acho que não. Para mim tá bom.

**E:** Gostaria de acrescentar algo a esta entrevista? Isto era uma entrevista pequenina, para recolha de mais informação.

**P1:** Eu gosto de pertencer à universidade sénior, gosto de fazer parte da Universidade Sénior, gosto do coordenador, gosto dos alunos e consigo fazer aquilo que eu tenho como objetivo. E por exemplo a Universidade Sénior são pessoas que ajudam bastante, por exemplo em dezembro eu fiz uma recolha solidária de alimentos para fazer cabazes para entregar às famílias mais carenciadas daqui da escola e a Universidade Sénior ajudou, eu solicitei e ajudaram. Nos outros anos eu tenho alunos com muitas dificuldades e organizei um lanche e a Universidade Sénior ajudou imenso, faz os lanches para os alunos. Eu gosto de trabalhar com a Universidade Sénior.

**E:** É só isto em que consiste a minha entrevista, é pequenina mas ajudou imenso. Obrigada pela sua participação.

**P1:** Obrigada e boa sorte!

## **Apêndice 6- Transcrição da entrevista ao Professor 2**

**E:** Boa tarde, primeiro gostaria de explicar em que consiste a minha tese e para que se destina estas entrevistas. Estou tirando mestrado em Supervisão Pedagógica, mas a minha licenciatura foi Ciências da Educação. Como não consigo ser professora e só posso intervir na parte da educação não formal então resolvi juntar a parte da Universidade Sénior com Supervisão Pedagógica. O que pretendo saber é como se processa a Supervisão Pedagógica na Universidade Sénior. Agradeço desde já a sua colaboração e disponibilidade neste estudo. Esta entrevista é confidencial e os únicos dados que queria saber acerca de si são: idade, sexo e anos de carreira. Será que poderia dizer a sua idade?

**P2:** 49.

**E:** Sexo?

**P2:** Feminino.

**E:** Anos de carreira?

**P2:** 25.

**E:** O que é que levou a fazer parte deste projeto?

**P2:** A Universidade Sénior? Primeiro porque achei diferente, achei interessante, achei que seria um bom desafio, um desafio agradável e depois também, teve bastante peso, foi a minha amizade pelo C, é uma amizade de longa data. Foi uma somatória feliz

**E:** Acha que este projeto está bem organizado?

**P2:** Eu gosto. Eu sinto-me bem. Eu acho que está muito bem organizado, sinceramente. Eu acho que o C, que é o coordenador do projeto, é muito competente e tem isto tudo muito bem organizado na minha opinião. Acho que sim.

**E:** Costumam-se reunir?

**P2:** Nós reunimo-nos sim.

**E:** É com muita frequência?

**P2:** Nós reunimo-nos com bastante frequência. E temos uma comunicação estreita.

**E:** Os assuntos abordados são mais dificuldades que sintam ou existe outros motivos?

**P2:** Não. Geralmente nós reunimos tem muito haver com o que vamos fazer nas aulas, com o programa, com as atividades, com os interesses dos alunos é mais isso. É as atividades e os interesses dos alunos.

**E:** E como planeia as suas aulas e o ano letivo?

**P2:** É assim, o C antes do ano letivo iniciar, nós tivemos uma reunião, cerca de 5 horas para planejar o ano letivo. Planeamos muito em setembro, nessa reunião que tivemos, planeamos muito até ao final do ano, datas, eventos, saídas, tudo. Planeamos muito isso e a partir dessa grande planificação se houver algumas alterações, nós comunicamos praticamente todos os dias, por isso vamos ajustando.

**E:** Qual é que acha que é o papel do coordenador neste projeto?

**P2:** O coordenador é o grande alicerce deste projeto porque ele para além de ser uma pessoa fantástica, ele tem um conhecimento científico muito grande e ele, sinceramente, é que dá corpo a este projeto, sem sombra de dúvida.

**E:** Qual é a sua relação com o coordenador?

**P2:** É uma relação de grande confiança, de amizade e colaboração.

**E:** E acha que a relação que tem com o coordenador influencia o seu trabalho?

**P2:** É assim, influência positivamente porque agrada-me que ele tenha sucesso e que as coisas corram bem e gosto muito da Universidade Sénior e tenho uma grande carinho pela Universidade Sénior

**E:** E que tipo de relação existe entre professores e coordenador?

**P2:** Acho que existe uma relação de proximidade uma vez que o C é uma pessoa muito acessível, muito aberta, muito franco. O C é extremamente franco e quando não concorda diz que não concorda e quando concorda dá força, ele é uma pessoa muito franca.

**E:** Qual é a disciplina que leciona?

**P2:** Eu leciono inglês.

**E:** E qual é que acha que é o contributo que a sua disciplina traz para a vida destas pessoas?

**P2:** É assim varia. Há alunos que sabem muito e que são muito fluentes e que vem lá só mesmo para praticar e manter e há outros alunos que querem aprender, que têm muitas dificuldades e que veem cá para adquirir conhecimentos e competências. Os níveis são muitos disparos.

**E:** E quais são as dificuldades que a senhora sente ao dar as suas aulas?

**P2:** A maior dificuldade que eu sinto é exatamente essa, ter alunos de todos os níveis na mesma aula. Muitos nunca tiveram inglês e outros falam muito bem inglês. A maior dificuldade é não pensar naqueles que sabem muito. O que é que eu faço? Eu pessoa ajuda a esses que sabem muito para também tornarem as aulas apelativas. É o contributo desses alunos.

**E:** E acha que todas as atividades que realizam neste projeto estão bem enquadradas?

**P2:** Eu quero pensar que sim. Eu quero pensar que sim, ao menos tentamos, fazemos por isso.

**E:** Alguma vez sentiu a necessidade de alterar alguma atividade que tinha planeada para a sua aula?

**P2:** Às vezes sim, já aconteceu. Já aconteceu um ou duas vezes. Já aconteceu eu ter aulas planeadas e tudo muito direitinho para um determinado grupo de alunos da Universidade Sénior e quando chego à sala de aula tenho 5 ou 6 alunos novos que não pertenciam ao grupo inicial e tenho de alterar tudo e tenho de improvisar bastante. Já aconteceu mais de uma vez, para aí umas 2 ou 3 vezes.

**E:** Acha que falta alguma coisa neste projeto?

**P2:** Assim que existe uma lacuna que eu possa especificar, não sinto.

**E:** Então acha que não há nada a melhorar aqui?

**P2:** Acho que melhorar há sempre. Acho que estagnar não podemos estagnar. Mas que eu possa dizer que não concordo com isto ou com aquilo ou que faria melhor, não. Eu tenho a consciência que eu própria não faria melhor. Eu sei que o A. está a desempenhar um excelente trabalho. Agora melhorar há sempre, mas eu não posso especificar assim nada.

**E:** Está bem. Esta entrevista está a terminar e gostaria de perguntar se gostaria de acrescentar algo a esta entrevista?

**P2:** Gostaria que este projeto continua-se. Gostaria que este projeto continuasse a ajudar os nossos seniores e acho que sinceramente que é um projeto fantástico. É tudo o que tenho a dizer, gosto muito.

**E:** Obrigada pela sua colaboração.

**P2:** Obrigada.

### Apêndice 7- Transcrição da entrevista ao Professor 3

**E:** Boa tarde, primeiro gostaria de explicar em que consiste a minha tese e para que se destina estas entrevistas. Estou tirando mestrado em Supervisão Pedagógica, mas a minha licenciatura foi Ciências da Educação. Como não consigo ser professora e só posso intervir na parte da educação não formal então resolvi juntar a parte da Universidade Sénior com Supervisão Pedagógica. O que pretendo saber é como se processa a Supervisão Pedagógica na Universidade Sénior. Agradeço desde já a sua colaboração e disponibilidade neste estudo.

Irei gravar para futuramente tirar dados para a minha investigação

**P3:** Sim, não tem problema. Mesmo que faça uma gralha tens de transcreve?

**E:** Eu tenho a noção que às vezes não sai. Eu acho piada, depois de estar gravado é que nós nos apercebemos a maneira de como falamos.

**P3:** Ah sim! Eu já dei uma entrevista na RTP, por causa da rádio. Eu perguntei, os miúdos tinham direito a 3 *take* e eu perguntei: e o professor? Só tem direito a 1. Os miúdos iam fazer as respostas tinham direito a errar, tinham 3 *take*, faziam 3 vezes as respostas da maneira que eles achavam mas o professor já tinha direito a 1 *take* porque eles já não tinham mais tempo de antena. Tão injusto, mas pronto.

**E:** Esta entrevista é confidencial e os únicos dados que queria saber acerca de si são: idade, sexo e anos de carreira. Será que poderia dizer a sua idade?

**P3:** 35

**E:** Sexo?

**P3:** Feminino.

**E:** Anos de carreira?

**P3:** 13

**E:** O que levou a participar neste projeto?

**P3:** Experiência. Estou tao habituada a dar aulas a alunos pequeninos. Eu gosto de dar mais a adultos. Eu dou formação de professores e também já tinha conhecimento do projeto em si. Eu já tinha visto, a minha antecessora, a professora que dava antes informática. Ela a dar as aulas eu achava interessante e quis experimentar. Comecei só a titulo experimental, um dia aqui um dia acolá, mas já estou a dar mais regularmente as aulas. Mas também depende das disponibilidades.

**E:** Sim isso é verdade. E acha que este projeto está bem organizado?

**P3:** Sim, está. É pena os alunos não venham regularmente às atividades. O C, que é o nosso coordenador, ele organiza tudo direitinho e faz um horário, mas só que nunca temos o mesmo número de alunos dentro da sala, o que tornasse muito difícil de dar as aulas.

**E:** E costuma-se reunir com o coordenador?

**P3:** Reúno-me semanalmente mas é para outro projeto que eu estou a fazer no site para a Universidade Sénior, para ter mais presença online e só essas reuniões que eu tenho, o resto é por comunicação por *e-mail* ou *facebook*.

**E:** Então não é uma reunião com muita frequência?

**P3:** Não, não.

**E:** Os assuntos quando se reúnem ou comunicam são com base em quê?

**P3:** É a marcação das horas, algum tema que ele proponha, alguma atividade que envolva usar informática que ele queira enquadrar, não há muita disponibilidade para a gente juntar as várias áreas.

**E:** E como é que planeiam as aulas e o trabalho ao longo do ano letivo?

**P3:** Eu faço um inquérito nas primeiras aulas, nunca é na mesma aula porque não tenho sempre o mesmo grupo. Faço um inquérito e dou hipóteses de qual os temas a abordar. O problema é que o grupo é muito diverso. Eu tenho gente que já tem muita experiência e outros que ainda estão a aprender com o rato. Por isso é muito difícil organizar as aulas, eu acabo por fazer uma atividade geral, os que conseguem avançar mais dou uma sugestão para avançar e os outros acabam por ficar pelo mínimo. Tive alunos lá que já mandei jogar um jogo para treinarem o rato ou o teclado. É muito complicado!

**E:** E qual é que acha que é o papel do coordenador neste projeto?

**P3:** Dinamizar atividades, promover o bem-estar do grupo, eles próprios têm atritos ou algumas situações que, pronto, já sabemos... Até uma turma tem atritos é normal e também organizar o currículo de maneira a chegar mais perto deles, por exemplo nunca pensei que uma turma de Universidade Sénior gostasse de italiano e é a aula que eles adoram mais. Eles também têm aulas envolvendo atividades com os alunos, falam das tradições e também eles adoram. Informática é, a minha área, é mais aquele bichinho para estar no *facebook*, para fazer alguma coisa divertida, para tirar fotos aos netos e fazer um vídeo, coisas assim desse género. De resto não tem assim muito interesse para eles, já chegaram aquela idade...

**E:** E qual é a sua relação com o coordenador?

**P3:** Colegas de trabalho. Eu própria sou coordenadora de outros projetos então tentamos entreligar.

**E:** Acha que essa relação influencia o seu trabalho?

**P3:** Não, ele apoia-me imenso, sempre que eu tenho uma dúvida ele está sempre disponível por isso não influencia.

**E:** Quais são as suas prioridades na sua disciplina?

**P3:** Primeiro saberem a iniciação, todos os alunos da Universidade Sénior têm pelo menos o diploma de competências básicas. Todos os anos eu promovo, como coordenadora de TIC, um diploma das competências básicas. O ano passado consegui que 6 alunos conseguissem o diploma, tendo em conta que só começaram a mexer no computador há pouco tempo, já é um grande passo. Este ano quero ver se consigo mais alunos. Outros que estão só para aprofundar, pelos menos que saiam da aula a pensar que conseguiram aprender alguma coisa.

**E:** E que contributos é que acha que a sua disciplina traz para esta universidade e para a vida destes alunos?

**P3:** Estão mais em contacto com a sociedade de hoje em dia, a sociedade digital, não vão sentir tanto aquele bloqueio entre gerações, para eles conseguirem perceber mais o que a juventude, os seus netos, estão a fazer neste momento para acompanhar porque eles estão naquela idade, vamos lá ver, os pais dizem para não fazer, tudo bem, mas os avós já podem dar um bocadinho de... Estar um bocadinho com os netos e aplicar e eles também assim... se eles começarem a falar do *facebook* eles já sabem o que o neto está a falar.

**E:** Isso é verdade. E quais são as reações que os alunos têm com a sua disciplina?

**P3:** Alguns extrema dificuldade, outros estão lá para se divertir. No fundo é, a aula é superdivertida, divertimo-nos imenso. Aqueles que sentem dificuldade sentem-se um bocadinho postos de lado um bocadinho porque na aula de italiano começam todos no mesmo patamar, na aula de informática não. As bases estão sempre presentes, enquanto alguns num instantinho fazem a atividade, outros precisam de se aplicar e de fazer várias vezes a mesma coisa. Quando chega a hora de sair, quando o primeiro que acabou já quer sair e eles veem que não chegaram a metade, às vezes há um bocadinho de constrangimento porque os outros acabaram, mas isso também acontece numa aula normal, mas naquela geração dá mais atrito, porque é que aquela vai mais cedo?

**E:** E que tipo de dificuldade sente nas suas aulas?

**P3:** É a disparidade de alunos, não ter sempre os mesmos, às vezes as instalações podiam ser melhores mas temos a melhor sala de informática que a escola pode nos fornecer e temos também condições para que as pessoas possam trabalhar, a questão é também o horário. Eu não posso às 3h, aliás às 3h já tem as aulas todas marcadas, também os outros professores estão na reforma ou já têm o seu horário estipulado e eu fiquei no horário mais para o final do dia. No final do dia já estão todos com pressa para ir embora, já têm todos que ir buscar os netos e já estão todos à já está muito frio, já quero ir para casa. Há sempre aquela dificuldade em... Se bem que para o ano a gente quer ver se arranja um horário diferente. Este ano estamos a fazer duas sessões por mês, o ano passado foi uma sessão por mês, este ano estamos a ter duas e conforme a aderências vamos ver se conseguimos fazer um horário semanal

**E:** Acha que as atividades desenvolvidas estão adequadas?

**P3:** Penso que sim, tanto as saídas, como o museu do açúcar e outras saídas que o professor A. organizou, eles gostam imenso e está enquadrado, pelo menos aqui na região no concelho. As disciplinas, como eu disse, há disciplinas que nunca pensei que eles ficassem interessados e estão, por isso, isto às vezes... As nossas ideias pré-concebidas, que eles vão estar interessados em música, fado, esqueça. Eles ouvem música agora do dia-à-dia, por isso as pessoas não podem ir com ideias pré-concebidas.

**E:** Alguma vez foi necessário alterar atividades dentro da sala de aula?

**P3:** Sim, principalmente no primeiro ano que tive. Tinha uma ideia e depois tive que reajustá-la mas isso também com qualquer turma, às vezes a gente vai com uma ideia para dar uma matéria e depois há umas maneira que funcionam com uma turma e com outra não funciona e depois apanhei o ritmo e sei até onde eu posso exigir naquela hora, hora e meia de trabalho que também para mim é uma surpresa estar a trabalhar com alunos com este patamar, eu costumo dar formação de professores, mas os professor ainda estão na vida ativa, por isso eles têm outros ritmos e outros objetivos mas eu penso que sim.

**E:** Acha que falta algo neste projeto?

**P3:** Há sempre melhorias. Em termos de áreas que possam abordar eu penso que não. Agora há sempre lugar para melhorias, nunca se pode dizer que não se pode alterar nada.

**E:** Posso dizer que posso dar esta entrevista como terminada, a última questão que tenho a fazer é se gostaria de acrescentar algo a esta entrevista?

**P3:** Não, não tenho muito para acrescentar. Só tenho dois anos de experiência na Universidade Sênior, eu penso que a professora V. já tem 3 ou 4 anos, se não me engano, já tem muito mais experiência deste projeto, por isso... A minha aula nem sequer é regular, penso que o que eu tenho a dizer...

**E:** A professora V. é de que disciplina?

**P3:** É professora de português, é uma professora reformada que vem só dar as aulas de português, que está cá desde o início. Eu comecei no segundo ou terceiro ano do projeto, que antes era a professora F., que era reformada e que chateou-se um pedacinho porque nunca os alunos a horário regular e depois para ganhar ritmo é difícil dar uma tecnologia sem ter aquele ritmo e eu então avancei com as aulas de informática. Mas os professores que estão cá há mais tempo tem outra noção.

**E:** Eu já tive entrevista com alguns.

**P3:** A professora C., o professor B. que é de artes, tem a professora P4 que é de francês?

**E:** Sim, é de francês.

**P3:** E a professora V. que é professora de português que está na reforma. Excelente pessoa, é a que está desde os primórdios, por isso ela deve ter outra noção, tem um horário regular com a turma. Todas as semanas tem um horário fixo, eu há meses que há dois, outros meses tenho três, outros tenho um, por exemplo o mês de fevereiro só tenho um, vem o intervalo do carnaval depois tem atividades já marcadas e depois eu ainda tenho as reuniões, calha num dia que eu tenho reuniões, por isso é sempre difícil.

**E:** É só isto o que eu tinha a perguntar, agradeço a sua colaboração.

**P3:** Obrigada.

**E:** Qualquer dúvida ou questão pode estar a vontade para perguntar, não hesite.

**P3:** Ok, obrigada.

## Apêndice 8- Transcrição da entrevista ao Professor 4

**E:** Bom dia, primeiro gostaria de explicar em que consiste a minha tese e para que se destina estas entrevistas. Estou tirando mestrado em Supervisão Pedagógica, mas a minha licenciatura foi Ciências da Educação. Como não consigo ser professora e só posso intervir na parte da educação não formal então resolvi juntar a parte da Universidade Sénior com Supervisão Pedagógica. O que pretendo saber é como se processa a Supervisão Pedagógica na Universidade Sénior. Agradeço desde já a sua colaboração e disponibilidade neste estudo. Esta entrevista é confidencial e os únicos dados que queria saber acerca de si são: idade, sexo e anos de carreira.

**P4:** 48 anos, 28 de carreira e sou do sexo feminino.

**E:** Acha que este projeto está bem organizado?

**P4:** Em termos de organização?

**E:** Sim.

**P4:** Sim, em termos de horas semanais, disciplinas, currículo?

**E:** Sim.

**P4:** Sim e acho que as disciplinas foram chegando. Por exemplo a minha disciplina não existia no início, só começou o ano passado. Penso que foi por decisão dos alunos, necessidade de introduzir a disciplina.

**E:** O que levou a participar neste projeto?

**P4:** Para já foi um convite, um convite pessoal, feito na primeira pessoa e foi querer uma experiência diferente, uma experiência nova.

**E:** E costuma se reunir com muita frequência com o coordenador?

**P4:** É assim, uma vez que o meu primeiro ano foi no ano passado, nós não fazíamos propriamente uma reunião formal mas encontrava-nos frequentemente e acabávamos por conversar sobre o que estava a fazer, o que pensava fazer, concordava. Em geral concordava, acho que não houve nenhuma situação em que ele estivesse discordado mas havia essa proximidade, essa discussão e um *feed back*. Dizia o que estava a pensar fazer, concordava, depois dizia como correu e a situação foi correndo. Neste momento por, se calhar, por incompatibilidade de horário não tem havido estes encontros, mas como disse, o que acontecia o ano passado, não era reuniões formais mas sim encontros informais e a experiência correu bem o ano passado e está correndo bem este ano.

**E:** A disciplina que leciona é?

**P4:** Francês.

**E:** Como planeia as suas aulas e todo o trabalho para esta faixa etária?

**P4:** Eu primeiro, cá está, eu quis conhecer o grupo, antes mesmo de avançar para a primeira aula eu quis conhecer o grupo, inclusive eu fui a uma aula do coordenador, eu fui apresentada, disse qual era a minha intenção, eu sabia que havia alunos que já tinham manifestado vontade em ter a disciplina porque é uma geração onde o francês teve a sua importância na escola e foi para muitos deles a primeira língua estrangeira e havia aquela nostalgia do francês. Perguntei e tentei saber os interesses, o que eles pretendiam, se ela mais a língua, a cultura e a civilização e na verdade é um bocadinho de tudo e aquilo que faço, geralmente nas minhas aulas, é geralmente por temas que tem a ver com a atualidade, sei lá, se nós estamos na primavera, eu procuro temas relacionados com a estação ano, a jardinagem, a paisagem; mais no verão tento levar para temas ligados a férias, lugares de férias. No natal é a temática do natal, no carnaval... Tento sempre fazer uma ligação entre a época do ano que nós estamos, algum acontecimento também, imagine que houve algo que aconteceu agora em França e é a propósito ou foi uma notícia, ainda há pouco tempo foi uma notícia que surgiu sobre... Foi em dezembro, a Catedral de *Notre Dame* e o dinheiro que vai ser necessário para reestruturar o edifício e eu peguei nessa notícia e depois criei uma aula à volta disso.

**E:** E quais são os contributos da sua disciplina?

**P4:** Em termos de formação? Em termos pessoais? Em ter profissionais? Não... Em termos profissionais, não, porque a maioria das senhoras aposentadas. Há uma ou outra senhora que, não sei se está no ativo...

**E:** A maior parte ou todos são reformados ou desempregados.

**P4:** Há, aliás, senhoras que vieram de Venezuela e possivelmente, uma vez que são mais novas, poderão estar a pensar arranjar um trabalho ou até mesmo investir, por exemplo houve uma senhora o ano passado que estava interessada em turismo rural e fez um investimento nessa área, reconstruir uma propriedade que herdou e fazer turismo rural. Ai o interesse dela na língua francesa seria para poder comunicar com os possíveis clientes. Há este lado, há por um lado os aposentados, se calhar, reviver e relembrar uma língua que foi, quando eles eram estudantes estudada e há outra situação mais pontual que sentem que o facto de estarem agora a contato com a língua francesa pode ser útil, no caso do turismo rural para os possíveis clientes, utilizar a língua francesa.

**E:** Quais são as dificuldades que a senhora sente e que os alunos sentem?

**P4:** A minha maior dificuldade foi a diversidade, porque eu sei que ali eu tenho pessoas que sabem muito bem o francês e que dominam a língua francesa, há pessoas que tem muito pouco conhecimento e há quem não tenha conhecimentos. Porque há um grupinho de 3 ou 4 pessoas que vieram de Venezuela e que não têm conhecimentos da língua francesa. Então gerir esta situação, se falar em francês eu sei que há ali um grupo que é o maior, até domina e percebe tudo o que estou a dizer enquanto há duas ou três senhoras que estão a fazer um esforço para perceber. O que eu faço nas minhas aulas em particular é utilizar muito a multimédia, a primeira coisa que faço ao chegar à aula é ligar o computador e projeto sempre um vídeo sobre... de índole mais geral, ainda na última sessão foi sobre os Alpes. A paisagem dos Alpes, o chalé de montanha, foi o ponto de partida para uma aula construída à volta de: Alpes, desportos de inverno, meteorologia, condições atmosféricas, liguei à literatura porque eu acabo sempre por fazer o seguinte atualidade, cultura, geografia, sempre relacionado com a literatura. Neste caso foi *Jacques Prévert*, um autor do século vinte, mas há os do século dezanove, já fiz *La Fontaine* século dezassete, Baudelaire outra vez século dezanove, quer dizer, um bocadinho de tudo naquela aula e finalizo, em geral, com uma música. Pode ser uma música dos anos 60, 70, que muitos deles conhecem ou às vezes até uma música mais contemporânea.

**E:** Já teve a necessidade de alterar alguma atividade que já estava preparada?

**P4:** Eu vou ser sincera e honesta, eu acho, não sei se as senhoras da Universidade Sénior vão ser entrevistadas, mas tudo, tudo, tudo o que foi planificado foi cumprido, porque a aula é programada e os tempos previstos... a coisa corre de forma fantástica, não sei se é do público que eu tenho porque eu consegui adequar a minha sessão às expectativas e a coisa corre dentro do *timing*, ou se calhar porque é experiência, é que 28 anos de serviço também... E há uma coisas que faço discretamente, sempre a controlar o meu tempo e aquelas pessoas que estão ali para aprender e querem saber, não interrompem, a coisa flui, o mesmo não acontece com os nossos alunos, os nossos jovens, em que há atividades que precisava mais de 15 minutos para realizar uma determinada tarefa e depois acaba por ser remetida para trabalho de casa ou então transita para a aula seguinte porque há aquelas interrupções que fazem constantemente, chamada de atenção, vira-te para a frente, não sei o quê, faz o registo, espera, uns já fizeram, outros estão mais atrasados e aqui isso não acontece, tudo flui, tudo corre. As vezes são as próprias dúvidas que se levantam, às vezes a nível da gramática, que exigem uma explicação que não estava prevista, mas é dois, três minutos e eu acabo depois acabo usar essa dúvida para a sessão seguinte. Ok... Eles quiseram

saber sobre, eles colocaram esta questão em relação aos determinantes possessivos, então eu hoje eu fiz uma pequena abordagem, fiz um esclarecimento breve, muito geral, na próxima sessão vou arranjar o mesmo exercício para trabalhar essa questão. Surge mas são situações pontuais mas que depois eu tiro partido para numa sessão seguinte aprofundar.

**E:** Agora passarei a questões mais relacionadas com o seu relacionamento com o professor.

**P4:** Eu não disse também que é o grupo de *facebook*.

**E:** Sim.

**P4:** Nós temos o grupo e funciona, as informações são colocadas, tanto para os alunos como para os professores. No que diz respeito por exemplo à calendarização, aos horários, às atividades e também por *e-mail*. Faz-se essa comunicação também por *e-mail* e faço a consulta do meu e-mail diariamente e a comunicação é feita de forma rápida e eficaz. Eu estou a enviar uma mensagem e já estou a receber a resposta e vice-versa. O que aconteceu, por exemplo, conosco.

**E:** Sim e agradeço por ter sido rápida na sua resposta.

**P4:** Funciona, funciona. Não fisicamente, mas à distância entramos em contacto.

**E:** Eu estou sempre com o e-mail ligado no telefone por isso... A comunicação nesta altura e ter o e-mail no telefone é fantástico para ver e-mails quando uma pessoa não vai ao computador. A outra pergunta que tenho a lhe questionar é qual é a sua relação com o coordenador neste projeto?

**P4:** Muito boa, muito boa.

**E:** E acha que essa relação que tem com o coordenador influencia o seu trabalho?

**P4:** Sem dúvida! Sem dúvida que influencia porque as coisas funcionam, estão organizadas. Quando eu tive, neste momento não, mas quando eu tive, comecei é natural alguma insegurança porque isto era um público novo, uma experiência nova. Queria muito ter esta experiência e não estou desiludida com a experiência, muito pelo contrário, ela está a exigir de mim e eu acho que estou a corresponder. Da parte do coordenado, *feed back* porque é natural que aja depois comunicação, não é? As coisas acabam... As pessoas depois acabam por comentar a performance da aula de francês ou a aula de inglês ou aula de TIC, se gostou ou não gostou, correu bem ou não correu bem e... As minhas dúvidas, as minhas inseguranças, acabei por transmitir. Depois as respostas e o apoio que fui tendo, no sentido de à muito bem, obrigado, continua, força, eles estão a gostar, está a valer a pena, eles querem, tudo isso foi excelente, a segurança... se por exemplo, ainda ontem estava a preparar a sessão de segunda-feira, eu não tenho um programa, eu não criei um programa, eu vou fazendo, como tinha dito à pouco, por temas, muitas vezes é

inspiração do momento, às vezes é uma pista que as senhoras me deram, como disse, um acontecimento e ontem eu pensei bem não aconteceu assim nada de especial, não houve um atentado, ainda bem, não houve nenhuma catástrofe, também não houve assim nada de extraordinário, o que é que eu posso fazer? Então surgiu-me, Versalhes, Luís XIV, e já andei a fazer pesquisas, vídeos, imagens, para começar a estruturar e organizar a minha aula da próxima sessão, segunda-feira. Hoje eu já estou a prever isto, mas, entretanto, há um acontecimento qualquer, imagine que há qualquer coisa de extraordinário que aconteceu, isto vai mudar e vou guardar isto que já tenho para uma outra sessão e segunda-feira até a aula pode ser diferente. É assim que eu estou a funcionar.

**E:** E qual é a relação que acha que existe entre coordenador e professores?

**P4:** Hmmm... Eu penso que é boa. eu o ano passado fiz a título voluntário. Cedi o meu tempo extra-horário para fazer esta experiência. A minha única recompensa, que é a melhor recompensa, foi o *feed back* dos alunos e do coordenador, eles estão a gostar, força. Isso para mim valia mais que outra coisa. Este ano tenho efetivamente no meu horário os tempos destinados. Eu não faço por vou ter estes tempos e vou ter menos durmas de diurno, do ensino regular, em contrapartida a Universidade Sénior não eu estou porque quero e porque gosto e eu penso que os meus colegas também estão porque gostam e porque querem. Eu acho que isso é o mais importante.

**E:** Acha que falta alguma coisa neste projeto a seu ver?

**P4:** Estou há pouco tempo. Sei que se faz hmmm... muito fora da sala de aula, o que é bom também. Na minha disciplina ainda não aconteceu, visitas de estudo.... Refere-se a quê? A termos financeiro, apoios?

**E:** No geral.

**P4:** No geral... O que falta? É assim nós temos espaço, temos condições, eu tenho, quer dizer nós temos uma sala com projetor, sem isso as minhas aulas não tinham... Eu se calhar estou a parecer um bocadinho empoadada, mas é verdade. Se não tivesse o projetor na sala de aula, ali sempre disponível, eu conseguia fazer as aulas que faço. Fotocópia??? Hmmm.... Só fotocópia? Não ia resultar, não ia ter o efeito, se calhar haveria assim um ou outra sessão em que as pessoas já iam ficar assim aborrecidas, ok isto nunca mais passa, não. Eu também tiro partido do material que tenho à minha disposição e até agora, pelo menos eu não.... Aquilo que senti sempre foi no final da aula foi o olhar e as palavras de agradecimento das senhoras, obrigada professoras

gostamos da sua aula, obrigada.... É um facto! Têm feito saídas, creio que tem sido facilitado, em termos de acesso.

**E:** Eu tenho conhecimento de algumas saídas.

**P4:** Sim, sim.

**E:** Acha que haveria alguma coisa a melhorar?

**P4:** O que se poderia melhorar? É assim, isto parte de cada um, neste momento em termos de disciplina, aquilo que estou a fazer é muito virado para mim e para os meus alunos, não seria possível melhorar, no sentido de haver uma maior cooperação entre todos, mas aí iniciativa tinha que passar também por mim, não é? Me dirigir à minha colega de português, à minha colega de inglês e fazermos algo em conjunto porque ainda não se concretizou. Talvez a esse nível, o trabalho cooperativo entre professores. Neste momento o que estou a fazer é por iniciativa minha e estou a gerir sozinha a minha aula da maneira que eu acho que está a funcionar, de acordo com o *feed back* dos alunos, de acordo com o *feed back* e a satisfação do coordenador.

**E:** Esta entrevista está a chegar ao fim, a única pergunta que agora tenho para colocar é se tem alguma coisa a acrescentar a esta entrevista?

**P4:** O que é que gostaria de dizer mais? Eu acho que este tipo de experiência e esta oportunidade, para quem está do outro lado, principalmente no lado dos alunos... É importante, não sei se eles também não gostariam de mais, eu não falo em termos de currículo, disciplina, português, inglês, italiano, matemática, eles não têm matemática, achou eu.

**E:** Não.

**P4:** Mas... ateliers, eles têm educação visual, não é?

**E:** Têm artes.

**P4:** Têm artes... Não sei, a parte... Não queria falar aqui de psicologia... Mas se calhar outras áreas mais abrangentes, filosofia. Mas isso mais as senhoras, também não sei muito o que é que elas aspiram para além de aprender, penso que elas também querem estar, conversar. Confesso que nas minhas aulas não tem havido esse espaço para nós falarmos de outras coisas para além do que tinha planificado para a aula, se calhar até estou a dizer isto e não sei se as senhoras não precisavam de um espaço mais livre para, com especialistas, psicólogos. E estou a dizer isto porque o ano passado uma senhora, acho que já não está, o marido estava com uma depressão e ele também vinha às aulas e não sei se aquelas pessoas não precisariam de outro tipo de ajuda, outro tipo de

acompanhamento que não uma aula. Penso que eles vinham não era só para aprender, eles se calhar vinham para sair numa situação de solidão, abandono, talvez, não sei.

**E:** Dou a minha entrevista como terminada, gostaria de agradecer a sua colaboração através da entrevista. Foi muito importante o seu testemunho.

**P4:** Obrigada, boa sorte.

**E:** Obrigada.

## **Apêndice 9- Transcrição da entrevista ao Professor 5**

**E:** Boa tarde, primeiro gostaria de explicar em que consiste a minha tese e para que se destina estas entrevistas. Estou tirando mestrado em Supervisão Pedagógica, mas a minha licenciatura foi Ciências da Educação. Como não consigo ser professora e só posso intervir na parte da educação não formal então resolvi juntar a parte da Universidade Sénior com Supervisão Pedagógica. O que pretendo saber é como se processa a Supervisão Pedagógica na Universidade Sénior. Agradeço desde já a sua colaboração e disponibilidade neste estudo. Esta entrevista é confidencial e os únicos dados que queria saber acerca de si são: idade, sexo e anos de carreira.

**P5:** Idade 62, sexo feminino e anos de carreira neste momento estou reformada, vim com uma pré-reforma. Sou professora voluntária aqui na escola, voluntária só na universidade sénior, o resto da escola não tenho atividades.

**E:** Qual a disciplina que leciona?

**P5:** História.

**E:** Quais são os contributos que a sua disciplina traz para esta universidade?

**P5:** Olhe isto é mais um relembrar porque a idade destas pessoas dava-se História de Portugal na 4ª classe e dava-se uma história mais ou menos completa, na 4ª classe que foi a minha 4ª classe também. Eu ao falar de uma situação qualquer da história eles automaticamente, a cabeça deles vai bem lá para trás, eles lembram-se e vejo alguma satisfação na cara deles do retornar à infância e ainda hoje, isto de falar por exemplo da monarquia, além de ser o retornar à infância, a história eles veem a história do passado a história de hoje, a história repete-se, eles próprios dizem. Por exemplo se eu for falar de um assunto qualquer do Salazar eles vão logo buscar o Paços Coelho porque eles fazem sempre a comparação. A história está sempre, sempre a se repetir e por mais que a gente estude a história para não cometer os erros do passado, a gente está sempre a cometer os erros do passado e acho piada eles fazerem o paralelo entre o que estou a dizer e a atualidade e é uma maneira de haver um dialogo porque à partida as pessoas veem para não estar em casa, vem porque tem amigas. Eu noto na aula de história, também não sei as outras, na minha aula que eles gostam, acho que eles gostam.

**E:** E quais são as suas prioridades na sua intervenção?

**P5:** Olhe prioridades, primeiro proporcionar, as pessoas veem à escola, uma atividade que eles gostam, claro que não gosto de dar uma aula, isto ainda por cima a seguir ao almoço, que a seguir as pessoas venham para aqui dormir. Então procuro, eu falo, dou material, faço um vídeo

que tenha haver com o assunto e a prioridade é fazer com que eles revivam o que está para trás, mas automaticamente como eu apanhei que eles gostam de fazer contraponto entre o passado e a atualidade é pô-los sempre a mexer e isto aqui é gratificante, a gente está falando de uma coisa, o outro vai buscar outra e depois as coisas se cruzarem e eu acho que eles sem querer estão a aprender. E essa também é a função da história e do professor.

**E:** E acha que a reação dos alunos para a sua disciplina é boa, menos boa?

**P5:** Olhe eu já estou nisto desde que a universidade foi fundada. Eu vejo aulas em que os alunos vão poucas vezes. Na minha disciplina nunca tive menos, tive uma vez menos de 12 alunos e a média é entre os 12 e 17. Embora seja uma disciplina teórica eu acho que eles gostam porque há disciplinas práticas e não sei quantos têm, a média deve ser 9/ 10 porque eles não veem todos os dias, há uns que... isto é uma universidade sénior mas isto não é só para pessoas com mais de 60 anos, nem 50 anos, nem para reformados e há pessoas que têm casa fora, no campo e gostam de ir ao fim de semana e já vão na sexta-feira e de maneira que é assim. Eu acho que na minha disciplina eles veem, 12 para mim é um número bom, 12,15, já tive 17. Também sinceramente ao todo, ao todo não sei quantos são.

**E:** 30, acho que são 30.

**P5:** 30... Eles o ano passado tinham aulas à sexta-feira, como alguns faltavam porque já era fim de semana passou para a quinta-feira, este ano as minhas aulas têm coincidido, as datas das minhas aulas têm coincidido com outras atividades, praticamente esta é a segunda aula deste ano letivo. Eu já estou aqui há 4 anos e vou vendo que o número de público é sempre mais ou menos o mesmo. Portanto quem vem não sai.

**E:** Isso é bom.

**P5:** Isso é que é bom, exatamente.

**E:** Quais são as dificuldades que sente nas aulas?

**P5:** Olhe para o professor, neste caso, é ter, como se diz, isto exige muita preparação, mesmo eu sendo professora exige preparação porque isto não é uma aula que dê aos alunos porque os alunos têm um programa, isto eu tenho de buscar vídeos, tenho de ir buscar documentos para tornar uma aula que tenha o objetivo claro de falar sobre aquele assunto mas também para prender a atenção dos alunos. E... Desculpe lá, mas qual foi a pergunta que perdi-me.

**E:** Quais as dificuldades que sente nas aulas.

**P5:** Dificuldades... Ora a nível de material não tenho dificuldades mas tenho uma coisa que é preocupação, não é dificuldade, é uma preocupação de poder falar para todos da mesma forma porque é como eu lhe digo, há alunos que têm o 7º ano, há alunos que têm a 4ª classe e há alunos e há alunos que lembram-se de uma coisa e depois derivam para outras depois tenho... Eles como se lembra da 4ª classe tão sempre a falar daquilo depois tenho uma certa dificuldade em deixá-los para trás e avançar para outra, enquanto os outros já sabem, já têm outros conhecimentos ficam assim como quem diz ela nunca mais se cala. Isso aí é um defeito meu porque, claro, também não quero, mais muito diplomaticamente, mas há pessoas que se gostam de ouvir e depois como têm aquele complexo da 4ª classe e os outros têm mais, gostam de falar daquilo que sabem, eu já estou noutra coisa e eles estão a voltar para trás a ir buscar aquilo que sabem, alguns também gostam de dar um pedacinho nas vistas que querem dizer que sabem alguma coisa e aí é preciso pôr um travãozinho, às vezes não sou eu bem, são os outros colegas a dizer que já não se está a falar nisso estamos a falar nisto.

**E:** Isso aí já entra na parte de inferiorização.

**P5:** Alguns. Alguns gostam de mostrar que ainda sabem alguma coisa.

**E:** E já foi necessário alterar atividades que tenha programado?

**P5:** Não. A única coisa que eu já alterei foi que... Eu tenho o Ipad e não tinha entradas USB e em casa tenho o computador de secretária e claro não ia comprar um portátil para trazer para aqui porque não necessito e eu estou como voluntária, mas provavelmente este será o último ano que eu estou cá e está sempre combinado de uma aluna trazer o portátil. Um dia que a aluna não trouxe e eu vi-me sem o computador, ora alterei. Foi uma aula normal que só falei, mas que os alunos também gostaram porque foi diferente das outras, porque estar aqui 1h30 só a falar e as pessoas a ouvirem é um bocado, é dose! É por isso, para prender a atenção deles estou sempre ora falo, ora estão com os papeis com os documentos que eu dou, ora estamos a ver o vídeo. Há sempre esta trilogia, eu falar, eles lerem e verem o vídeo. Quando não há computador, aí a pessoa tem de se valer da experiência, não é porque a turma é assim ou assado, é uma deficiência técnica. Alterar pelo resto não.

**E:** O que é que a levou a participar nesta universidade?

**P5:** Olhe algo muito, muito simples. Eu reformei-me antecipada porque achei que naquela altura, era uma pessoa... tinha a hipótese de me reformar com penalização mas ainda ia com algum dinheiro, levei um corte mas ia com algum dinheiro e depois pensem se não vou agora ainda estou

cá mais 10 anos e mais 10 anos já era um sofrimento porque eu já não estava a sentir que aquela vocação que tinha de ser professora, que ensinava e que os alunos aprendiam, eu já estava a gerir conflitos dentro da turma e isso não me estava a agradar de ser uma professora para gerir conflitos e burocracia e depois pensei é desta que eu vou. Sinto-me respeitada por todos, todos gostam de mim, eu não me meti em sarilhos com ninguém, portanto saiu pela porta grande, mas ao mesmo tempo pensei estarei eu preparada para ir para casa? Eu comecei pelo primeiro ciclo, com 18 anos a dar aulas e tirei o magistério, depois eu fui para a faculdade e fui fazendo... tirei o curso, tirei com magistério, na altura era diferente. Terminávamos o liceu e tínhamos uns anos de magistério e já eramos professoras a seguir, mas para ir para o segundo ciclo tínhamos de ir para a universidade e eu como naquele tempo, no 25 de abril nós andávamos pelo campo, casas sem casas de banho, a minha escola era por cima de um palheiro de vacas depois a seguir uma pessoa cansa-se a seguir disto e eu então fui para a faculdade, havia a extensão aqui na Madeira, fui tirando sim senhores, fiz mais um estágio no segundo ciclo e claro eu adorava isto, mas quando veio a altura de me reformar aos 58 anos pensei, bem se não é agora tenho de esperar mais 10 e daqui a 10 eu não quero servir de capacho, nem os pequenos dizerem que têm aulas com aquela velha e que assim e que assado então resolvi ir. Agora estar preparada para ser professora quase 40 anos e de um dia para o outro arrumar a mala? Isto ainda é a minha mala da escola e eu ainda ando com um estojo dentro da mala porque é assim que eu me sinto bem e convidaram-me, logo que sai o professor A. convidou-me para fazer parte da universidade sénior, para mim foi ouro sobre azul. Quer dizer eu estava com um pé dentro e um pé fora. Agora neste momento estou reformada vai fazer 5 anos para Novembro e também me meti em muitas atividade de voluntariado, tudo voluntariado, estou nos sem abrigo, estou em tanta coisa. Este ano eu já disse que faço o luto da escola, como já estou há 5 anos a dar aulas voluntária e como eu estou no projeto Casa Sem Abrigo também estão a querer que eu me envolva na direção e essas coisas, vai tomar bastante tempo e, portanto, este ano será o meu último ano de voluntariado na escola porque o luto está feito, em 5 anos faz-se o luto e de tanta coisa que tenho para fazer alguma tem de ficar para trás. Achei que ir para a reforma naquela altura era a altura certa e depois isto veio tirar aquela ideia, aquele pessimismo que eu tinha, toda a vida fiz isto e agora vou fechar a mala.

**E:** E agora o que é que eu vou fazer?

**P5:** E agora o que é que eu vou fazer? Antes que os neurónios, eu tive colegas com depressões, mas também eu tinha colegas que diziam, mas vais para casa fazer o quê? O que falta

é coisas para fazer, agora se as pessoas vão para casa pensar que só vão arranjar dinheiro, olha que faça voluntariado. E foi isto e neste momento é como eu digo, o luto está feito é só mais este ano que eu estou aqui.

**E:** Ainda vai voltar.

**P5:** Mas eu volto sempre. Venho à escola de oito em oito dias tomar café.

**E:** Vem sempre tomar café?

**P5:** Venho.

**E:** Acha que este projeto está bem organizado?

**P5:** Acho, acho. Muito bem organizado! Digo que isto também tem haver com o coordenador. O coordenador é uma pessoa impecável, uma pessoa flexível, mas também ele já viu que tem de ter mão de ferro em algumas coisas e tem, ele sabe levar as pessoas e cada vez há alunos que saem e há outros que entram. Depois a escola também colabora em tudo o que pode. Um dia se o coordenador muda até pode ser que dê assim, há gente aqui que está desde o início e já estão habituados a aquela maneira de ser se vem outro não sem como vai ser, mas são pessoas muito ativas, tem aqui duas ou três que movimentam isto tudo, é o carnaval, é o natal... Claro que eles gostam mais de andar por fora e andar aqui e depois vão organizando jantares. Olhe eles resolvem a vida deles muito bem.

**E:** Acha que as atividades desenvolvidas na universidade são adequadas?

**P5:** Eu acho que sim e digo-lhe uma que acho muita graça que é o programa intergeracional. Os da universidade sénior juntam-se com alunos normais numa atividade, alunos normais, alunos da escola, digamos que é os avós e os netos e até uma turma que esteja a ler um conto qualquer a universidade sénior entra e fazem uma peça de teatro desse conto, onde os alunos fazem o seu papel e os da universidade fazem os dele, eles encaixam-se perfeitamente ali e fazem uma peça teatro, eles e elas e elas e eles, portanto... E depois há alguém que vem fazer conferencias à escola para os alunos e a universidade sénior também está presente. Há atividades como o baú de leitura que são projetos da escola, os alunos entram a universidade sénior entra e agora para o mês que vem vai haver a entrega de prémios dos alunos e da universidade sénior, e ali não há conflitos nenhuns.

**E:** Costumam-se reunir com muita frequência?

**P5:** Não é reunião presencial. Redes sociais, *Messenger*, estou a elaborar o calendário, eu tenho autonomia para fazer o que eu quero, tratar os temas que eu quero, falo com eles e é isso que fazemos e depois o resto é acertar datas com o coordenador.

**E:** Como é que planeiam o ano letivo?

**P5:** Olhe o coordenador pergunta. Olhe eu antes dava duas vezes por mês, este ano estou a dar uma vez por mês. E a partir daí e ele diz estou a fazer o horário de março, o horário deste período, serve-lhe este, este, este dia? Depois eu digo sim ou não, geralmente eu digo sim. Eu faço a minha vida consoante, eu tomei este compromisso, eu faço a minha vida consoante o horário que me for dado, agora com os outros não sei. Agora comigo é assim, é para tal dia, sim. Agora porquê que eu também deixo. Eu tenho uma filha a viver em Lisboa, às vezes quero estar lá um mês inteiro e já não posso tenho de vir para cá dar a aula, são coisas assim. Mas isso do... No meu caso, eu sou voluntária e sou reformada, há outros professores que têm o horário da escola aqui a dar aulas mas isto parte tudo de um jogo de palavras entre o coordenado e o professor.

**E:** Como classifica a sua relação com o coordenador?

**P5:** Excelente!

**E:** E acha que essa relação influencia o seu trabalho aqui na universidade?

**P5:** Acho sim! Se fosse outra pessoa já tinha saído. Uma pessoa que não faz nada sem perguntar, tudo é flexível, quase que me obriga a pensar que ele é que me deve obediência e não eu a ele. Isto é tudo em relação ao coordenador! Isto funciona bem porque o coordenador é uma pessoa extremamente educada, extremamente responsável, é uma pessoa que percebe disto e isto só vai para a frente porque ele está aqui. Não que dizer que venha outro, ninguém é insubstituível, agora eu não saberia trabalhar com outra pessoa e se fosse outra pessoa já tinha dito à não agora tenho outras coisas para fazer. Eu não fui capaz de dizer que não mas já lhe disse no início do ano, isto vai ser o meu último ano. Podia chegar ao fim do ano e dizer olhe não venho mais. Por consideração já lhe disse com um ano de antecedência que ia embora no final deste ano.

**E:** Qual é o tipo de relação que existe entre professores e coordenador?

**P5:** Eu penso que as coisas estão bem porque é assim a gente não se reúne, eu nunca vim a reuniões nem acho que haja reuniões. Os professores têm no seu horário devem vir dar a aula depois há o feedback porque o professor está aqui com eles, eu como venho de fora, venho de fora não estou aqui no meio deles, que eu tivesse ouvido mal ou que alguma coisa correu mal nunca ouvi, mas também claro sou suspeita porque não estou dentro da escola sempre.

**E:** Acha que falta algo neste projeto?

**P5:** Diga.

**E:** Acha que falta algo neste projeto?

**P5:** Não, as atividades são tão variadas que eu acho que isto completa-se. A melhorar? Olhe eles próprios organizam coisas, eles são autónomos nisso. Os professores fazem visitas de estudo, tudo bem. Fomos ao museu do açúcar, isto só para dar um exemplo, fomos ao museu do açúcar e um senhor, um senhor já velhote, fez o alfenim que é o açúcar que era antigamente, no princípio do Gonçalves Zarco quando tinhas cana de açúcar aqui e o João Gonçalves Zarco era o capitão da ilha e mandava-se cardeais feitos de açúcar para as embaixadas na Europa e esse açúcar chamava-se o alfenim, era tudo moldado com a mão e mandaram 9 cardeais da altura de homens, todos feitos em açúcar. Então ele quis, nos dias de hoje é de louvar, uma pessoa que soubesse trabalhar o alfenim, que era esse tal açúcar e nós fomos ao museu do açúcar e como forma de agradecimento, o coordenador, disse que ele viesse à escola e a comunidade venezuelana já arranjou um convívio, vão fazer comida venezuelana e vão fazer não sei o quê e vão trazer para aqui e já convidaram o senhor, a mulher do senhor e pronto, já vai haver uma festa. Portanto, isto basta só uma coisinha e eles já fazem tanta coisa, eu não sei o que poderia ser diferente. Aquilo que me falam da universidade da câmara, estas coisas não acontece, eles tão muito cada um para seu lado e eles aqui formam uma comunidade.

**E:** Talvez por ser um local mais pequeno.

**P5:** Eu penso que eles encontram-se mais vezes. Têm italiano, têm português, têm arte, têm história. Eles têm tanta coisa. Eles estão aqui toda a semana, nas outras parece que eles vão muito a ioga, um pouco às outras. Eu penso que é um grupo mais disperso.

**E:** É mais disperso e também são mais, deve complicar mais.

**P5:** Não sei.

**E:** Eu sei que eles são mais que aqui e penso que depois dificulta o relacionamento.

**P5:** Sim, talvez. Eu só posso falar daquilo que eu vejo aqui e sou a pessoa que está com eles menos tempo porque como sou voluntária não tenho aquele horário rígido, tenho uma vez por mês, não ando no meio deles a meio da semana. Eu venho à quarta-feira de manhã e eles só têm aulas à tarde. Venho tomar café com as minha colegas daqui da escola mas não encontro ninguém daqui da universidade sénior e também não é assunto que vamos buscar para a mesa do café porque

as colegas, os meus colegas que ainda aqui estão, não estão na universidade sénior. Agora tenho uma belíssima relação com o C.

**E:** Eu dou esta entrevista como terminada. A única questão que tenho a fazer é se gostaria de acrescentar algo a esta entrevista.

**P5:** Não, acho uma belíssima ideia o seu mestrado. Posso dar-lhe os parabéns, que acho. Acho que era uma coisa que faltava, sim.

**E:** Obrigada.

**P5:** De resto é tudo.

**E:** Obrigada pela sua colaboração.

**P5:** De nada, boa sorte.

## Apêndice 10- Transcrição da entrevista ao Aluno 1

**E:** Esta entrevista é para a minha tese de mestrado. Estou a realizar uma investigação sobre a universidade sénior aqui da escola e desde já agradeço a sua colaboração. Antes de mais gostaria de dizer que esta entrevista é confidencial e os dados pessoais que vou pedir é o sexo, idade, habilitações literárias e se é reformado ou não.

**A1:** Sim, está bem.

**E:** Será que podia dizer o seu sexo?

**A1:** Feminino

**E:** Idade?

**A1:** Uma bebé, 71 anos.

**E:** Habilitações literárias?

**A1:** 6.º ano

**E:** É reformada?

**A1:** Aquela reforma como se diz, reforma de sobrevivência. É que eu trabalhei, mas não o suficiente para ser reformada.

**E:** A senhora está aqui há pouco tempo? Há mais ou menos quanto tempo frequenta aqui a universidade?

**A1:** Comecei ao mês passado, ainda não conheço muito aqui.

**E:** E como teve conhecimento desta universidade?

**A1:** Já fui convidada há 3 anos pelo C. Mas este ano ele convenceu-me mesmo e eu vim.

**E:** E gosta daqui da universidade?

**A1:** Gosto, estou a gostar.

**E:** E que motivos levou a frequentar aqui a universidade?

**A1:** Aguçou mais a minha vontade porque eu faço ginásio e depois houve umas coisas que eu não gostei e deixei as atividades todas e só estou aqui. Eu fazia teatro, canto, as marchas, fazíamos tanta coisa e eu estava em tudo. No carnaval, tudo o que o ginásio Sto. António fazia eu estava lá. Eu deixei todas essas atividades e fiquei só com o ginásio por enquanto e então resolvi vir para aqui, por acaso voltei a receber o convite e eu aceitei.

**E:** E quais são as suas expectativas para com esta universidade?

**A1:** Eu acho que vai ser bom para mim, tanto que vou aprender mais qualquer coisa e é uma maneira sã de eu ocupar o meu tempo.

**E:** E o que é que esta universidade trouxe de novo para a sua vida?

**A1:** Como já tenho esta idade, tenho familiares doentes e como estava chateada com o ginásio eu ficava mais dentro de casa e assim eu estou a sair e está a fazer bem. Eu estou a aprender. Estou gostando, adorando.

**E:** E o que gosta mais de fazer aqui?

**A1:** Eu adoro esta aula, italiano, adora a professora de português, a professora de francês é tão boazinha. Eu gosto de historia, mas o professor vai estar uns tempos que não pode vir e só pode vir para janeiro. Mas adorei muito essa aula, historia da madeira. Eu sei que estou a gostar.

**E:** Acha que poderia ter outras atividades fora estas que já tem?

**A1:** Bem, dentro das possibilidades, está bem organizado, dentro do tempo, das salas pelo que estou a ver não é, está bem organizado. Acho que está ocupado dentro tempo, umas pessoas e gostam outra não.

**E:** Acha esta universidade importante?

**A1:** Eu acho que sim, tudo o que seja para nos ocupar o tempo, para aprendermos. A gente está sempre aprendendo, conviver um pouco que seja é sempre importante. Eu nunca pensei que a idade que tenho de vir para aqui, não é?

**E:** nunca é tarde para aprendermos.

**A1:** Mas estou adorando, então esta de italiano eu adoro. E a de português e de história

**E:** E tem um bom relacionamento com os professores e o coordenador?

**A1:** Sim, dentro do possível, com o pouco tempo que a gente convive, não é?

**E:** E quando tem alguma dificuldade ou problemas pode falar à vontade com os professores e com o coordenador, eles ajudam?

**A1:** Sim. Há coisas que não me atrevo a dizer, também não vale a pena. La vou me por com confusões. Foi com a aula de hoje eu podia traduzir porque aquela cidade era fácil, mas eu preferi ler. O pessoal riu, eu fiquei meio eeeeeee mas deixá-los eles rir.

**E:** mas eu estou a falar mais a nível pessoal porque pode congestionar aqui na universidade, vocês não têm problema em dizer?

**A1:** Eu tenho já duas netas universitárias. Tenho uma que entrou este ano e uma que acabou o curso este ano e vai se doutorar, não é? Vai se especializar. Continuam lá. Devem estar a chegar de férias.

**E:** Acha que existe alguma coisa que poderia mudar aqui na universidade?

**A1:** Eu sendo sincera, eu ainda não tenho assim uma vivência. Aqui somos bem atendidas (bar), excelente. Os professores eu não porque não conheço todos. Não tenho assim uma grande opinião porque eu sou bebezinha aqui.

**E:** e gostaria de acrescentar algo a esta nossa pequena conversa?

**A1:** Eu convidava as pessoas a vir. Se a minha filha quisesse vir comigo eu trazia. A minha filha já tem 52 anos, mas é muito jovem, os filhos é assim. Esta desempregada e eu arranjava ela para aqui, mas ela não quer porque ela tem estudos, não é? Mas ia apurando, passava uma horinha e tal. Passou-se num instante e nem deu-se por isso. O doutor coisa é espetacular porque ele... se ele falasse só italiano não se percebia bem, eu não ia ficar com grande conhecimento agora colegas que já estão aqui há mais tempo... tem aqui uma senhora que já está há 10 anos com ele. Já o segue da outra universidade de la em baixo. E eu já podia estar a uns 3 ou 4 anos, não vim na altura...

**E:** Vai correr tudo bem

**A1:** Mas nunca é tarde para a gente aprender e para continuar.

**E:** Bem, dou por finalizada a nossa entrevista. Agradeço a sua colaboração no meu estudo.

**A1:** eu sempre participei nestas coisas, por isso já me habituei. No ginásio também fazem e eu gosto de participar foi por isso que disse logo que fazia. Boa sorte para os seus estudos.

**E:** Obrigada.

## Apêndice 11- Transcrição da entrevista ao Aluno 2

**E:** Esta entrevista é para a minha tese de mestrado. Estou a realizar uma investigação sobre a universidade sénior aqui da escola e desde já agradeço a sua colaboração. Antes de mais gostaria de dizer que esta entrevista é confidencial e os dados pessoais que vou pedir é o sexo, idade, habilitações literárias e se é reformado ou não. Será que poder-me-ia dizer o seu sexo?

**A2:** Feminino

**E:** Idade?

**A2:** 68 anos.

**E:** Habilitações literárias?

**A2:** Curso geral dos liceus, agora é o 12.º.

**E:** É reformada?

**A2:** Sim.

**E:** Há quanto tempo está a frequentar a universidade sénior?

**A2:** Desde que abriu, foi nos últimos dois anos letivos. Há 2 anos e meio vai para o terceiro.

**E:** E como teve conhecimento desta universidade?

**A2:** Através da imprensa.

**E:** E gosta de frequentar a universidade?

**A2:** Sim, muito.

**E:** E quais foram os motivos que levaram a frequentar a universidade?

**A2:** Foi as línguas. Eu já estudei línguas há muitos ano. Andei na academia de línguas. Tive as minhas línguas de italiano, espanhol, inglês, francês e como já estava um bocadinho esquecida e como isto para ocupar os meus tempos livres. Resolvi e vivo aqui perto. Resolvi descer e não estou arrependida. Está a ser bastante bom.

**E:** E quais as suas expectativas em relação à universidade?

**A2:** A universidade normalmente, nas nossas idades é uma ocupação de tempos livres. Nós vamos rever as coisas que já demos, a gente vai avivando a memória daquilo que já deu e que já estudou. E por outro lado acrescentar mais conhecimento, é óbvio, e o convívio, que está tudo interligado com a nossa atividade aqui na escola.

**E:** E o que gosta de fazer aqui, na universidade?

**A2:** Olhe gosto muito das línguas, sem dúvida. Das aulas de línguas e também de outras valências que nós temos. E praticamente o que nós demos aqui até agora tem sido sempre muito eeee... Com um nível muito bom.

**E:** Então podemos dizer que a sua disciplina favorita vai ser as línguas?

**A2:** Sim, isso e história também.

**E:** Acha que poderiam fazer outras atividades fora estas que já têm?

**A2:** Poderia mas também ia ocupar muito o nosso tempo e também nós não queremos tempo inteiros. É um bocadinho por dia.

**E:** Então acha esta universidade importante?

**A2:** Sim, para mim foi. Praticamente estava reformada a uns meses e, alias, era uma das coisas que eu dizia quando fosse para a reforma ia novamente estudar línguas e viajar. Viajar é um bocadinho menos mas as línguas, aqui, apanhei de uma assentada só.

**E:** E que tipo de relação tem com os professores e com o coordenador?

**A2:** Boa, muito boa.

**E:** E quando tem algum problema ou dificuldade podem contar com os professores e coordenador para ajudar?

**A2:** Sim, aqui a gente fala abertamente. Praticamente isto parece um todo, os professores são nossos amigos, a gente sente. São pessoas bastante acessíveis.

**E:** E quais são os aspetos positivos que esta universidade tem?

**A2:** Ocupação de um bocadinho do dia, o convívio com colegas, o conhecimento de outras pessoas e sobretudo, também, a parte cultural que nós saímos muito. Fazemos passeios e museus, eu já conheço imensas coisas desde que estou aqui na escola.

**E:** Acha que poderia sugerir algo para mudar esta universidade?

**A2:** Como está, está bom. Sugerir isso depende das possibilidades da escola. A gente também pode pedir mas a escola não tem essas possibilidades, não é?

**E:** Sim, está certo. E gostaria de acrescentar algo a esta pequena conversa que tivemos?

**A2:** Não, está tudo bem.

**E:** Então gostaria de, mais uma vez, agradecer por participar no meu estudo e dar o seu testemunho.

**A2:** De nada. Desejo boa sorte.

## Apêndice 12- Transcrição da entrevista ao Aluno 3

**E:** Esta entrevista é para a minha tese de mestrado. Estou a realizar uma investigação sobre a universidade sénior aqui da escola e desde já agradeço a sua colaboração. Antes de mais gostaria de dizer que esta entrevista é confidencial e os dados pessoais que vou pedir é o sexo, idade, habilitações literárias e se é reformado ou não. Será que poder-me-ia dizer o seu sexo?

**A3:** Feminino.

**E:** Idade?

**A3:** 64.

**E:** Habilitações literárias?

**A3:** Atual 12.º ano, antigo 7.º ano dos liceus.

**E:** É reformada?

**A3:** Sou.

**E:** Há quanto tempo está a frequentar a universidade?

**A3:** Desde a sua abertura. Desde 2015.

**E:** E como teve conhecimento desta universidade?

**A3:** Através de um professor que era meu amigo, encontrei-o no café. Eu andava a procura de mais qualquer coisa para fazer, tinha reformado há 6 meses e ele disse: ah vai abrir ali uma universidade. Então foi uma semana depois de abrir vim aqui inscrever-me.

**E:** E gosta de frequentar a universidade?

**A3:** Sim, daí nunca ter desistido.

**E:** Quais foram os motivos que levaram a frequentar esta universidade?

**A3:** Eu vim primeiro à procura daquilo que me fazia mais falta que era a língua italiana que nunca tinha aprendido e artes, que era uma coisa que eu gostava e não tinha tido tempo para aprender. Mas depois por entusiasmo das colegas acabei por frequentar praticamente todas as aulas.

**E:** E quais são as suas expectativas em relação a esta universidade?

**A3:** É um bocadinho de tudo, ou seja, aprender, integrar-me num grupo de amigos que têm a minha idade e depois também uma coisa que aprendi é que a partir daqui posso ir para outros mundos que estava fora do meu alcance. Como por exemplo aqui, estamos na escola, temos alunos de cá para lá, temos professores que nos dão aulas e que são do quadro escolar, estão perfeitamente atualizados o que não acontece, pelo que sei, com as outras universidades. Normalmente os

professores são reformados ou de outras áreas até e aqui há sempre professores do quadro que é uma mais valia, têm as últimas informações e isso é importante. Depois também todos eles estão ligados a outros projetos e uma coisa leva a outra, se uma de artes vai ser com o professor que faz teatro, eu já vou ao teatro. Há aulas que nos levam ao teatro, a exposições, a concertos de música, abriu muito o meu mundo a outras ligações.

**E:** Então o que pode dizer que esta universidade trouxe para si?

**A3:** Para mim trouxe, realmente, uma abertura maior a tudo o que existe, muita cultura e conhecimento na ilha e fora. Dá muito mais prazer ir a locais que eu passava, quando trabalhava, que me passavam despercebidos. Apurou-me os sentidos digamos, estou muito mais aberta a tudo o que existe na área do conhecimento e cultural.

**E:** E o que é que gosta mais de fazer nesta universidade?

**A3:** É difícil porque as minhas preferidas são italiano, história e as artes, portanto não há propriamente a que gosto mais. Estas 3 são muito importantes para mim e depois há o convívio, as amizades que se criam, tudo assim uma roda que não para. Depois também é muito importante para mim, que é uma coisa que eu senti muito quando fui para casa, que foi uma passagem brusca, de uma forma que uma pessoa fica em casa e o que vai fazer agora. Quando se tá a trabalhar parece que temos muitas coisa para fazer mas não é bem assim. Uma pessoa de rotinas e gosto de ter objetivos definidos porque se me disserem à levanta-te e vai aquela exposição sou capaz de não ir mas se for a escola que me incentivou a fazer alguma coisa mais eu vou com mais vontade e com objetivo também. Para mim partilhar os conhecimentos com os colegas, as aulas, é tudo uma roda viva em que eu me sinto muito mais viva.

**E:** Acha que poderiam fazer outras atividades, fora as que fazem aqui?

**A3:** Não, não dá. Porque estas já são o suficiente para nos manter super ocupados, aliás, nem todos podem vir a todas as aulas pois também têm as suas coisas particulares. Eu por acaso venho a todas porque eu não tinha outra atividade fora da minha vida pessoal e isto completa-me. Portanto mais atividades acho que não, já temos bastantes.

**E:** E que tipo de relacionamento tem com os professores e com o coordenador?

**A3:** Eu? Muito bom! Sou uma pessoa que faço imenso socialismo e daí como posso ser eu, sinto bem, confortável. Tenho amizade com muitos professores fora aula, ou seja, já vou a eventos com alguns professores ou promovidos pelos professores que não têm haver com o contexto aula porque a pessoa se tem... tá numa relação professor aluno e está atento aquilo que ele transmite...

vê os interesses dele, se ele nos motiva poderá nos levar a fazer outras coisas e daí já fui a eventos que não fui propriamente o coordenador que estabeleceu mas que eu acho interessante e fui por minha conta porque aquele professor ou foi ou me convidou para ir. Já aconteceu.

**E:** E se houver algum problema ou dificuldade fora do contexto escolar ou dentro do contexto escolar, vocês não têm qualquer problema em falar, com professores e com o coordenador?

**A3:** Não. Eles ajudam sempre.

**E:** E quais são os aspetos positivos desta universidade?

**A3:** Fora as coisas que já disse, acho que o positivo mesmo é estar integrado no ensino oficial... até ao 12.º ano... E nós, comparando com outras universidades, há aqui um... muito mais facilidade, estamos muito mais ligados a estrutura da escola, nós participamos em tudo, estamos livres a ir a tudo o que a escola faz... ir à biblioteca... há palestras e nós podemos vir, há sessões de esclarecimento de isto ou aquilo e nós podemos beneficiar de tudo o que a escola nos dá. Se fosse outra universidade que resumia só a um campo ou espaço, era muito aquilo e aqui temos muitas coisas. E daí isso é o que mais me alegra. Eu gosto muito de jovens, as minhas filhas são jovens, e ver uma coisa que já estava um pouco esquecida deste movimento de jovens e de os professores que nos falam dos nossos alunos, acho que isso, esta universidade, terá mais valor por estar inserida numa escola.

**E:** E acha que poderia haver algo a melhorar nesta universidade?

**A3:** Neste momento eu não espero mais. Neste momento eu estou satisfeita não vejo mais. Temos aulas aqui como saímos. Acho que para mim e para a maioria dos colegas é suficiente.

**E:** Gostaria de acrescentar algo à nossa conversa?

**A3:** Sim, que mudou a minha vida e a maneira como vivia, ou seja, quando eu trabalhava, tinha um trabalho que era bastante intenso e deixava pouco tempo livre. Se eu estivesse a trabalhar não poderia fazer isto mas se viesse para casa e não tivesse vindo para cá eu certamente que iria estar mais triste porque para chegar aos sítios que pretendia não iria chegar tao rápido como aqui. Passava no teatro municipal e via aquelas pessoas e pensava porquê? Aqui só vai umas pessoas. Fiquei muito mais desperta para pensar eu posso estar em qualquer lugar como qualquer pessoa, posso não saber tanto de cultura ou de outra coisa mas tenho a necessidade de ir e vou. Eu posso ir ao teatro sozinha pode não ir mais ninguém dos colegas mas vou sozinha sem problema nenhum,

quando que antes não fazia isso. Portanto deixou-me mais liberta para fazer o que gosto mesmo, mais aberta.

**E:** Mais aberta ao mundo?

**A3:** Sim, mais aberta ao mundo.

**E:** Bem, dou por finalizada a nossa conversa. Agradeço a sua colaboração no meu trabalho

**A3:** Agradeço, espero que corra bem o seu trabalho. Penso que vai continuar para o ano?

**E:** Sim, ainda vai ver-me para o ano. Tenho algumas entrevistas para fazer.

**A3:** Está bem, vemo-nos para o ano. Adeus.

### Apêndice 13- Análise de conteúdo das entrevistas aos alunos

| <b>Categoria</b>                                    | <b>Indicadores</b>                               | <b>Alunos</b>  |
|---|--|--|
| <b>Tempo de frequência na universidade</b>          | Inscrição na universidade no presente ano letivo | “Comecei ao mês passado...” – A1   |
|   | Frequenta a universidade desde a sua fundação    | “Desde que abriu (...) Há dois anos e meio, vai para o terceiro” – A2<br>“Desde a sua abertura” – A3   |
| <b>Descoberta do projeto da Universidade Sénior</b> | Convite do coordenador                           | “Já fui convidada há 3 anos pelo Dr. A. C.” – A1   |
|   | Meios de comunicação                             | “Através da imprensa” - A2   |
|   | Amigos   | “Através de um professor que era amigo meu”- A3  |
| <b>Gosto pela universidade</b>                      | Apreciação positiva em relação à universidade    | “Gosto, estou a gostar.” – A1<br>“Sim, muito” - A2<br>“Não estou arrependida, está a ser bastante bom” – A2<br>“Sim, daí nunca ter desistido” - A3 |
| <b>Expetativas para com a universidade</b>          | Novas aprendizagens                              | “Vou aprender mais qualquer coisa” – A1<br>“Acrescentar conhecimento” – A2<br>“Aprender” – A3  |
|   | Ocupação do tempo livre                          | “Uma maneira sã de eu ocupar o meu tempo” - A1   |

|   |                                    |   |
|---|------------------------------------|---|
|   |                                    | “É uma ocupação de tempos livres” – A2  |
|   | Integração na sociedade            | “Integrar-me num grupo de amigos”- A3   |
|   | Revisão aprendizagens              | “Rever as coisas que já demos, a gente vai avivando a memória” – A2   |
|   | Socialização                       | “e o convívio, que está tudo interligado com a nossa atividade” – A2  |
| <b>Motivos para a participação na universidade sénior</b> | Desejo de aumentar o conhecimento  | “a gente está sempre a aprender” – A1<br>“aprender” - A2<br>“vim à procura daquilo que me fazia falta que era a língua italiana” – A3 |
|   | Despertou o aluno para a cultura   | “Estou mais aberta ao mundo” – A3<br>“Deixou-me mais liberta para fazer o que gosto mesmo” – A3                                       |
|   | Incerteza após a vida profissional | “Praticamente estava reformada a uns meses” – A2<br>“Eu nunca pensei que a idade que tenho de vir para aqui” – A1                     |
|   | Ocupação do tempo livre            | “ocupamos o nosso tempo” – A1   |
|   | Fuga ao isolamento                 | “eu estou a sair e está a fazer bem” – A1   |

|  |  |   |
|--|--|---|
|  | Problemas familiares   | “ Como já tenho esta idade, tenho familiares doentes” – A1  |
| <b>Importância da Universidade no mundo sénior</b> | Apreciação positiva em relação à importância da universidade | “Eu acho que sim” - A1<br>“Sim, para mim foi.” – A2<br>“Sim...”- A3   |
| <b>Preferências dos alunos da universidade</b>     | Línguas  | “Estou adorando italiano” – A1<br>“São as línguas” – A2<br>“Aprendi uma nova língua, que é o italiano” – A2<br>“Olhe eu gosto muito das línguas” – A3 |
|  | Português  | “A de Português”- A1  |
|  | História   | “Também adoro a aula de História” – A1<br>“Gosto de história” – A2<br>“História” – A3   |
|  | Artes  | “artes” – A3  |
|  | Convívio com os alunos e professores                         | “Depois há o convívio” – A3   |
|  | Amizade  | “E a amizade” – A3  |
|  | Partilha de conhecimento com o próximo                       | “partilhar conhecimentos com os colegas” – A3   |
|  | <b>Relação entre professor-coordenador-aluno</b>             | Bom relacionamento entre professor- coordenador- aluno  |

|   |  |  |
|---|--|--|
|   |  | <p>“O Doutor coisa é espetacular” – A1</p> <p>“Boa, muito boa.” – A2</p> <p>“Eu? Muito bom! (...)”</p> <p>Tenho amizade com muitos professores fora das aulas”</p> <p>- A3</p> <p>“os professores são nossos amigos, a gente sente” – A2</p> <p>“São pessoas bastante acessíveis” – A2</p> <p>“se eles nos motiva poderá nos levar a fazer outras coisas” – A3</p> |
|   | O aluno pode contar com o apoio de todos para a resolução de problemas | <p>“Sim, posso falar com ele” – A1</p> <p>“Sim, aqui a gente fala abertamente” – A2</p> <p>“Os professores ajudam sempre.” – A3</p>  |
| <b>Aspetos positivos da universidade sénior</b> | Novas aprendizagens  | <p>“Eu estou a aprender” – A1</p> <p>“A gente aprende muito com os professores” – A1</p> <p>“Conhecimento de outra pessoas” – A2</p>   |
|   | Ocupação do tempo livre  | <p>“Ocupamos o nosso tempo” – A1</p> <p>“Ocupação de um bocadinho do dia” – A2</p>   |
|   | Convívio   | <p>“Nós convivemos” - A1</p> <p>“Estou a conviver” – A2</p>  |

|                           |   |  |
|---------------------------|---|--|
|                           |   | <p>“Nós convivemos” – A2</p> <p>“Convívio com colegas” – A2</p>  |
|                           | Integração no ensino                          | <p>“estar integrado no ensino oficial” – A3</p> <p>“estamos muito mais ligados à estrutura a escola” – A3</p>  |
|                           | Fuga à solidão                                | <p>“Eu ficava mais dentro de casa” – A1</p> <p>“passamos o nosso tempo a aprender em vez de estarmos em casa” – A1</p> <p>“mudou a minha vida e a maneira como vivia” – A3</p> |
|                           | Aumento do conhecimento cultural              | <p>“Uma abertura maior a tudo o que existe” – A3</p> <p>“Eu posso estar em qualquer lugar como qualquer pessoa” – A3</p>   |
|                           | Contacto com os jovens                        | <p>“Já estava esquecida deste movimento de jovens” – A3</p>  |
| <b>Aspetos a melhorar</b> | Sem opinião em relação aos aspetos a melhorar | <p>“Não tenho assim uma grande opinião porque eu sou bebezinha aqui.” – A1</p>   |
|                           | Ausência de melhorias na universidade         | <p>“Acho que está ocupado dentro do tempo” – A1</p> <p>“Como está, está bom” – A2</p>  |

|                 |                                |   |
|-----------------|--------------------------------|---|
|                 |                                | <p>“Sugerir, isso depende das possibilidades da escola”</p> <p>“Neste momento eu não espero mais” – A3</p> <p>“Neste momento eu estou satisfeita” – A3</p>  |
| <b>Sugestão</b> | Sem alterações na universidade | <p>“Dentro das possibilidades está bem organizados” – A1</p> <p>“Poderia, mas também ia ocupar muito o nosso tempo” – A2</p> <p>“Nós não queremos tempo inteiro. É um bocadinho por dia” – A2</p> <p>“Não, não dá, porque estas já são o suficiente para nos manter super ocupados” - A3</p> <p>“nem todos podem vir a todas as aulas pois também têm as suas coisas particulares” – A3</p> |

### Apêndice 14- Análise de conteúdo das entrevistas aos professores

| <b>Categoria</b>                          | <b>Indicadores</b>                  | <b>Professores</b>  |
|---|-------------------------------------|---|
| <b>Razão para participar no projeto</b>   | Convite por parte do coordenador    | “Foi um convite do coordenador” – P1<br>“teve bastante peso, foi a minha amizade pelo professor A.C” – P2<br>“Para já foi um convite, um convite pessoal” – P4<br>“O professor A. convidou-me para fazer parte da universidade sénior” – P5 |
|   | Experiência profissional            | “Experiência” – P3<br>“Querer uma experiência diferente” – P4   |
|   | Desafio profissional                | “Achei que seria um bom desafio” – P2   |
|   | Fuga à reforma                      | “Eu reformei antecipadamente” – P5  |
| <b>Disciplinas da universidade sénior</b> | Baú da leitura                      | “Eu sou dinamizadora do projeto, o baú da leitura” – P1   |
|   | Inglês                              | “Eu leciono inglês” – P2  |
|   | Informática                         | “Informática” – P3  |
|   | Francês                             | “Francês” – P4  |
|   | História                            | “História” – P5   |
| <b>Contributos das disciplinas</b>        | Novos conhecimentos                 | Os conhecimentos” – P1  |
|   | Colocar em prática os conhecimentos | “Praticar e manter e há outros que querem aprender” – P2  |

|   |  |  |
|---|--|--|
|   | Contacto com a sociedade   | <p>“Estão mais em contacto com a sociedade de hoje” – P3</p> <p>“Conseguirem perceber mais a juventude” – P3</p>                                       |
|   | Auxilia na procura do trabalho                                     | “Arranjar trabalho ou até mesmo investir” – P4   |
|   | Recordação de aprendizagens antigas                                | <p>“Relembrar uma língua” – P4</p> <p>“Olhe isto é mais um relembrar”- P5</p>  |
| <b>Reações dos alunos para com a disciplina</b> | Apreciação positiva pelos alunos acerca das disciplinas lecionadas | <p>“As pessoas, eu acho que gostam, principalmente quando é para saídas” – P1</p> <p>“Os alunos gostam muito” - P2</p> <p>“Eu acho que gostam”- P5</p> |
|   | Grau de dificuldade dos alunos                                     | <p>“Alguns de extrema dificuldade” – P3</p> <p>“Alguns têm muita dificuldade” – P4</p>   |
|   | Lembrança de aprendizagens   | “Os outros estão ali para relembrar” – P4  |
|   | Sentimento de exclusão por parte dos alunos                        | “Aqueles que sentem dificuldade sentem-se um bocadinho posto de lado” – P3   |
|   | Divertimento   | “Outros estão lá para se divertir” – P3  |
| <b>Dificuldades sentidas pelo professor</b>     | Inexistência de dificuldades                                       | “Não tenho muitas dificuldades” – P1   |

|  |   |  |
|--|---|--|
|  | Múltiplos níveis de conhecimento          | <p>“Os níveis são muito disparos” – P2</p> <p>“É a disparidade de alunos” – P3</p> <p>“A minha maior dificuldade foi a diversidade” - P4</p> <p>“Há alunos que têm o 7.º ano, há alunos que têm a 4.ª classe” – P5</p> |
|  | Melhores instalações para a universidade  | “As instalações podiam ser melhores” – P3  |
|  | Melhores horários para os professores     | “Melhor horário” – P3  |
|  | Assiduidade do aluno                      | <p>“Não ter sempre os mesmos” – P3</p> <p>“É pena os alunos não venham regularmente às atividades” – P3</p> <p>“Nunca temos o mesmo número de alunos dentro da sala” – P3</p>  |
|  | Necessidade de modificação das atividades | <p>“No meu caso não” – P1</p> <p>“Às vezes sim” – P2</p> <p>“Sim, principalmente no primeiro ano que tive” – P3</p> <p>“tudo o que foi planificado foi cumprido” – P4</p> <p>“Não” – P5</p>                            |
|  | Preparação do professor                   | “Exige muita preparação” – P5  |

|   |  |   |
|---|--|---|
|   | Entrada de novos alunos                                | “quando chego à sala de aula e tenho 5 ou 6 alunos novos que não pertenciam ao grupo inicial” – P2                          |
| <b>Prioridades na intervenção na sala de aula</b> | Interligação com a disciplina                          | “Portanto em primeiro lugar é em relação ao projeto” – P1<br>“Gosto por ler, o gosto do livro” – P1                         |
|   | Novas aprendizagens                                    | “A minha prioridade é que todos aprendam” – P2<br>“Primeiro saberem a iniciação” – P3<br>“Primeiro que todos aprendam” – P4 |
|   | Bem-estar dos alunos                                   | “o bem-estar das pessoas” – P1  |
|   | Recordação dos ensinamentos                            | “Há o relembrar a língua que muitos já deram” – P4  |
|   | Desejo de oferecer aos alunos uma atividade que gostem | “Proporcionar, às pessoas que veem à escola, uma atividade que eles gostam” – P5  |
| <b>Planeamento do ano</b>                         | Épocas do ano  | “O que faço é usar a época com tema” – P1<br>“É geralmente por temas que tem a ver com a atualidade” – P4                   |
|   | Reunião com o coordenador                              | “Nós tivemos uma reunião, cerca de 5 horas para planear o ano letivo” – P2  |

|  |                                     |  |
|--|-------------------------------------|--|
|  | Elaboração de inquéritos aos alunos | “Faço o inquérito e dou hipóteses de qual os temas a abordar” – P3   |
|  | Foi um pedido do coordenador        | “Olhe o coordenador pergunta” – P5   |
| <b>Reunião entre professor e o coordenador</b> | Existe reuniões                     | <p>“Só quando existe alguma dúvida ou questão” – P1</p> <p>“Nós reunimo-nos sim” – P2</p> <p>“Reúno-me semanalmente mas é para outro projeto que estou a fazer no <i>site</i> da universidade” – P3</p> <p>“No meu primeiro ano (...) encontrávamos frequentemente” – P4</p> |
|  | Inexistência de reuniões            | <p>“Neste momento por se calhar, incompatibilidade de horários não tem havido esses encontros” – P4</p> <p>“Eu nunca vim a reuniões, nem acho que haja reuniões” – P5</p>  |
|  | Frequência das reuniões             | <p>“Nós reunimo-nos com bastante frequência” – P2</p> <p>“No ano passado (...) encontrávamos frequentemente” – P4</p>  |
|  | Temas abordados nas reuniões        | “tem haver com o que vamos fazer nas aulas, com  |

|                             |                    |   |
|-----------------------------|--------------------|---|
|                             |                    | <p>o programa, com as atividades, com os interesses dos alunos, é mais isso” – P2</p> <p>“No ano passado (...) acabávamos por conversar sobre o que estava a fazer, o que pensava fazer, concordava” – P4</p>   |
|                             | Tipo de reunião    | <p>“O resto é por comunicação por <i>e-mail</i> ou <i>facebook</i>” – P3</p> <p>“Nós temos o grupo (<i>facebook</i>) e funciona, as informações são colocadas, tanto para os alunos como para os professores” – P4</p> <p>“No que diz respeito à calendarização, aos horários, às atividades é também por <i>e-mail</i>” – P4</p> <p>“Faz-se essa comunicação também por <i>e-mail</i>” – P4</p> <p>“Não é reunião presencial. Redes sociais, Messenger” – P5</p> |
| <b>Papel do coordenador</b> | Coordena o projeto | “Ele consegue coordenar” – P1   |
|                             | Organiza o projeto | “Consegue organizar as coisas” – P1   |

|  |                                   |   |
|--|-----------------------------------|---|
|  |                                   | <p>“Organizar o currículo de maneira a chegar mais perto deles” – P3</p> <p>“Organiza o projeto para que tudo corra bem” – P4</p>   |
|  | Dinamização de atividades         | “Dinamizar atividades” – P3   |
|  | Ajuda o professor                 | <p>“Se tivermos dúvidas ele ajuda-nos” – P1</p> <p>“Ele está lá sempre” – P1</p> <p>“Ajuda-nos com as atividades” – P4</p>  |
|  | Suporte de todo o projeto         | <p>“É que dá corpo a este projeto” – P2</p> <p>“É o grande alicerce deste projeto” – P2</p>   |
| <b>Relação entre o professor e o coordenador</b> | Boa relação coordenador-professor | <p>“Ótima! Excelente!” – P1</p> <p>“Existe uma relação boa” – P1</p> <p>“Gosto do coordenador” – P1</p> <p>“É uma relação de grande confiança, de amizade e colaboração” – P2</p> <p>“Acho que existe uma relação de proximidade” – P2</p> <p>“É uma pessoa muito acessível, muito aberto, muito franco” – P2</p> |

|  |  |  |
|--|--|--|
|  |  | <p>“O A. está a desempenhar um excelente trabalho” – P2</p> <p>“Colegas de trabalho” – P3</p> <p>“Existe uma relação boa” – P3</p> <p>“Muito boa, muito boa” – P4</p> <p>“Eu penso que é boa” – P4</p> <p>“Excelente” – P5</p> <p>“Eu penso que as coisas estão bem” – P5</p> <p>“O coordenador é uma pessoa impecável, uma pessoa flexível” – P5</p> <p>“É uma pessoa extremamente educada, extremamente responsável, é uma pessoa que percebe disto” – P5</p> <p>“Tenho uma belíssima relação com o professor A.” – P5</p> |
|  | <p>Influencia do coordenador no trabalho dos professores</p> | <p>“Influencia positivamente” – P1</p> <p>“É assim, influência positivamente” – P2</p> <p>“Não, ele apoia-me imenso, sempre que eu tenho uma dúvida ele está</p>   |

|                               |                                       |   |
|-------------------------------|---------------------------------------|---|
|                               |                                       | <p>sempre disponível por isso não influência” – P3</p> <p>“Sem dúvida que influência” – P4</p> <p>“O <i>feedback</i> e a satisfação do coordenador” – P4</p> <p>“Acho sim! Se fosse outra pessoa já tinha saído” – P5</p> |
| <b>Organização do projeto</b> | Boa organização                       | <p>“Acho que sim” – P1</p> <p>“Eu acho que está muito bem organizado” – P2</p> <p>“Sim, está” – P3</p> <p>“Sim e acho que as disciplinas foram chegando” – P4</p> <p>“Acho, acho. Muito bem organizado” – P5</p>          |
|                               | Atividades adequadas à terceira idade | <p>“Eu acho que sim” – P1</p> <p>“Eu quero pensar que sim” – P2</p> <p>“Penso que sim” – P3</p> <p>“Sim, acho que estão” – P4</p> <p>“Eu acho que sim” – P5</p>   |
| <b>Aspetos a melhorar</b>     | Não sabe onde melhorar                | <p>“Deve faltar mas em todos os projetos há sempre alguma coisa que falta” – P1</p>   |
|                               | Existe aspetos a melhor               | <p>“Acho que melhorar há sempre. Acho que estagnar não podemos estagnar” – P2</p>   |

|  |                                 |  |
|--|---------------------------------|--|
|  |                                 | “Há sempre melhorias” – P3   |
|  | Não existe aspetos a melhorar   | “Para mim acho que não. Para mim está bom” – P1<br>“Assim que existe uma lacuna que eu possa especificar, não sinto” – P2<br>“É assim nós temos espaço, temos condições, eu tenho” – P4<br>“Não, as atividades são tão variadas que eu acho que isto completa-se” – P5 |
|  | Sugestão de possíveis melhorias | “Haver uma maior cooperação entre todos” – P4<br>“O trabalho cooperativo entre professores” – P4<br>“Outras áreas mais abrangentes” – P4<br>“ Não sei se as senhoras não precisavam de um espaço mais livre para com especialistas” – P4                               |
| <b>Importância da universidade sénior na vida dos idosos</b> | Uma mais-valia                  | “É uma mais-valia para as pessoas que têm idade mais avançada” – P1  |
|  | Diversidade de atividades       | “Podem participar em várias atividades” – P1   |

|  |                               |  |
|--|-------------------------------|--|
|  |                               |  |
|  | Solidariedade                 | “São pessoas que gostam de ajudar” – P1                                      |
|  | Isolamento, solidão, abandono | “Vinhã para sair de uma situação de solidão, abandono, talvez, não sei” – P4 |

### Apêndice 15- Análise de conteúdo da entrevista ao coordenador

| <b>Categorias</b>           | <b>Indicadores</b>                | <b>Coordenador</b>  |
|-----------------------------|-----------------------------------|---|
| <b>Origem do projeto</b>    | Experiência profissional anterior | <p>“O concelho executivo, falou comigo no sentido de... se eu estava interessado”</p> <p>“Eu implementei a primeira universidade sénior da Região Autónoma da Madeira”</p> <p>“Já tinha experiência”</p> <p>“No fundo adaptei o projeto que já tinha feito a uma realidade diferente”</p> |
|                             | Convite do conselho executivo     | <p>“Perguntou-me se eu queria criar aqui o projeto”</p> <p>“É a primeira universidade a nível nacional porque o presidente veio falar comigo”</p>   |
| <b>Objetivos do projeto</b> | Socialização                      | <p>“Um bocadinho de socialização”</p> <p>“A socialização é muito importante para estas pessoas não estarem sozinhas”</p>  |
|                             | Fuga ao isolamento                | <p>“Não se isolarem, para não ficarem depressivas, não se sentirem só”</p>  |

|                                 |  |   |
|---------------------------------|--|---|
|                                 | Educação ao longo da vida              | <p>“Primeiro que a informação seja ao longo da vida”</p> <p>“Proporcionar alguns conhecimentos para que o cérebro não pare”</p> <p>“É um projeto pedagógico e social”</p>   |
|                                 | Prevenção de doenças na terceira idade | <p>“Tinha uma grande depressão e veio cá pedir se podia se inscrever”</p>   |
| <b>Funcionamento do projeto</b> | Horário escolar                        | <p>“O horário é feito mensalmente, conforme a disponibilidade dos professores e depois é afixado no placard”</p> <p>“Funcionar numa hora, 3 às 5”</p> <p>“Foi feito a hora que mais lhes agrada”</p> <p>“Eles entram às 15h10, saem às 16h35 ou 16h40, à exceção da informática que é duas ou três vezes por mês”</p> <p>“É à quarta-feira depois às 5h é a aula de informática, é a única exceção”</p> <p>“No início do projeto (...), eles tinham aulas de segunda à sexta”</p> |

|  |  |   |
|--|--|---|
|  |  | <p>“Então tínhamos segunda português, terça inglês, quarta italiano e quinta e sexta oficinas de formação”</p> <p>“A programação nunca é única, é adaptada na sala”</p> <p>“No final do ano passado, é feita uma avaliação e inquéritos, eles preencheram esses inquéritos”</p> <p>“Eles na grande maioria, não todos, mas a grande maioria disse que não queria ter aulas à sexta-feira”</p> <p>“Este ano só temos aulas de segunda à quinta a pedido dos alunos”</p> <p>“Fez com que eu reformulasse a programação, no sentido que não pode haver oficinas de formação e passou a ser feita mensalmente”</p> <p>“A programação é estabelecida mensalmente, neste momento, segunda à quinta-feira”</p> |
|--|--|---|

|  |  |   |
|--|--|---|
|  |  | <p>“à segunda-feira têm português de quinze em quinze dias e francês, uma semana português e a outra francês”</p> <p>“Eles escolheram porque acharam o inglês, talvez uma língua universal”</p> <p>“O italiano acharam uma língua bonita”</p> <p>“Quinta-feira têm artes”</p> <p>“De vez em quando eles não têm a aula habitual, para encaixar lá um projeto”</p> <p>“Há uma coisa que mudou este ano, eles na última semana de aulas e na primeira não querem ter aulas tradicionais”</p> <p>“O ano letivo aqui, para eles, começa dia 1 de outubro e termina dia 30 de junho, as férias iguais à dos outros alunos”</p> <p>“Eles estão a ter história da Madeira uma vez por mês e é à quarta”</p> <p>“Eles têm artes à quinta mas um dia por mês têm história geral”</p> |
|--|--|---|

|                |  |   |
|----------------|--|---|
|                | Disciplinas lecionadas na universidade             | <p>“Não são obrigados a frequentar todas as disciplinas”</p> <p>“Eles podem inscrever só naquelas que gostam”</p> <p>“Português, inglês, francês, história, italiano, artes, informática e as oficinas de formação (projetos da escola)”</p>    |
|                | Recursos disponíveis na universidade               | <p>“Nós aqui temos professores, temos laboratórios, temos salas específicas, temos material humana e físicos”</p> <p>“Tem mais possibilidade até de variar o leque de disciplinas, de fazermos experiências laboratoriais se quisermos” - C</p> |
|                | Quantidade de alunos que frequentam a universidade | <p>“Neste momento são 30 ou 31”</p> <p>“É essencialmente para pessoas a partir dos 55 anos, nós pomos 55 mas o objetivo é mais 70”</p>  |
| <b>Seleção</b> | Origem das disciplinas                             | <p>“Eu trazia a experiência anterior e sugeri-lhes as disciplinas que eu sei que ia agradar à maioria”</p>  |

|  |                                    |   |
|--|------------------------------------|---|
|  |                                    | <p>“As disciplinas aqui têm a ver com os interesses dos alunos”</p>   |
|  | <p>Importância das disciplinas</p> | <p>“Eles também exigem alguma afetividade, se não for reunidas estas condições eles não se interessam e não vão”</p> <p>“Eles inscrevem-se apenas naquelas disciplinas que realmente lhes interessa”</p>  |
|  | <p>Seleção dos professores</p>     | <p>“Nós também funcionamos com professores que dão aulas em regime de voluntario”</p> <p>“A maioria dos professores são professores da escola, mas há professores que já foram professores da escola que se aposentaram”</p> <p>“Eu seleciono sempre propondo ao conselho executivo”</p> <p>“Portanto o conselho executivo é que tem a última palavra”</p> <p>“Tem de ser um professor do ponto de vista pedagógico com determinadas características e do ponto</p> |

|  |   |   |
|--|---|---|
|  |   | de vista científico com o conhecimento científico”  |
| <b>Planeamento do ano letivo</b>             | Elaboração de uma reunião anual               | “No início do ano fazemos uma reunião e depois são elaborados horários mensalmente conforme a disponibilidade dos professores”  |
|  | Autorização do concelho executivo             | “As visitas de estudo o professor fala comigo e depois pedimos autorização primeiro ao concelho executivo”  |
| <b>Atividades realizadas na universidade</b> | Tipo de atividades realizadas na universidade | “Nós temos as aulas, temos os projetos da escola e as visitas de estudo”<br>“Eles sabem que não reprovam e, portanto, se a atividade não lhes interessa e se não são motivados pura e simplesmente não vão” |
|  | Programação das atividades                    | “Às vezes é preciso a opinião deles”<br>“Depois funciona o sistema de dedo no ar, quer vota sim, não quer vota não, chegamos á conclusão, a maioria decidiu e fica decidido”                                |

|                                   |   |  |
|-----------------------------------|---|--|
| <b>Reunião com os professores</b> | Regularidade das reuniões                   | <p>“eu não os obrigo a reuniões informais porque eles já têm”</p> <p>“No início do ano eles são convidados a irem a uma reunião de início do ano”</p> <p>“Ao longo de toda a semana eu tenho horas que recebo alunos ou recebo professores”</p> <p>“Muitas vezes marcamos uns encontros quando o professor acha necessário”</p>  |
|                                   | Comunicação entre coordenador e professores | <p>“O meu telemóvel está à disposição deles”</p> <p>“O <i>e-mail</i> está à disposição deles”</p> <p>“No dia 15 do mês anterior, os professores e os alunos recebem por <i>e-mail</i>, os professores recebem por <i>e-mail</i> e os alunos têm o placard e há uma pagina só para eles no <i>facebook</i>”</p> <p>“Na página deles no <i>facebook</i> ponho lá imagens e reforço e no placard faço estes cartazes e coloco no placard”</p> |
| <b>Papel do coordenador</b>       | Ligação com a Direção Executiva             | “O coordenador tem de ter a sua superioridade”   |

|   |  |   |
|---|--|---|
|   |  | “Fazer algumas perguntas (...) há coisas que tenho de dar conhecimento porque não sou eu que mando na escola”   |
|   | Diplomata  | “Tenho de ser diplomata”  |
|   | Organizado   | “Muito organizado porque é assim, as pessoas ouvem mas se calhar, embora sejam adultas, ou ouviram mal ou estavam a falar com a vizinha e depois dizem que não foi dito”  |
| <b>Relacionamento entre o coordenador e o professor</b> | Bom relacionamento existente entre professores e coordenador | <p>“A maioria dos professores, se o meu relacionamento não fosse bom, eles também não queriam continuar”</p> <p>“É evidente que quem coordena às vezes pode ter de dizer que não é possível”</p> <p>“Se as pessoas tiverem bom senso de perceber que são 90 vezes possível, 99, 95, e 5 não possível, que isso é tentar fazer o melhor então o relacionamento não é bom, é excelente”</p> <p>“Se as pessoas não perceberem que 99 vezes é</p> |

|  |                        |   |
|--|------------------------|---|
|  |                        | possível e aquela não foi, já não entende, isso aí o relacionamento é só bom”   |
| <b>Reação dos professores e dos alunos em relação à universidade</b> | Reação dos alunos      | <p>“Penso que a reação à de ser boa, os resultados é que dizem”</p> <p>“Eles reconhecem que são bem acompanhados e que o projeto está bem programado”</p> <p>“Tem de sempre separar o apoio que se dá, a atenção que se dá, o esclarecimento de dúvidas, a integração deles, tem de sempre separar disso de uma linha que é uma linha de muita confiança”</p> |
|  | Reação dos professores | <p>“A maioria dos professores sabendo das dificuldades e das contingências que é dar aulas a esta população gosta e quer continuar”</p> <p>“As dificuldades são: a disparidade de habilitações”</p> <p>“Então uma das principais dificuldades é conciliar dentro de uma sala de aula esses níveis de saber que são diferentes”</p>                            |

|  |                                  |   |
|--|----------------------------------|---|
|  |                                  | <p>“A professora que era voluntária e que depois dava português falou comigo no sentido (...) que eles não se esforçavam tanto como parecia e que ela já estava um bocadinho cansada”</p>   |
| <p><b>Popularidade da universidade</b></p> | <p>Muito popular na região</p>   | <p>“Eu acho que é procurada q.b.”</p> <p>“Nós temos 30 alunos e não queremos mais porque nós queremos garantir uma turma sénior”</p> <p>“Dentro dos nossos objetivos é procurada, nós até agora atingimos os nossos objetivos”</p> <p>“Nós ultrapassamos os 30 alunos e o nosso objetivo inicial era 12 a 15”</p> <p>“Nós queremos garantir uma turma sénior porque também, para a escola, implicaria salas e estruturas”</p> |
| <p><b>Grau de satisfação</b></p>           | <p>Satisfeito</p>                | <p>“Sim, estou satisfeito, claro que há sempre dificuldades mas estou muito satisfeito”</p>   |
| <p><b>Aspetos a melhorar</b></p>           | <p>Progresso da universidade</p> | <p>“Olhe há sempre coisas para melhorar”</p>  |

|   |                                    |  |
|---|------------------------------------|--|
|   |                                    | <p>“Eu penso é que é importante que eles ofereçam alguma coisa e não recebam só, até porque depois sentem-se mais envolvidos, também, e no fundo, a aprendizagem, quando produz alguma coisa, o esforço é sempre muito maior do que parece”</p> <p>“Eu não sou a favor de um sistema muito formal, mas acho que se lhes devia exigir alguma coisa porque exige-se mas não se chega a exigir, conversasse, motivasse, mas eles deveriam fazer alguma coisa”</p> |
| <p><b>Importância das universidades seniores para um envelhecimento ativo</b></p> | <p>Aceitação da terceira idade</p> | <p>“As pessoas, penso eu, levam a vida toda a quererem ser aceites, a quererem se compreendidas”</p> <p>“Às vezes as pessoas gostam mais de ser compreendidas e aceites do que serem amadas porque as pessoas precisam de se sentir compreendidas”</p>   |

|  |                                      |   |
|--|--------------------------------------|---|
|  | Aprendizagem na terceira idade       | <p>“Vão deixando de se interessar por coisas novas, vão deixando de treinar o cérebro”</p> <p>“As pessoas veem para aqui para aprender”</p>                                 |
|  | Diminuição de preconceitos           | <p>“Uma pessoa que queira quer não, a nossa sociedade está cheia de preconceitos de todos os tipos e a própria idade é preconceito”</p> <p>“A velhice é um preconceito”</p> |
|  | Fuga ao isolamento                   | <p>“Precisam de não se sentirem sós”</p> <p>“Há falta de tempo, as pessoas sentem-se muito sós, muito abandonadas e vão perdendo o interesse pela vida”</p>                 |
|  | Socialização entre os alunos         | <p>“Veem muito para socializar”</p>   |
|  | Redução de doenças na terceira idade | <p>“O estado acaba por lucrar com isto porque isto evita muitas situações que exigiriam tratamento médico, medicamento”</p>   |

### Apêndice 16- Análise do documento “Estatuto da USGZ”

| <b>Dimensões</b>         | <b>Indicadores</b>                 |
|--------------------------|------------------------------------|
| Fundamentação do projeto | Contexto histórico                 |
|                          | Objetivos do projeto               |
|                          | Horário                            |
|                          | Instalações                        |
|                          | Inscrição                          |
|                          | Condições de acesso                |
|                          | Faltas, suspensão e desistência    |
| Perfil dos alunos        | Constituição da turma              |
|                          | Informações gerais sobre os alunos |
|                          | Deveres dos alunos                 |
| Professores              | Escolha dos professores            |
|                          | Habilitações                       |
|                          | Tipo de regime                     |
| Atividades educativas    | Programação                        |
|                          | Visitas de estudo                  |
|                          | Atividades diversas                |